ANNO XXVI
NUMERO 24
Rio, 11 de Junho de 1932
PREÇO: 1$000
FON-FON

Noite Adoravel

NOITE de alegria, de musica, de amor . . . Instantes divinos e inesqueciveis que um malestar fisico repentino — dôr de cabeça, de dentes, nevralgia, etc., pode perturbar.

Pelo sim, pelo não, devemos ter sempre comnosco a insubstituivel

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem afetar o organismo. » »

É tambem ideal contra enxaqueca, incomodos femininos, dôres de ouvidos, reumatismo, resfriados, etc. » » »

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

A PROVA FINAL

De Fran Martins

TODOS sabem como eu e o Pedrinho eramos amigos:

Criámo-nos juntos, naquella triste cidadezinha do Rio Grande, sob um céo de azul melancolico e transpondo cochilhas nas correrias doidas com que costumavamos experimentar os poltros bravios. Estudámos no mesmo collegio e depois, na Academia e na nossa vida particular, fomos sempre como irmãos, inseparaveis e affectuosos.

Elle abraçou a carreira medica e eu faria o mesmo si pudesse lutar com cadaveres a vida inteira. Como tenho temperamento differente a respeito dessas coisas — sou incapaz de almoçar no dia em que vejo alguem morto — entrei para a Faculdade de Direito, que era essa, aliás, a vontade do meu pae. Mas a nossa velha camaradagem em nada se modificou e continuámos sempre juntos, morando os dois em quartos vizinhos no hotel. Quando concluí o meu curso, um anno antes delle, ainda já esperei a sua vez de abandonar a Faculdade. Assim eu queria prolongar o nosso convivio, porque sabia que então seriamos obrigados a separar-nos pela primeira vez. O Pedrinho promettêra ao pae permanecer algum tempo na fazenda — dois annos no maximo — e eu ia trabalhar na redacção da "Gazeta", o jornal politico que o meu tio, velho conselheiro dos Pampas, dirigia aqui mesmo, no Rio.

Logo poucos dias depois do Pedrinho embarcar para o interior tive uma aventura que é o pivot desta historia e que, á primeira vista, a muita gente parecerá banal: apaixonei-me por uma mulher a unica vez desde minha infancia.

Fiquei pensando porque aquillo acontecêra justamente no momento em que o meu amigo me deixava e, certa noite — já se haviam passado mezes — cheguei até a crêr que aquella mulher talvez me fizesse perder a amizade do meu companheiro pelo grande affecto que eu então já lhe devotava. Não podia conter-me e passei uma carta ao Pedro Antunes narrando todo o meu romance amoroso — excluindo as preoccupações, está visto — e esperei ansioso a resposta para ouvir a sua opinião. Elle me escreveu no correio seguinte, dizendo-me pesaroso por não poder vir abraçar-me pela victoria da conquista, e isso me tirou um peso enorme do coração, dissipando-se as minhas preoccupações.

Accrescentava o meu amigo, na carta, que o pae estava bastante mal da sua velha bronchite, o que impedia de afastar-se da cabeceira da cama. Talvez quando nos vissemos na proxima vez o coronel não existisse mais. Isso era duplamente doloroso para elle, porque perderia o abnegado progenitor a quem tanto queria e porque se veria obrigado a permanecer por todo o resto da vida vegetando na fazenda, lutando com trabalhadores e cuidando elle mesmo de todos os outros negocios.

A sorte, infelizmente, não lhe foi propicia. Não se havia passado um mez quando recebi um telegramma communicando-me o fallecimento do coronel Gustavo na noite do domingo ultimo daquelle frio e melancolico mez de junho, que findava.

A morte do meu padrinho Gustavo foi para mim um doloroso acontecimento. Abalou-me profundamente. Eu recordava quanto os seus conselhos e as attenções com que me cumulava no collegio serviram para mais arraigar, solidificar a minha amizade com o inesquecivel Pedrinho. Mandei celebrar uma missa no setimo dia do fallecimento, fiquei em casa mais tres sem ir ao jornal e cinco sem ver a namorada. Estava verdadeiramente condoido e senti essa morte como si o coronel, meu padrinho, fosse o meu verdadeiro pae.

Por essa época, aconteceu tambem um caso interessante, cujo significado merece importancia nesta historia. E' coisa banal: passados alguns dias, a minha namorada bateu azas, sem nada me dizer, sem ao menos deixar-me o novo endereço por onde, mais tarde, pudesse eu tornar a encontral-a. Não nego que fiquei um pouco aborrecido e de então para cá nunca mais procurei namorar ou amar uma mulher. Quando alguma quer interessar-me, digo commigo mesmo que ellas tão todas iguaes e isso tem o poder de afastar de mim a tentação das saias; quero dizer, do sexo fraco. Aquella paixão foi o caixão mortuario de toda a historia amorosa de minha vida.

O decorrer do tempo teve bastante poder para que a neve do esquecimento, provocada talvez pela luta diaria em que vivo, seja na imprensa ou no escriptorio, cahisse sobre esses acontecimentos. Já nem delles me lembrava quando um dia recebi uma carta do Pedrinho communicando-me estar noivo e ao mesmo tempo convidando-me para ser seu padrinho. Reflecti que tambem já poderia ter casado, mas a alegria em que fiquei apagou a minha dor. Ia emfim, descançar o meu amigo e com isso eu me sentia bem.

Na vespera do casamento, tomei um nocturno e, na manhã seguinte, desembarquei na cidadezinha mais proxima da fazenda, onde havia muito, morava o meu amigo, entregando-se aos poucos á sua profissão. O sol ainda estava encoberto pelas nuvens e uma chuvazinha lenta parecia trespassar com os seus pingos de melancolia a alma soffredora da gente. O Pedrinho me esperava na estação com um forte abraço e, emquanto o carro nos conduzia á sua casa, fazia perguntas e mais perguntas sobre as coisas da capital. Depois contou-me como fôra o seu noivado, os predicados da noiva — era sua prima — e a felicidade que esperava ter no casamento. Eu tambem já me ia sentindo feliz por ver que o meu amigo realmente o era, quando o automovel parou á porta do Pedro Antunes. Permaneci em casa até tarde e só sahi quando o Pedrinho me convidou para apresentar-me á noiva.

— Ella já gosta de ti, dizia. Todos os dias falamos de tua pessôa e a Maria já se refere a ti com tanta intimidade como si realmente te conhecesse.

Uma grande decepção, porém, me abalou de todo. A noiva do Pedro Antunes, a mulher que o meu amigo elegêra para fazer-lhe a felicidade era a que me tinha por algum tempo tornado infeliz, a Maria do Céo, minha ex-namorada. Deus do céo! Saberia o Pedrinho do acontecido? Certamente que não; ella não lho teria dito. Talvez até ella estivesse innocente e o unico causador de tudo fosse eu.

Daquella hora em deante não

(Continúa na pag. seguinte)

comprehendi mais o que se passava commigo. Lembro-me só que estive no almoço, disse duas palavras de saudação ao Pedro Antunes, assisti circumspecto ao casamento e no dia seguinte regressei com febre pelo horario das nove. Eu ainda hoje — apesar do Pedro Antunes jamais me ter falado da esposa — sinto a dor profunda que me feriu a alma naquelle instante em que, pegado na mão da noiva pallida, o meu amigo falou risonhamente, a bater-me no hombro:

— Este aqui, Maria do Céo, é o Zé Carvalho. Não lhe parece que é o meu irmão, o verdadeiro irmão que encontrei na vida?

Apesar de tudo, o meu soffrimento não ficou até ahi. Alguns annos depois, repentinamente, deixei de receber cartas do Pedro Antunes. Escrevia-lhe pedindo noticias e as cartas voltavam sempre ás minhas mãos, com a mesma nota do agente do correio: "O destinatario mudou-se sem deixar o endereço".

A PROVA FINAL

(Conclusão)

Assim passaram-se mezes, até que certa noite — eram quasi 12 horas — alguem tocou a campainha e eu ouvi uma exclamação do criado. Momentos depois, empurrando mansamente a porta do meu gabinete, o Pedro Antunes, em pessôa, surprehendeu-me estudando e quasi que me fez desmaiar de susto.

— Mas você, Pedrinho, sem ao menos avisar-me!

E abraçamo-nos como se abraçam dois irmãos que passam annos sem se ver.

Eu o interrogava sofregamente sobre os seus negocios e a familia. Mas o meu amigo, emquanto estava a responder, ia ficando pállido, a voz fraca, lenta, muito lenta. Parece que o estou vendo aqui deante de mim, as duas mãos apoiadas na cabeça — era o seu habito — e os olhos a brilharem tristemente.

Supponz um caso grave e, antes de interrogál-o, o meu amigo foi me explicando, sem rodeios:

— E' verdade, Zé Carvalho, tenho um caso sério a tratar comtigo.

A voz tornou-se mais baixa e julguei que o Pedrinho tinha sido abalado por uma emoção profunda.

Pensei logo na Maria do Céo. Para disfarçar, offereci-lhe um calice de licor e um cigarro. O meu amigo retrucou, sem tocál-os:

— Nunca mais beberei nem fumarei. Estou impossibilitado disso. Prefiro tratar do nosso caso e para o mesmo peço a tua attenção.

Devo ter ficado livido e tremulo, porque tambem não accendi o meu cigarro. E' certo que tive mêdo.

— Sabes que tenho um filho — continuou, — do qual não pudeste ir ser padrinho mas que conserva o teu nome como signal da nossa amizade. Esse menino conta já seis annos. Tu sempre foste meu amigo, não foste? Pois chegou a hora de me prestares um grande serviço. Toma aos teus cuidados, ao menos por pouco tempo, o meu

---

SIM, MAMÃE!

— ETIENNE, presta bem attenção quando atravessar as ruas!

— Sim, mamãe.

— Etienne, levas um lenço limpo?

— Sim, mamãe.

— Etienne, não demores em voltar.

— Sim, mam...

O final da palavra perdeu-se no brouhaha de fóra.

Etienne Bourdu desceu a escada, ganhando a porta da rua.

Ouvindo as recommendações que todos os dias elle recebe do patamar do quarto andar, pensar-se-ia que Etienne tinha cinco ou seis annos. Elle ia completar vinte e cinco.

Mas Mme. Bourdu nunca se convencia, de que os seus conselhos, agora pueris, dirigiam-se a um homem.

Viuva muito cêdo, Mme. Bourdu educára Etienne com a magra pensão deixada pelo funccionario seu defunto marido.

Renda essa á qual ella juntava o resultado de alguns trabalhos de costura, miseravelmente pagos, que mantinham Mme. Bourdu no que ella chamava: sua posição.

Um amor egoista creou em torno da creança uma solicitude que a tornou prisioneira de sua existencia.

E desenvolveu-se, n'um corpanzil de hombros largos, uma physionomia de traços energicos, certa timidez que uma outra educação teria dissipado.

Nunca Etienne ousou contradizer a mãe. Ella dispoz d'elle, obrigando-o a tornar-se burocrata quando elle sonhava rudes aventuras. Elle deixou-se enfermar; acceitava tudo o que ella decidia, incapaz de lhe resistir.

Aos domingos, sahiam juntos. Etienne não ousava posar o olhar furtivo sobre o que sua mãe lhe prohibia de olhar.

Tambem não parecia vêr que uma linda menina roçava por elles. De casamento não se falava nunca, não acudindo nunca, a Mme. Bourdu, a idéa de que seu filho a pudesse deixar. Quanto a trazer uma nóra ao domicilio materno, Etienne, tremia só de pensar. Propôr a uma joven submetter-se á autoridade de Mme. Bourdu, era impossivel. Com razão, Etienne julgava assim.

Prisioneiro, soffria em silencio. Ser amado com tal despotismo equivalia a carregar pesadas cadeias.

No emtanto, elle não via meios de sahir d'essa situação. Não obstante os desejos de affecto que o devoravam, elle mantinha-se n'uma reserva glacial a respeito da mocidade feminina que trabalhava no mesmo escriptorio. Chamavam-n'o alli de urso, elle não ignorava.

Era para elle um pequeno drama quotidiano,

pobre filhinho. Eu parto amanhã para a Europa, ás nove, pelo "Cuyabá". Vim aqui só supplicar-te este obsequio. Tenho muito que fazer esta noite. Toma conta do meu Zézinho, Zé Carvalho e sê para elle um segundo pae. Essa será a prova final da nossa amizade.

E antes que me desfizesse da surpreza, o Pedro Antunes abraçou-me e sahiu. Não tive nem tempo de perguntar-lhe onde estava hospedado ou o que succedêra. Só sabia que o meu amigo partia no dia seguinte e o Zezinho ficaria commigo.

Passei todo o resto da noite em claro, amontoando pensamentos sobre o acontecido. E Maria do Céo? morrêra? nem uma palavra sobre ella. Que teria succedido ao Pedro Antunes? Oh! Essa sexta-feira de agosto permanecerá sempre no meu espirito, mysteriosa e lugubre como ella foi!

No dia seguinte, mal raiou o sol, estava eu no caes, a esperar o meu amigo. As horas passavam voando e elle não apparecia. Só quando o navio apitou a segunda vez é que vi a Maria do Céo sahir do meio da multidão com o Zézinho e dirigir-se para mim. Trajavam ambos rigoroso luto. Eu não comprehendia aquillo e a mulher não disse palavra, os olhos baixos, beijando o filhinho na testa, desfeita em pranto. Depois nos abandonou, sumiu-se na multidão, entrou para o navio e, quando este partia, vi-a debruçada na amurada, os olhos, cheios de lagrimas a passarem de mim para o Zézinho, como se me recommendasse a criança. Desappareceu em seguida e o navio aos poucos se afastou, deixando-me na mais completa confusão.

Soube depois pelo pequeno que o Pedro Antunes tinha fallecido oito dias atrás, havendo dito nos seus ultimos momentos que a Maria do Céo me désse o menino para educar, que eu seria o seu segundo pae.

A pobre mulher cumpriu a vontade do marido — saberia elle do occorrido entre nós? — e falleceu tuberculosa faz dois annos, em um dos mosteiros de Paris.

O Zézinho está agora estudando interno num collegio, mas todos os mezes vem passar um domingo commigo. Então eu lhe conto a amizade que me uniu ao seu pae e, nas nossas refeições, deixo sempre um logar vago na mesa, servido como si alli estivesse alguem, embora isso cause admiração á pobre criança, que jamais comprehenderá a razão de ser de tal esquisitice.

Porque, conquanto *nunca mais* possa comer nem beber, eu sei perfeitamente que o Pedro Antunes está alli comnosco, a face pallida voltada para mim e as duas mãos apoiadas na cabeça, agradecendo risonhamente a prova final da nossa amizade, a promessa feita entre companheiros que, embora um já morto, desde criança brincavam sob o mesmo céo de azul melancolico e foram tidos em tudo na vida — até no amor — como dois bons e leaes amigos, dois verdadeiros e affectuosos irmãos...

---

um martyrio que ninguem penetrava.

Quasi todas as noites encontrava uma joven cujo caminho era o mesmo que elle seguia. Não muito bonita, um rosto irregular, porem olhos superbos, vestida com gôsto e muito simplesmente. Etienne notou-a. Em breve, o caminho pareceu-lhe longo, quando não a via.

Elle quiz dominar-se, parecer reservado mais ainda que habitualmente. Mas uma tarde, cheio de impetos de ternura, sentiu-se vencido, bruscamente. Um olhar trahiu-o. Trocaram algumas palavras. Depois falaram-se mais longamente. Sem sentir a necessidade d'uma confissão, elles comprehenderam que se amavam.

Etienne não quiz esconder da amiga qual o gráo de timidez que o paralyzava deante de sua mãe. E que pavor a idéa de lhe annunciar que tinha um amor no coração!

Cabisbaixa, Rosa ouvia-o.

Orphã, havia sido educada por uma tia que a deixava intelligentemente livre nos seus actos e sentimentos. De fórmas que a moça não comprehendia absolutamente semelhantes hesitações.

— Meu pobre Etienne, você não vencerá nunca!

— Sim, Rosa, juro-lhe, mas eu preciso habituar-me pouco a pouco. Amanhã falarei, prometto.

— Amanhã? — repetia Rosa, entre desconfiada e triste.

— Amanhã, você verá.

No dia seguinte, Etienne não falou.

Furioso com a sua fraqueza, tomou uma heroica resolução. Resolução brutal, de timido. Aquella noite elle não dormiria em casa. A tia de Rosa o acolheria como um filho. Deante do facto realizado, sua mãe perderia toda a força. Um momento duro de passar, mas depois tudo se arranjaria.

— Esta noite, dizia Etienne, esta noite, serei livre. Emfim!...

Com a cabeça em fogo, caminhava a passos largos, e já não sabia, com a perturbação, si era feliz ou infeliz.

Foi quando um ajuntamento o impediu de descer a calçada.

Pessôas riam-se, outros pronunciavam palavras de piedade em torno da tal coisa invisivel para Etienne. Uma mulher, apparecendo, poz-se a dar cotoveladas.

— Deixem-n'a!, gritou ella, eu a conheço; é inoffensiva. Vou reconduzil-a á casa. Ella móra na mesma casa que eu. Está gira desde que lhe morreu o filho.

Etienne viu a roda de basbaques abrir-se para dar passagem á mulher. Pelo seu braço uma velha gesticulava, com as vestes em desordem, os cabellos brancos cahidos, cobrindo parte do rosto côr de cêra, de pupillas dilatadas.

O grupo seguiu as duas mulheres, dispersando-se em seguida.

Com as pernas tremulas, Etienne estava immovel, com o coração gelado. Pareceu-lhe ouvir um grito de desespero e

(Cont. na pag. seguinte)

ARROUBOS

DE SEMPRONIO

ANDO verdadeiramente encantado com os doces tormentos desta vida, que outra coisa não são, de facto, nossas alegrias.

Por toda a parte me assaltam as delicias que me são dadas, em contemplação, pela excelsa presença, de que eu mesmo, com este amôrzão, á Leandro e á Romeu, pela parte que me toca, sou uma palpavel manifestação.

Que riqueza, sem par, a de meus olhos, que sabem desfructar e guardar, para si, toda essa inenarravel perspectiva, que chamamos "Universo", esse naufragio lucido de espheras, no azul inconsutil dos céos!

Por isso estou (talvez para me consolar), que é preferivel contemplar do que comprehender, adorar do que possuir, renunciar com os olhos, do que apropriar-se com a mão ávida.

Aquella que amo retribue-me todo esse meu incommensuravel affecto, com o thesoiro da sua presença...

Faz annos que a vêjo, como vêjo a lua e como vêjo a aurora. Como vêjo as flôres e como vêjo os passaros chilreando...

Por que a amo, assim, meu Deus!?...

Não é pragmatista a razão humana?...

Não são suas miras eternas o necessario e o util!... Tudo o mais não são phantasmas que se geram das sombras da noite ou de pesadêllos!?...

Ella não me ama! Vou quasi me habituando a esse *de profundis* do meu coração, e experimentando as esquisitas sublimações dessa fatal consumpção, que me abate o animo, mas me dá energias para a amar cada vez mais, como si fôra esta minha unica vocação neste mundo!

Deve haver, por força, no commercio da carne, como no do espirito, fundas syntaxes: essas sympathias que, parece, epilogam nossos destinos, desde que *desencontamos* os nortes magneticos do

---

SIM, MAMÃE!

(Concluido)

não sabia mais si havia partido da multidão ou d'essa outra velha, lá em cima, que elle ia abandonar.

N'essa tarde, Etienne deixou o escriptorio uma hora mais cêdo. Deante da pallidez do moço, não foi difficil ao chefe convencer-se de que elle estava doente. Elle tomou um caminho diverso, por estar seguro de não encontrar com Rosa.

E, depois de errar, sem saber o tempo decorrido, preoccupado em apparentar calma, chegou em casa, com atrazo de alguns minutos.

Sua mãe esperava-o á janella. Abriu-lhe a porta, com ar inquieto:

— Chegas tarde. Trabalhaste muito? Vou dar-te um chá de tilhas. Deitar-te-ás logo após o jantar.

Esmagado pelo desespero, certo aliás de não mais arrancar o cabresto que o asphyxiava, com voz apenas perceptivel, Etienne respondeu, humildemente:

— Sim, mamãe!

FANNY CLAR

nosso coração. Não ha fugil-os. Elles trazem o imperativo duma fatalidade.

O amôr nasce no coração como um cogumelo, ou doce ou amargo. Attinge, de prompto, seu talhe adulto, ou nunca passa de creança, com a sua aljava a tiracollo...

E eu quanto tempo já lá não vae que a amo, como um louco.

Ella o sabe. Tenho-lh'o dito mil vezes. Quero illudir-me, porém. Ou faz-me bem, um infinito bem, esse amôr, assim infeliz. Por que, não resta duvida, é uma grande coisa amar, seja como fôr!

Muitas vezes um amôr só é sublime, porque foi desgraçado. Todos os grandes amôres se aferiram por essa crivagem de amargura. Só amaram, verdadeiramente, os que foram desdenhados pelas suas bellas...

Por isso, dizia eu: talvez seja preferivel adorar do que possuir.

O gozo mata o desejo. E' o pelourinho da fé. O sepulchro da esperança.

No amôr, tudo se perde, ganhando-se. O amôr que se frúe é um amôr que morre. Morrem os beijos. Morrem os abraços. Tambem morre o coração.

Só é immortal o que vive em desejo e esperança: o que se realiza entra a morrer, e succumbe. O prazer que se experimentou é o cadaver do prazer que se aspirou. O gozo é um nati-morto.

Sempre me capacitei do erro e loucura dos philosophos que perseveram na insensata temeridade de tudo explicarem! Tudo elles querem pesar e medir — céos e terra.

Justamente porque escapam, em absoluto, á alçada rasteira das nossas sensações — não estamos sempre a nos embevecer ante a contemplação muda do Infinito?

Não seria horrivel este habitaculo se um Einstein o medisse, em léguas, kilometros, ou segundos-luz!?...

Que seria de mim, *meu bem*, si me fôra dado sondar os abysmos da tua ingratidão, que me parecem, ás vezes, tão razinhos... quando me olhas, dum certo modo, que não posso me explicar, assim... demoradamente?...

Oh! Por que não tens pena de mim?... Por que me deixas levar esta vida horrivel, de alternativas, a repetir-me, hora por outra: "Como sou feliz! Como sou infeliz!..." E' o estribilho do meu coração...

Bem sei — amo em ti a tua presença incorporea: a luz dos teus olhos meigos, a doçura dos teus sorrisos, o brilho humido dos teus dentes certinhos, como um collar de praça, os beijos immaturos da tua bôcca vermelha e floreada, os abraços, ainda em poder dos teus braços enleiantes como as serpentes do peccado...

Amo-te toda, dos pés á cabeça. O desenho do teu corpo, com as suas curvas macias e sua compleição discreta e enygmatica, que te faz amar como a uma mulher e dá vontade de te carregar nos braços, como si fôra uma creança.

Amo-te assim, como te digo, sem esperança e sem remissão.

E, quem sabe, haveria de sempre te amar só com te vêr, por unico premio da minha paixão, como amo a estrella dalva que, tantas vezes, me surprehende, ainda desperto, a sonhar comtigo, a viver comtigo em espirito... a escogitar porque o amôr, sendo o evangelho da Natureza, foi escravizado pelos homens, que lhe cortaram o remigio das fundas alturas, a elle, a coisa mais livre e mais profusa da Creação!

Adoro-te! Talvez porque não me amas, seria isso possivel? Porque, si me amásses eu abusaria da minha felicidade, decerto não teria a prudencia necessaria de ser feliz, em regra, devagarinho...

Ouve-me! Ouve-me! eu t'o supplico: mata-me o coração com o teu amôr. Sê para mim como um carrasco chinez — mata-me ao fôgo brando dos teus beijos, garroteia-me com os teus abraços...

NENOP E CONSUELO (Barcelona — Hespanha) — Antes de tudo, uma saudação ás lindas hespanholas, representadas nas illustres e formosas pessôas de vv. eex.

Viva a Hespanha! Essa maravilhosa terra a que o poeta cubano chamou num poema, "la España de leyenda".

São bellos os versos:

En un tapiz yo veo la España de
[leyenda;
en un tapiz que teje mi loca fan-
[tasia...
.. ..
Es la España que vence al árabe
[guerrero
en su epopeya intrépida de san-
[grientas cruzadas,
es Castilla que impone su pendón
[altanero
por el fuego y al choque de area-
[buces e espadas...

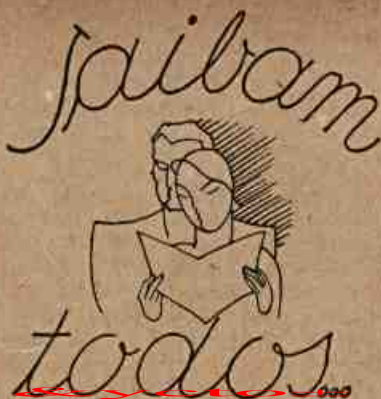
Eu adoro a patria de vv. eex. Pelos feitos dos seus heroes e pela gloria de seus poetas.

A Hespanha é realmente um ninho de lendas, de maravilhas e sonhos. As lendas vivem e cantam nas paginas da sua historia, cheia de lances guerreiros e fidalguia; as maravilhas são as suas mulheres formosas, enfeitadas de rosas e estalando as castanholas provocantes; os sonhos moram na imaginação, não só dos seus poetas, mas na alma de todos os que a admiram.

Bem. Agora passemos ao estudo do caracter através da physionomia.

Primeiro o de *Nenop*.

Depois de estudar os detalhes que me forneceu, relativamente á sua physionomia, e de observar a sua foto, cheguei á seguinte conclusão:

V. ex. é uma creatura em cuja alma se trava um continuo conflicto de sentimentos. E' rigida, inflexivel na sua vontade tenaz e nos seus caprichos mas procura demonstrar ser doce e amavel, combatendo, interiormente, esse lado mau do seu caracter. Moralmente é firme e prompta nos seus actos. Contrariada nos seus desejos, usa da violencia para fazer preponderar a sua vontade. A's vezes, dá mostras de egoismo, pois é um tanto vaidosa e colloca muito alto a sua pessôa. Illustrada, intelligente, é franca e simplificadora no seu modo de agir. E' discreta. Possue bôa saude. Menos alegre do que sentimental, propende para uma melancolia que é, talvez, o resultado de desgostos intimos, inesperados.

O seu labio inferior, um tanto carnudo, indica ser uma pessôa amiga dos prazeres materiaes e dispôr de um appetite excellente.

E' capaz de amar com firmeza; mas, quando já não ama, odeia com tyrannia e despotismo.

Vejamos o estudo de D. Consuelo, a sua distincta amiguinha.

Ah! possue ella uma personalidade curiosa.

Examinando longamente os traços do seu rosto, cheguei a este resultado:

Trata-se de uma pessôa excessivamente dissimulada, o que não impede use, por vezes, de uma franqueza rude. Tenaz, teimosa, é de uma inflexibilidade invencivel. Não raro, é violenta e na luta sabe atacar o inimigo com vantagem aggredindo-o antes de ser aggredida. Em summa, é "una mujer valiente".

Ambiciosa, no sentido de elevar-se, de subir, de vencer na vida, é, no emtanto, uma creatura simples, expansiva, e de bom gosto. Cerebral, intelligente, as suas idéas e attitudes se caracterizam pela clareza e destemor.

Nada sentimental, dificilmente verá seu coração vencido pelo amor.

D. Consuelo e d. Nenop são bonitas. Duas hespanholas cheias de "salero". Escolher entre as duas? Não é tarefa simples.

LETHES (Capital) — V. ex. me envia um cartão, onde me interroga deste modo:

"Ao Yves, Lethes faz esta pergunta:

— Qual amor fica menos esquecido na vida de um homem: o espiritual, platonico ou o amor desvario?"

Resposta:

1º — Tudo que se relaciona com a nossa vida psychica tem uma importancia relativa. Depende de cada um de nós.

A meu vêr, o amor platonico (tratandose de um homem e uma mulher, sem laços de parentescos) é uma phrase literaria, não passa de engenhoso euphemismo.

Si, porém, amor platonico é o amor que não passou do puro contemplativismo, e de desejos frustados, acredito que o homem só o recordará como quem evóca um fracasso, uma derrota, uma batalha perdida — em proveito de *outro*, que ficou a rir do vencido ridiculo...

2º — O amor-desvario... "L'amour-passion — diz Stendhal — est tourmenté et précaire". E' o amor em estado de crise violenta, que não se póde manter em tal paroxismo e está sempre destinado a tragedias.

Assim, o que delle se recorda é o ultimo acto de uma tragedia. Tragedia que culminou com uma separação cheia de odio, de sangue, de clamor de nôjo, ou de lagrimas. Tragedia de alma, de coração e de cerebro. Tragedia na sua plenitude.

Ora, em taes casos, não se relembra o amor-platonico, nem mais, nem menos que o outro. Um

não passou de um desejo incubado, medroso, covarde. Foi amor que não sahiu da imaginação, ou do espirito, como queira; e não sahiu por inhabilidade ou covardia; o outro é o amor-louco, o amor-allucinação, que dominava o corpo e o espirito; especie de incendio para o qual não havia bombeiro, e que, dado o rompimento inevitavel, — um dos dois ficou reduzido a carvão ou a cinza, e o outro, a archote ambulante.

Como vê, tanto se recorda o primeiro como o segundo.

A sua pergunta devia ser assim formulada: "De que módo é que um homem recorda um amor-platonico e um amor-desvario?"

Si fosse esse o objecto do seu questionario, eu responderia: — recordo o primeiro com a decepção de quem commetteu um acto de cretinismo; rememóro o segundo, com o desejo de reconquistar um affecto futuro mais ainda do que perdi com o amor-desvario.

Não ha por ahi quem deseje dar a sua opinião á D. Lethes?

FRANZ (S. Paulo) — O seu poema xxx demonstra que o sr. possue sentimento e será capaz de melhores coisas.

Mas, pelo amor de Deus! não diga a ninguem que lhe escrevi esta palavra de estimulo... Senão os poetastros não me deixarão mais em socego...

Estou olhando daqui a pilha de cartas que me espera e fico tremendo de medo. Eu sei que *tudo aquillo* é poeta! Poeta, verso poesia! Valei-me Nossa Senhora! Quem é que me empresta um revolver e uma caixa de balas?

Ah, si eu arranjasse uma metralhadora!...

Caro Franz, o sr. deve ser allemão; mas quem paga pelo que não *fez*, sou eu o *hollandez*...

Outra coisa. *Fui eu quem te deixei* não está certo. *Fui eu quem te deixou.*

MOURA SILVERA (Capital) — Aqui está, na sua integra, a missiva que me endereçou:

"Yves. Desejaria que tomasse com attenção esse meu primeiro trabalho para "Fon-Fon" e que, analysando-o me fizesse saber por intermedio de "Saibam todos" quaes as suas impressões sobre elle.

Embora seja este o primeiro trabalho para a *sua* revista, não quera dizer que se me seja elle o *primogenito*. Essa confissão vae apresentar desvantagens para o "favoravel" do julgamento. Mas, costumo *ainda* ser leal...

E na grande espectativa de resposta, termino, com o meu "cheque" de immensa gratidão. — *M. de Moura Silvera.*"

Em arte, não ha concessões. Para mim não ha *primeiro*, nem *segundo* trabalho. Escrever, fazer literatura não é genero de primeira necessidade, como os que se adquirem nas "feiras livres".

Escreve quem sabe escrever. Uma obra ou é boa, ou é mediocre ou é má. Agora, para justificar uma dessas classificações não se deve alegar que é a *primeira*, a *segunda* ou a *terceira* do seu autor.

Tinha graça que, numa exposição de marmores, fosse o criterio perdoar o autor de uma esculptura, que a fizesse um pouco torta, sob a desculpa de que era a sua "primeira producção".

Meu caro, em arte, não ha meios termos. Um autor deve arrostar com a responsabilidade do seu trabalho e acceitar a justiça ou in justiça da critica — sem lhe negar o direito de opinião. O mais que o sr. pode fazer é replicar ao critico e demonstrar que elle está fóra da razão.

E' assim que procedo. Apenas uso de dois processos: ou respondo a serio, com elevação e superioridade, ou levo tudo na pilhéria — ou nada respondo, então, — que é, afinal, o mais acertado e coherente.

Vejamos, por exemplo, como eu provo que o seu soneto é um desastre:

CONVALESCENTE

As descoradas faces têm, agora,
Tenues vestigios de um rubor ani-
[mante.
E os labios frios, onde a belleza
[móra.
Sentem ardor de vida palpitante.

Ainda está triste. Muitas vezes
[chóra,
Sem se importar, ao menos um
[instante,
Com a natureza que sorri lá fóra,
Em primavera bella e deslum-
[brante.

Tudo lhe opprime o coração ma-
[goado!...
E, ainda cansada de tão vil tor-
[tura,
Ella, a scismar no seu cruel pas-
[sado,

Vê como grande foi a dôr soffrida
Treme, aos mysterios de uma tum-
[ba escura,
Sente promessas de uma nova
[vida!...

Leia Albalat e compulse os bons poetas francezes e nacionaes. Procure adquirir, antes, um conhecimento mais solido da nossa literatura e das classicas. E, depois, em vez do sr. dizer como outros: "Esse Yves é um cretino, um despeitado que julga só elle ter talento", dirá com sympathia e justiça: "O Yves é um bom camarada. Indica-nos o verdadeiro caminho a seguir. Não faz como outros que elogiam pela frente e pelas costas, desancam o desgraçado"...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON = 11-6-932

Data da consulta......

Nome do consulente......

....

CONTO ANTIGO

Foi no balneario cheio de multidão polychromica: as ondas mansas refrescavam a areia da praia. Continuava obsecando-me sua recordação, quando a surprehendi contemplando o mar de um terraço proximo.

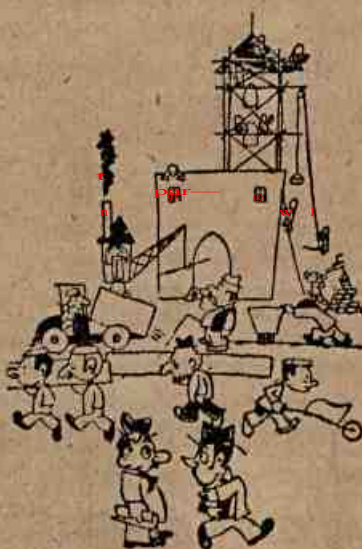
Cheguei até ella e estreitei, em silencio, suas pequeninas mãos brancas. A tarde serena fazia confundir, na linha distante do horizonte, o azul plumbeo do mar com o desmaiado azul do céo. Bandos de passaros viajóres voavam entre os dois azues longinquos; e eu, absorvendo com delicia o perfume que exhalava seu corpo, acompanhei, silencioso, o rumo dos passaros viajóres...

As palavras retardavam-se em minha garganta, e o silencio continuou até que o bando viajor se perdeu no azul. Um sorriso vermelho e branco se desenhou em seus labios e a maravilha rubra de sua bôcca se abriu sobre a maravilha branca de seus dentes: a tarde serena sorriu em seu sorriso.

Nessas tardes radiosas as palavras são uma profanação, e em religioso mutismo é que devemos contemplar a espectaculosa agonia do sol sobre a opala do mar, aspirando o perfume de um maravilhoso corpo de mulher.

Sua mão traçou no ar um vago signal displicente e nós descemos para a praia, que o mar lambia com voluptuosa delicia. As barcas de pescadores caminhavam mar a dentro, e a noite cálida e perfumosa descia, extendendo seu negro encanto de mysterio. Ao longe, a linha escura da costa se estirava como um longo braço sarmentoso, querendo aprisionar as ondas que reflectiam a lua branca e bebiam sua caricia luminosa...

Nossas silhuetas se alongavam na nocturna paizagem marinha como em um chromo nipponico e as sombras de Umegae e Kajiwara deslisaram deante de meus olhos evocando a velha lenda japoneza. Sua carne vibrava com divina angústia e em seus beijos se escondia a delicia de um desmaio.

Meus labios aspiravam insaciados o suave perfume de sua respiração e mais uma vez triumphou em mim o milagre daquella mulher indecifravel e suave...

JOSÉ NUCETE-SARDI

— E, sobretudo, não se esqueça de construir a segunda torre!
— Esteja tranquillo, pois já dei um nózinho no meu lenço!...

O Homem Morre pela Boca

Queda do Cabello
Dentes Cariados e Doentes

Carne Má, Peixe Ruim, Agua infectada, tudo isto encurta a Vida.

Mais Ainda: Todos Fumão hoje (até as Mulheres); muitos comem e bebem mais do que é necessario, e quasi ninguem mastiga bem a comida, como deve.

O Resultado: Todos ficam velhos depressa e morrem mais depressa ainda.

A Melhor Prova: Todos, hoje em dia, sofrem de Queda dos Cabellos; quasi ninguem tem os Dentes Perfeitos e Sãos; está aumentando, cada vez mais, o enorme numero de pessôas que sofrem de Nervosidade, Tonturas, Exgotamento, Desanimo Profundo, Dor de Cabeça, Aborrecimento da Vida, Fraqueza Geral, Doenças do Sangue, do Coração, dos Rins e muitas outras Molestias Perigosas!

Isto já é um Começo de Morte!

O Peior e Mais Grave de tudo é que ninguem sabe quando está começando a ficar doente.

Quando manda chamar o Medico, quasi sempre já é tarde.

Para evitar tantos Perigos, tenha sempre o maior cuidado com o Estomago, intestinos e Figado.

Não use nunca remedios Fortes e Violentos, nem Purgantes, Aguas Purgativas, Oleos Purgativos, Azeites Purgativos, Pastilhas ou Pilulas Purgativas, que fazem sempre Muito Mal a todo o Corpo.

Trate sua Saude com todo cuidado e sempre com muito carinho.

Use somente Remedio Brando e Suave, que cure pouco a pouco, mas de maneira segura, o Estomago, dê Forças aos intestinos e faça bem ao Figado.

Somente assim terá saude.

Nada de impaciencias.

Quem sofreu do Estomago e intestinos, durante muitos annos, quem teve Prisão de Ventre e outras Doenças, annos seguidos, não poderá curar-se em poucos dias, com poucos vidros de remedio.

Use **Ventre-Livre,** Remedio Brando e Suave, tão conhecido e de Enormes Vendas nos mais adeantados paizes do Mundo, para o Tratamento das Doenças do Estomago, intestinos e Figado.

Não sofra mais! Use **Ventre-Livre.**

Comece hoje mesmo a usar **Ventre-Livre.**

«BADÚ»

PEDE-ME Arnaldo Tabayá, o autor de "Badú", a minha opinião sobre o seu romance. Eu não sou critica literaria. Não quero, entretanto, recusar-me a dizer a impressão que o seu livro me causou, mesmo por um sentimento de gratidão pela hora de encantamento que me proporcionou a sua leitura, fazendo-me esquecer um pouco as amofinações da vida. "Badú" é um romance singelo, suave, em que o autor não se preoccupa com o enredo, porque se sente que foi um episodio vivido e não imaginado. Assim sendo, é claro que os factos se succederiam nelle normalmente, sem grandes scenas tragicas ou intempestivas. Tudo nelle é simples, natural, commovente, desde os personagens, os scenarios, até a propria linguagem, que é expressiva, popular, accessivel a todos. Arnaldo Tabayá não teve a preoccupação do estylo, da elegancia da phrase, da adjectivação colorida e original. Quiz ser apenas sincero. Mas, desde as primeiras paginas, o leitor como que toma amizade aos personagens e não é só com o espirito, com a curiosidade natural de quem lê, mas, tambem, com o coração, que elle acompanha o desenrolar dessas scenas tão banaes, tão vistas todos os dias e tão bem aproveitadas pelo autor. Tanto nos attráe a ingenua Badú, quanto a suave Rosinha. Muita gente, simplesmente por convenção taxará esse romance de immoral, por

NO ESCURO

(A Agrippino Grieco)

Um amigo me fez a seguinte observação: a de haver individuos semelhantes aos irracionaes, mostrando-me um que se parecia com um suino. Conheço outro que é em tudo um ophidio...

* * *

E' muito perigoso o enrodilhamento das cobras; o bote é certo e perigoso...

* * *

Dentre os ophidios, o que mais detesto é o "caninana"; sendo domesticavel, é o mais covarde e mais peçonhento.

* * *

Um reptil enganou a Eva e a Adão. O "caninana" enganará a Deus.

* * *

Por causa dos reptis, soffremos as miserias do mundo. Por causa de um, vejo as miserias moraes dos outros...

* * *

Não sei como se possa ter amizade á peçonha. Animar as cobras é incentivar a perfidia.

* * *

Satan, para vencer, metamorphoseou-se de serpente para se impôr ao mundo. Ha quem vista a paramentação da intriga para agradar aos potentados...

* * *

Meu avô sempre me disse não ter médo dos ophidios que fugiam á sua passagem pelas veredas, somente o tendo dos que se occultavam sob a capa de prepotencia...

se tratar de um caso de adulterio. E a sua leitura será prohibida a muitas *jeunes filles*, que não têm a alma e o coração que teve a pobresinha da Badú. Eu julgo o contrario. Si tivesse uma filha mocinha, faria com que ella lesse *Badú* e o commentasse commigo, porque esse livro encerra uma proveitosa lição de moral, deixando vêr bem claramente as tristes consequencias que póde ter uma irreflexão, uma leviandade. Badú pagou com a vida o seu grande amor. Era uma creaturinha má? Cetramente que não. Quantas Badús ha neste mundo!... Rosinha, a doce Rosinha do livro e que, na realidade, talvez não fosse tão nobre, teve a compensação do seu gesto eucharistico. Demais, Arnaldo Tabayá tem trechos muito regionaes nesse romance, e palavras que trescalam o acre perfume das selvas. Vejam esta confissão de amor: "Você tem o gosto das fructas daqui, a doçura destas mattas. Dentro dos olhos de você ha um céo desconhecido, céo do sertão que ninguem viu. O cheiro de você é o perfume de plantas selvagens, é o manacá, é o bogari. Esse pudor delicado, essa bondade derramada, essa vida maravilhosa, é o momento instavel da raça, a flor estranha que fulge e vae morrer. Até ha esse começo de tradicção, a saudade do Norte, o amor ás coisas pobres e miseraveis de nossa terra. Quando nos encontramos, pensei que fosse um capricho, como tantos outros, mas o tempo nos foi prendendo, e quando dei por mim o feitiço estava feito".

Não é sentido mesmo esse amor? Pois "Badú" é todo assim. Vae nos prendendo, prendendo, e quando damos por nós, deixamos pingar uma lagrima sobre aquelle — "Não sei".... —, que fecha essa vigorosa flôr sylvestre de sentimento que é "Badú", de Arnaldo Tabayá.

HELOISA LENTZ

"Cão que ladra não morde", diz o proverbio; não sei para que serviu o veneno da cascavel desde que lhe amarraram á cauda a campainha denunciadora...

* * *

Certos homens são como aquelles batrachios chamados "cobras de duas cabeças": *cegos* andam ao léo... (1).

* * *

Quando vejo morto, num esquife, um individuo que passou a vida a rastejar, lembro-me dos museus onde tambem, em sarcophagos de vidro, os ophidios estão stupidados...

* * *

Sou o fakir da Indifferença: acostumado a lidar com as cobras, nem as suas investidas me attingem, mesmo quando, victima da traição innata, o veneno não produz o desejado effeito...

ADONAI DE MEDEIROS

(1) *Ha duas especies de "cobras de duas cabeças" — uma provida de diminutas escamas, dispostas em fileiras transversaes, de cauda curtissima, quasi identica, essa extremidade, á extremidade cephalica; e outra, de corpo anelado e focinho muito curto. Essas "cobras" são individuos, não da classe dos "reptis" ("ophidios") mas da dos "batrachios", sub-classe dos "apodos" ou "gymnophioneos" (gymnos-nú — ophis-serpentes) e se chamam "caecilia rostrata" e "siphonops annulata" (familia dos cecilideos). (Veja "Zoologia elementar", de Lafayette Rodrigues Pereira, 1.ª edição — 1923 — pags. 512 e 513).*

A R I V A L

"Mãe. — Que dôr não será a tua ao leres esta carta! Porém, eu não podia mais viver. O amôr de Mario era toda a minha vida. Faltou-me. Era fatal.

Mas, quero te contar tudo, mãe. Que coração poderia escolher para este extremo desabafo que não o teu?!

Feliz! Ninguem o foi mais do que eu, mas ninguem o foi tambem por menos tempo!

Mario meu esposo não negou. Mario meu noivo, meu eterno enamorado. Era bom, carinhoso, tão amante, que, muitas vezes, eu me perguntava si seria o meu grande amôr por elle bastante que o compensasse.

Que vida a nossa! Como o adorava e com que orgulho, filho da affeição, o via sempre aos meus pés, em fervorosa idolatria!

Mas veiu a variola.

Só tu, mãe, e Mario, infatigaveis ao meu lado, me salvaram. Antes houvesse morrido. Quando pela primeira vez me ergui do leito, saudei o meu restabelecimento com uma lagrima. Vi-me ao espelho: achei-me tão feia!

A variola deformára-me horrivelmente o rosto.

Desde então, comecei a notar grande mudança em Mario. Terno ainda, sim, mas bem sentia nos seus carinhos um quer que fosse de obrigação: não mais aquella expontaneidade de outrora.

E, a pouco e pouco, mais se foi accentuando essa mudança. Dantes tão pontual, em chegar á casa passou a entrar tarde da noite, desculpando-se sempre com excesso de serviço.

Um dia, a minha modista, com loja no 2.º andar, sobre o escriptorio de advocacia de meu marido, não sei si intencionalmente ou isenta de maldade, falou-me que, por dias seguidos, viu a Laura — cuja deferencia demasiada por Mario, nas reuniões que frequentavamos minha mãe não ignora — tomar o elevador e saltar no 1.º andar.

Não sei que pensamento tive, mãe!

Ao dia seguinte lá fui. Ao deixar o elevador, vi a Laura sahindo do escriptorio de Mario. Pareceu-me comprehender então tudo. Ella veiu a mim, sorridente, exhibindo-me um papel que, embora não me afastando de todo a duvida do espirito, me deixou a incerteza do seu fundamento.

Depois que Laura se foi, pensei em voltar. Mas, já que alli estava, resolvi proseguir. Sabia-o só. Entrei sem me fazer annunciar. E fui encontrál-o, mãe, a beijar, os olhos cheios de pranto, o meu retrato, uma photographia tirada no anno seguinte ao do nosso casamento.

Quando deu por mim, occultou-a ás pressas. Fingi nada ter percebido. Perguntou a que viera. Deilhe uma desculpa qualquer. Despedi-me com um longo beijo em sua face, no qual ia todo o amargor que disfarçava.

Eu tinha uma rival.

Mãe, poderia, acaso, supportar a existencia, com ciume de mim propria, tendo odio de mim mesma?... — Tua filha, Wanda".

João Ramos

— E o novo terno, quando o terei?
— Assim que me tenha pago o precedente.
— Diabo! Não poderei nunca esperar tanto tempo!

O NOME E O ENDEREÇO...

De JACQUES YVES

O "pullman" encarregado de conduzir de Nova-York a São Francisco os millionarios norte-americanos deixou a estação, agitando o ar com o ruido ensurdecedor de ferros velhos.

Tres passageiros occupavam um dos numerosos compartimentos de luxo do interminavel trem. O primeiro desses passageiros era o senhor James Longworscht, de Chicago, alcunhado o "Rei das salchichas de Nove Centimetros". O segundo era uma viajante e, mais precisamente, a senhorita Ellen Longworscht, muito graciosa e, graças ás salchichas de nove centimetros, tambem multi-millionaria. O terceiro passageiro era um senhor Tobias Gorno, joven cavalheiro de Nova-York, acostumado a viajar por distracção.

James Longworscht havia mergulhado todo o nariz em frondoso diario de sessenta e quatro paginas, cuja leitura parecia interessal-o freneticamente. De sessenta annos de idade conservava certa galhardia, que lhe dava apenas cincoenta.

A senhorita Ellen, unica herdeira das salchichas de nove centimetros, era uma mulherzinha loira, de olhos muito limpidos, cujo azul profundo irradiava uma luz mysteriosa sobre a brancura apenas rosada do rosto.

Tobias Gorno, cavalheiro de trinta primaveras, vestia como um figurino de ultima moda e symbolizava physicamente o homem que, não tendo nada a fazer, se vê obrigado a consumir sua existencia entre os pontos do bacará e os sorrisos das bailarinas. Em realidade, não merecia sinão modestamente ser qualificado de celibatario impenitente.

Tobias procurava afanosamente, desde muitos annos, o anjo loiro, moreno, vermelho ou castanho, capaz de manter sempre vivo o fogo sagrado do lar domestico. Mas ainda não lográra conhecer esse anjo por quem tanto suspirava. As agencias matrimoniaes de Nova-York apresentaram-lhe toda uma serie de bellezas desposaveis. Gastou com essas agencias sommas elevadas. Mas nenhuma mulher teve a sorte de agradar a Tobias. A melhor entre as bellezas offerecidas pelas agencias tinha um estomago tão complacente, que consumia diariamente cinco pratos abundantes de massas diversas. Outra dellas era affeiçoada ao box e frequentava o stadio de Connecticut; e tão forte aperto de mãos lhe havia dado, que Tobias sentiu os dedos reduzidos a uma especie de marmelada de carne.

Uma terceira belleza, proposta tambem por uma agencia, soffria de aspirações literarias, e obrigára Tobias a bocejar varias noites seguidas, lendo-lhe capitulos inteiros de sua grande novella inédita, intitulada "Os homens preferem as morenas".

Depois dessas inuteis tentativas, Tobias ficou desolado ao pensar que nunca teria a dita de collocar um anel de oitenta dollars no dedo anular esquerdo de uma amavel senhorita. Anel de oitenta dollars que via brilhar todos os dias na vitrine de uma joalheria do Broadway. Um dia, ao se deter deante do anel, havia notado que, por fim, o joalheiro rebaixava o preço do mesmo: setenta e nove dollars em vez de oitenta. Nesse dia, sentiu-se mais profundamente infeliz.

O NOME E O ENDEREÇO...

(CONTINUAÇÃO)

A idéa de que seu destino era ficar solteiro toda a vida enchia de desolação a alma de Tobias. Por isso, quando, no trem, seus olhos tropeçaram com a loira juventude de Ellen Longworscht, suppoz ter entrevisto um recanto do paraiso. E produziu-se a ligação. Por sua vez, Ellen olhava penetrantemente Tobias, esfregando com dissimulação as mãos, de puro contentamento. Animado pelo mudo acolhimento de Ellen, Tobias pensou: "Esta senhorita deve ser precisamente a mulher ideal que ando procurando".

Poucos segundos antes de Philadelphia (kilometro duzentos e vinte e tres), James Longworscht, "Rei das Salchichas de Nove Centimetros", adormeceu profundamente sobre o texto de um artigo de duas mil linhas, que procurava demonstrar, em uma prosa de competentes deducções, a esmagadora superioridade gastro-hygienica do queijo fresco sobre o queijo duro.

James começou a roncar, e Tobias, considerando que talvez fosse aquelle o momento preciso, dirigiu á bella senhorita uma declaração de amôr em toda regra. Para isso abandonou o assento, fez uma estylizada inclinação do busto, em um angulo de noventa gráos, e disse-lhe:

— Deliciosa senhorita, ha exactamente duzentos e vinte e sete kilometros que a estou admirando. Chamo-me Tobias Gordon, possúo um milhão de dollars e tambem um rheumatismo. Procuro, ha cerca de dez annos, uma alma gemea, em situação financeira proporcional. Quando a vi, experimentei subitamente o imperioso desejo de gritar: "Eureka!" Infelizmente, não tendo seguido os estudos classicos, não sei uma palavra de grego. Por isso, não me foi possivel gritar: "Eureka!"

As faces de Ellen tornaram-se côr de vinho agudo, e suas narinas pareceram querer alçar vôo...

— Que diz o senhor? — balbuciou a moça, visivelmente perturbada.

— Toda a verdade, senhorita: somente a verdade. Ha dez annos que procuro, pelo céo nocturno de minha vida, a estrella ideal. Por fim, a encontrei. Essa estrella é a senhorita. Quer autorizar-me a pedir sua mão a esse velho senhor, muito bem conservado, que está roncando rumorosamente e que, não obstante, supponho que seja seu pae?

— O senhor está louco!

— Sim, senhorita, estou louco; mas louco por você. Fóra de sua vista, sou uma pessôa normal, perfeitamente razoavel.

Ellen sorriu, com indulgencia. O sincero accento do cavalheiro produzira nella a melhor impressão. Sem corar, ella exclamou:

— Desde que o senhor affirma achar-se na posse de todas as suas faculdades mentaes, autorizo-o a pedir minha mão a meu pae. Rogo-lhe, porém, que espere que elle desperte. Meu pae não gosta que o incommodem quando dorme.

— Esperarei! — respondeu Tobias, fazendo um gesto de resignação.

O "Rei das Salchichas de Nove Centimetros" tinha, com effeito, o somno muito pesado, e só despertou ao chegar a Pittsburg, quatrocentos kilometros além.

O senhor Longworscht estava para engolfar-se novamente em seu vasto e interminavel jornal, quando Tobias lhe offereceu galantemente um charuto, como meio propicio para iniciar a conversação. O "Rei das Salchichas de Nove Centimetros" examinou attentamente o charuto que se lhe offerecia, aspirou-lhe o aroma, observou a cinza, e, depois de meia duzia de fumaçadas, declarou:

— Realmente, este charuto é excellente.

O NOME E O ENDEREÇO...

(CONCLUSÃO)

Julgando ter ganho a sympathia do millionario, Tobias abandonou seu assento, fez uma rigida inclinação, e disse:

— Estimado cavalheiro, ha mais de seiscentos kilometros que estou loucamente apaixonado pela deliciosa e morena aqui presente, que supponho seja sua filha. Sou rico, independente, e procuro pelo mundo uma alma gemea. Mas, ha cerca de dez annos que meu coração se alimenta apenas de vulgares aventuras. Tropecei com todos os typos de mulher até agora conhecidos: a loira vaporosa e a morena ardente, a languida crioula, e a de cabellos vermelhos e pelle côr de leite. Passei meu olhar pelas pupillas de todas as côres. E sempre a mulher me murmurou, sob o carmim dos labios, a eterna mentira do amôr contemporaneo. Pois bem. Todos esses amores me desilludiram. As mais bellas mulheres que amei, só souberam tornar-me ciumento. A menos bella só conseguiu fazer-me infiel. Vendo, em compensação, sua filha, tive a impressão de que a senhorita aqui presente é a unica capaz, no mundo, de synthetizar as diversas virtudes humanas.

— Meu caro joven... faça o favor de interromper sua inutil exposição... Vamos logo ao que deseja...

— Estimado cavalheiro, tenho a honra de solicitar-lhe a mão desta senhorita.

— Concedo-a com muito prazer, meu caro joven, desde, é claro, que ella não se opponha a isso.

Tobias tornou, vaidosamente:

— Creio que lhe agrado sufficientemente...

— E' verdade, Ellen, quanto affrontou esse joven? — perguntou, severo, James Longworscht.

— E' verdade — respondeu Ellen, ruborizando-se.

— Pois bem. Dou o meu consentimento. Mas onde encontraremos o pastor que celebre o quanto antes o casamento?

Tobias assegurou que precisamente um pastor viajava no mesmo trem, em compartimento de terceira classe.

— O senhor autoriza-me a solicitar-lhe sua intervenção?

— Não acho nenhum inconveniente nisso — foi a resposta do multimillionario.

O pastor tambem estava dormindo, e só tornou a abrir os olhos seiscentos kilometros além, quasi perto de Chicago.

Tobias, que se achava em pé, esperando pacientemente o seu despertar, quando notou que o pastor se movia, correu para elle, exclamando:

— Veneravel pastor, ha cerca de mil kilometros que descobri a mulher de meus sonhos, a mulher que deve encher de sol meu lar. Vim aqui para rogar-lhe queira bemdizer meu enlace matrimonial com essa senhorita.

O pastor acompanhou Tobias Gordon a seu compartimento, e, depois de ter verificado, entre um bocejo e outro, que nos trens norte-americanos os carros de primeira classe são infinitamente melhores que os de terceira, deu aos dois jovens sua evangelica benção nupcial.

O "Rei das Salchichas de Nove Centimetros" devia descer em Chicago, a negocios urgentes e improrogaveis. Entretanto, o joven casal resolveu passar em S. Francisco a lua de mel.

Depois das despedidas convencionaes, emquanto o trem já se preparava para proseguir sua marcha frenetica, James Longworscht de pé na *gare*, chamou, pela janellinha, seu inesperado genro:

— A proposito, querido filho: eu tinha esquecido de pedir-lhe seu nome e seu endereço. Tem á mão um cartão?...

As flôres da viuva Buxton

—VOCÊ está occupado? — indagou uma voz, da porta de meu studio.

Levantei os olhos da machina de escrever e vi Willie Lord, de pé na porta. Estava vestido com seu terno domingueiro e tinha, coisa extraordinaria nelle, um collarinho limpo.

— Entra, Willie — disse-lhe.

— Estive num enterro — falou elle, fixando em mim seus claros olhos azues. — Como sei que lhe interessam as historias do povo desta terra, pensei que talvez lhe interessasse esta. Fui um enterro muito importante.

— Assim deve ter sido — respondi-lhe, olhando seu traje.

Elle vacillou, riu com ar de picardia e começou a dizer:

— Muito bem. Terei que começar do principio e contar-lhe a historia da viuva Buxton, a quem conheci joven. Jenny Buxton era chefe de quantas coisas póde ser chefe uma mulher nesta terra, inclusive de sua propria familia. Tinha tres filhas. Murmurava-se que se casára com Buxton depois que Noé Westfield a abandonára, e com o unico intuito de vingar-se delle. Mas, em todo caso, elle não durou muito tempo.

"Ella era extraordinaria. A mulher de mais vontade do mundo e a mais difficil de convencer, quando se tratava de soltar dinheiro.

"Para economizar, casou suas tres filhas ao mesmo tempo, chamando para celebrar a ceremonia o mesmo padre. Noé Westfield esteve presente. Era sacristão da igreja, bem como emprezario de pompas funebres da localidade, e era encarregado dos preparativos de casamento e de enterros. Era, já naquella época, um homem rico e duas vezes viuvo. Mas Jenny Buxton o poz em seu logar.

"— Vae á sala e senta-te ahi, Noé — disse-lhe. — E's bemvindo como candidato, mas não tenhas a esperança de mandar-me uma conta por serviços prestados, pois eu mesma farei os preparativos deste casamento.

"Noé procurou replicar, dizendo que aquillo não era de bom tom. Mas, depois de ouvir a resposta de Jenny Buxton, foi á sala, onde se sentou tranquillamente.

"Bem. As tres moças casaram-se, constituiram lar e começaram a procrear, de accordo com o preceito biblico. Mas Jenny Buxton continuou em sua propria casinha, trabalhando e economizando.

"As tres jovens, que hoje são tres velhas, passaram a vida esperando a morte de Jenny. Mas esta não parecia ter pressa alguma em deixar este mundo. Estava tão forte e agil aos setenta e tantos annos, como quando Noé a deixou. E, de repente, faz, approximadamente, duas semanas, correu a noticia de que estava morrendo.

"Ninguem sabia que estava morrendo. As filhas mandaram chamar o doutor Harmon, que, entretanto, nunca poude chegar além da porta do dormitorio de Jenny Buxton.

"— Sáia daqui immediatamente! — gritou, ao vêl-o. — Não tenho enfermidade alguma. Estou morrendo e nada mais. Resolvi que é tempo de partir, e ninguem mo impedirá.

"Pois bem. Faz hoje justamente uma semana, Jenny disse a suas filhas que mandassem chamar Noé Westfield. As moças ficaram boquiabertas, sabendo como ella o odiava. Mas, não atrevendo-se a fazer qualquer opposição obedeceram.

"Noé attendeu ao chamado, mas com o maximo cuidado.

"— Bem, Jenny — disse-lhe; — esta é uma triste occasião...

"— Não sejas idiota! — contestou ella. — Mandei-te chamar porque sei que vaes enterrar-me e quero ficar segura de que não serei explorada. Quanto me cobrarás por um bom funeral, simples e sem adornos?

"— E, Jenny — disse Noé — posso dar-te um de primeira

caixão de ébano forrado de sêda, e com alças de prata, urna de aço e tampa torneada, e serviço completo, incluindo coche fúnebre e tres carruagens, por seiscentos e cincoenta dollars.

"— Jamais paguei semelhante quantia! Dar-te-ei cem dollars para que me colloques dentro de um caixão de pinho e me leves até minha sepultura. Si não te convém, chamarei José Perkins, o carpinteiro, e lhe encommendarei um ataúde. E chamarei Perles Smith contractando-o para transportar-me ao cemiterio, em seu caminhão. Elle o fará, ainda que seja apenas para livrar-se de mim.

"Noé estava quasi para romper em pranto.

"— Cem dollars miseraveis — disse, — quando passei todos estes annos esperando poder enterrar-te confortavelmente!...

"— Bem proveitosamente queres dizer — exclamou Jenny, ameaçando-o com sua nodosa mão. — Faze o que quizeres. Pódes acceitál-os ou não.

"— Muito bem, Jenny! — suspirou Noé. — Muito bem! Mas esqueceste uma coisa importante: os adornos. Deves ter muitas flores — rosas, lilazes, etc. — cobrindo-te o ataúde. Pois, do contrario, estarei arruinado.

"Jenny Buxton lançou-lhe um olhar de desprezo.

"— Flores, heim? Nunca ouvi tanta imbecilidade junta! Si queres flores, tenho no jardim umas plantações de campanulas. Si queres cobrir o caixão, cobre-o com campanulas.

"— Não o farei — gemeu Noé.

"— Então, retira-te de minha presença, immediatamente — gritou a moribunda. — Ha muitos annos que estou farta de ver-te!

"— E eu não estou farto de tua condemnada aggressividade — gritou Noé, perdendo todo o contrôle. — Não passas de uma mulher avára, rixenta e voluntariosa, e dou graças a Deus por não me haver casado comtigo!

"Pois, senhor, mal elle havia dito isso, Jenny Buxton levantou-se furiosamente do seu leito, de morte, sem dar a menor importancia aos parentes que a rodeavam. Saltou ao chão, e, lançando um grito feroz, se precipitou sobre Noé Westfield.

"Noé não se deteve a pensar em que Jenny era uma mulher moribunda. Soltou, tambem, um grito, mas grito de terror, e deitou a correr. Jenny correu atraz delle e o alcançou no momento em que abria a porta da rua.

"— Velho coveiro idiota — exclamou ella, sacudindo-o violentamente — eu não teria casado comtigo ainda que fosses o ultimo dos homens sobre a terra!

"E, soltando-o, deu um passo atraz e vibrou-lhe um formidavel pontapé.

"Noé não tocou os degráus. De um salto estava no pequeno jardim, e continuou correndo, emquanto Jenny, parada na porta, ria a grandes gargalhadas. E ainda continuava rindo quando seus futuros herdeiros desceram a escada atraz della. Conduziram-na para a sala e sentaram-na em um cadeira. Mas ella continuava lançando tão tremendas gargalhadas, que, alarmadas, as filhas chamaram o doutor Harmon, que veiu e lhe deu um calmante! Santo Deus! Nunca existiu nesta terra uma mulher igual a Jenny Buxton."

Aqui, Willie Lord se deteve.

— E então? — perguntei-lhe. — que occorreu depois? Jenny permaneceu tranquilla durante seu enterro?

Willie olhou-me attentamente.

— Não foi ao enterro da viuva Buxton que eu compareci esta manhã. Foi ao do Noé Westfield. Parece que depois que Jenny o despediu de um pontapé, foi para sua casa e lá morreu da impressão. Mas foi um bello funeral.

— E a viuva?

— Estava lá — disse Willie, — sentada no primeiro banco da igreja, admirando as flôres e com todo o aspecto de quem está resolvido a viver mais cem annos.

Coçou a cabeça e riu com sua bôcca desdentada.

— A viuva — accrescentou — mandou campanulas.

DANA BURNET

DESENCANTAMENTO

Eu preciso de olhar as injurias que me atiram
pelas janellas da inconsciencia, como se olha
aos jazidos extremamente humildes,
em que se não lêem inscripções de desespero,
nem legendas de afflicção,
porque a Miséria sempre foi inimiga pessoal
dos adjectivos dolorosos, mas, em geral,
ridículos e inexpressivos,
deante da verdade da Morte, — a Grande Verdade!

Eu preciso de fazer, da Minha dôr, que ainda não veiu,
uma braza dormida no borralho da fraternidade interior,
onde tudo é archaico,
mas, onde há, sempre, novas misérias
e misérias sempre novas, em folha...

Eu preciso de, de hoje por deante, entre o vencido
e o vencedor, curvar-me ante o Heroe, — que é o
[primeiro;

Eu precisp, de ter, em mim, guardada, avaramente,
sem que, porém, eu proprio o saiba, a serenidade,
profundamente humana,
dos leprosos curados pela resignação...

Eu preciso de ser puro, sincero e nobre
como Judas, — a quem a Historia villipendiou
porque, — Discípulo, — recebeu e cumpriu,
sem hesitar, uma ordem emanada do Mestre:
Trahindo-O, fez o que escripto estava; e, por isso,
ficou incomprehendido, como tudo o que,
por um determinismo qualquer,
escapa á frágil e fracassada intelligencia racional.

Eu preciso de possuir, sob a lampada velada das acções
brancas, a suprema renuncia das águas estagnadas.

Eu preciso de colher, como em um sonho de Jacob,
para o meu único e exclusivo uso,
toda a gloriosa e tangível humildade
dos casebres rheumaticos e caducos.

Em synthese:

Eu preciso de descobrir,
no mappa-mundo da Philosophia que não passa,
onde finda o perdão
e onde começa a piedade,
porque eu quero ser o vosso mais fraco discípulo,
guardando a areia sagrada em que ficar impresso
a marca dos vossos rastros,
beijando as vossas mãos luminosas de Sábio
e de Justo
e ouvindo, com a passividade de um velho drome-
[dario.
estafado das grandes caminhadas,
as vossas palavras de fogo e de fé,
oh Gandhi! oh Gandhi!...

Jayme de Sant'Iago

Relação das casas inscriptas

Armazens Brazil
RUA GONÇALVES DIAS N.º 6

Bom Tom
RUA DO OUVIDOR N.º 112

Camisaria Diamantina
RUA URUGUAYANA N.º 110

Casa Allemã
PRAÇA FLORIANO N.º 23

Casa Lemos
RUA GONÇALVES DIAS N.º 16

Casa Monteiro
RUA 7 DE SETEMBRO N.º 58

Casa Nunes
RUA DA CARIOCA N.º 67

Casa Pacheco
RUA URUGUAYANA N.ºs 158/160

Empr. Arte Mobiliaria Ltda.
RUA DO ROSARIO N.º 167

Laubisch & Hirth
RUA DO OUVIDOR N.º 86

Souza Baptista & C.
LARGO DA CARIOCA N.º 9

DE accordo com o que foi publicado nos numeros 21, 22 e 23 desta revista, inicia-se hoje, 11 de Junho, um concurso de vitrines entre os nossos principaes estabelecimento de Modas e Fazendas.

Este concurso durará uma semana, encerrando-se no dia 18 do corrente.

E' condição essencial do concurso a exposição exclusiva, nas vitrines, de artigos em obra, fazendas ou fios tintos com corantes Indanthren e marcados com a respectiva etiqueta.

A relação dos premios, constantes de paginas de annuncios de destaque nesta revista, foi publicada nos numeros 21 e 22 de FON-FON.

A Commissão Julgadora será constituida de cinco membros

um artista pintor:

Professor Fiuza Guimarães

um jornalista:

Martins Capistrano

um commerciante:

Dr. Serzedello Mendes

um technico de publicidade:

Annibal Bomfim

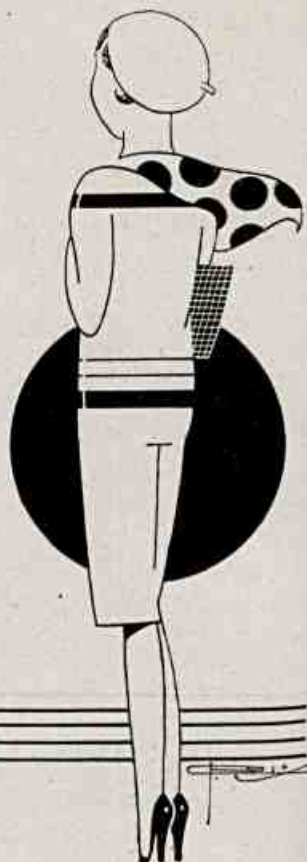
uma modista:

Sra. Regina D'Eça

VIDE na pagina anterior a relação das casas inscriptas.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 24

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1932

Crise de enfermos...

O mundo actual, batido pelo vendaval da miseria, perseguido pelo phantasma do egoismo, atravessa, inquieto e vacillante, uma crise de tudo. Falta dinheiro no bolso dos homens. Falta juizo na cabeça das mulheres. Falta sensibilidade na alma dolorosa da vida. Queixam-se os desoccupados da escassez de trabalho, e as industrias se queixam da escassez de consumidores. O commercio não vende porque falta quem compre, e os compradores allegam que não pódem pagar com brisa....

Aliás, até a brisa anda escassa nesta época festiva dos *papagaios*. Foi, pelo menos, o que ouvi, ha dias, da bôcca offegante de um garoto, que não encontrava meio de fazer subir o seu passaro de papel de sêda.

— Mas, que falta de vento! — exclamava, amolado, o menino, queixando-se, como toda gente, de um aspecto leve da crise universal.

Aqui e na China, na Europa e na Africa, em Marrocos e.... em Cascadura, só se fala em crise. O assumpto do dia é sempre a doença do momento. E' crise no governo, é crise no lar, é crise no coração..., Não ha quem não se sinta attingido pela epidemia da falta.... de sorte.

No Rio de Janeiro, quando junho reclama os cobertores e o carioca põe na rua os seus agazalhos pesados, manifesta-se, presentemente, uma tremenda crise de saúde, que tem percorrido todos os bairros, numa ronda sinistra de comparsa da morte. Fantasiada de *grippe*, a febre queima os pulsos que não resistem aos seus beijos de fogo. E os medicos se multiplicam, na sua actividade profissional, para combater os males que nos affligem.

* * *

Entretanto, ao passo que aqui occorre esse alarmante *phenomeno*, nos Estados Unidos... ha crise de enfermos.

Sim, senhores! No grande paiz do dollar e da *lei sêcca*, na terra onde nasceu o arranha-céo, no berço dos paradoxos, precisava haver uma crise differente de todas as crises do mundo. Uma crise que não fosse de dinheiro nem de politica, que são as mais communs dos paizes communs, como o nosso. Uma crise original e pittoresca. Uma crise de chamar a attenção dos outros povos habituados a outras crises, inclusive a de nervos.... Precisava haver, na America do Norte, uma crise que fizesse concorrencia a todas as crises banalissimas que assoberbam as nações menos favorecidas pelo prestigio do dinheiro.

E ahi está, causando inveja ao mundo, a crise de enfermos que ora empolga os Estados Unidos, segundo um telegramma de Nova-York, que os jornaes publicaram com destaque. Crise de enfermos.... Na patria de Washington e de Wilson, paradoxal em tudo, os medicos estão passando uma hora de aperturas e de intranquillidades, por falta, quasi absoluta, de doentes...

O despacho a que acima alludi informa, apenas, isto: o dr. Charles Gordon Heyd, presidente eleito da Sociedade Medica do Estado de Nova-York, declarou que innumeros collegas seus, clinicando nas grandes cidades dos Estados Unidos, foram forçados, pela crise, a trabalhar como *chauffeurs* de taxis, guardas-nocturnos e até ascensoristas!

Como parece, na grande Republica norte-americana todos gozam saúde, e ha falta de enfermos. Ou, então, estes se declararam em greve, até que passe a crise...

De qualquer fórma, o exemplo é tentador e edificante. E bem poderia, assim, ser imitado por nós, brasileiros, que ás vezes ficamos doentes só para não commettermos a descortezia de dizer ao medico que não precisamos dos seus serviços...

Martins Capistrano

SOMBRA QUE FOGE...

AQUELLE seu adeus vertiginoso e afflicto ficou, na tarde húmida, como uma interrogação do destino... Não pude comprehendêl-o, nem tentei, siquer, decifral-o á luz das minhas possibilidades emotivas. Foi tão violento e tão estranho, que o meu coração bateu mais forte, agitando aquella sensibilidade inquieta que você conhece, ó minha linda e loira esphynge de olhos verdes!

Mulher! Cada vez mais eu me sinto preso á sua seducção, embora cada vez menos consiga interpretar o mysterio insondavel que envolve as suas attitudes e as suas vibrações sentimentaes.

Sua voz, não sei si por causa do frio ou da emoção, estava differente da voz que sonorizou a ultima noite de luar do nosso amor...

Do nosso amor?... Não sei... Porque não sei si ainda existe uma illusão que foi quasi realidade por força da poesia da propria illusão. Porque não sei, doce querida, si ainda existe, no seu coração amargurado de artista e de mulher, a mesma ternura luminosa e os mesmos anseios lyricos com que você acenou, de longe, para os meus sonhos impossiveis...

Você ainda se lembra daquelle abril romantico e sereno que enfeitou, ora radioso e azul, ora desmaiado e lánguido, as primeiras scenas de um romance cujo ultimo capitulo nós precisamos escrever?... Você ainda se lembra de uma noite clara, em que a felicidade — fada invisivel dos destinos humanos — sorriu, piedosamente, para a nossa pobre esperança de uma hora de amor?...

Pois tudo isso — a noite clara, os anseios impossiveis, a nossa propria ingenuidade de sonhadores — tudo isso, minha fada mysteriosa e insatisfeita, reviveu naquella tarde de fim de maio, naquella fria tarde de saudade e de chuva, em que você me disse, apressada e nervosa:

— Adeus! Você já me esqueceu...

E eu fiquei, immobilizado e silencioso, olhando a chuva que cahia, molhando o asphalto e encharcando as arvores da rua. Fiquei sem poder, sem saber dizer nada, parado na calçada, sob o temporal de maio, emquanto você fugia de mim, desolada, mysteriosa, descrente, como uma sombra de soffrimento e de angustia... Emquanto você fugia de mim, talvez para nunca mais voltar...

MAURO DE ALENCAR

R.W.

A MODESTIA DOS ESCRIPTORES

O meu amigo Zebedeu, observador e philosopho, encontrou-me, ha dias, á porta de uma das nossas livrarias, e como se falasse em escriptores escandalosos, como Remarque, Victor Margueritte, Georges d'Anquetil e outros — para não citar Zola, hoje passadista, elle se expressou como Zarathustra...

— Meu caro. Eu não creio em modestia.

— Mas não é de modestia que falo — atalhei. — E' de escriptores que semeiam o escandalo na sua obra e em redor de si.

Zebedeu sorriu superiormente. Alisou a cabelleira vasta e, novamente, falou com arrogancia:

— Deixe repetir: eu não creio em modestia. E quem escreve para o publico não tem o direito de apparentál-a ou fingil-a.

Desde que um escriptor dá publicidade ao que produz, é porque deseja ser lido, commentado, e alvo de elogios, etc. Rodó dizia que todo homem "excessivamente modesto era aggressivamente pedante". Póde haver nisso, talvez, um paradoxo. Mas, no fundo, a verdade que se extráe desse conceito é irrefutavel.

Eu sorri, como duvidando. E elle sentiu que o meu sorriso deslisava sobre a malicia de uma reticencia ferina.

— Não ria — disse elle. — Pense mais e ria menos. E, depois, dirá certamente que estou com a razão...

— Mas... — aventurei.

— Espere. Ouça o meu raciocinio.

Tomou folego. Posou a mão sobre a bengala. E avançou:

— Um escriptor que não irrita, que não dá aos leitores uma idéa de que escreve com alfinetes; que não desperta odios covardes e invejas amargas; que não suscita polemicas a seu respeito; que não tem duas correntes a discutil-o, — uma a negál-o, *in totum*, e outra a louvál-o e a prestigiál-o; um escriptor que, intellectualmente, é virgem como uma nuvem ou uma estrella; — ou como aquellas academias de provincia, que Voltaire satyrizava, achando que ninguem falava dellas, por serem bem comportadas e singelas demais; um escriptor que só é elogiado pela piedade e tolerancia dos outros — não é escriptor, caro Yves...

— Que é? — espantei-me.

E' uma nullidade! E' um escrevedor que vale tanto em literatura quanto um simples e vago escrevente.

Eu fiz apenas:

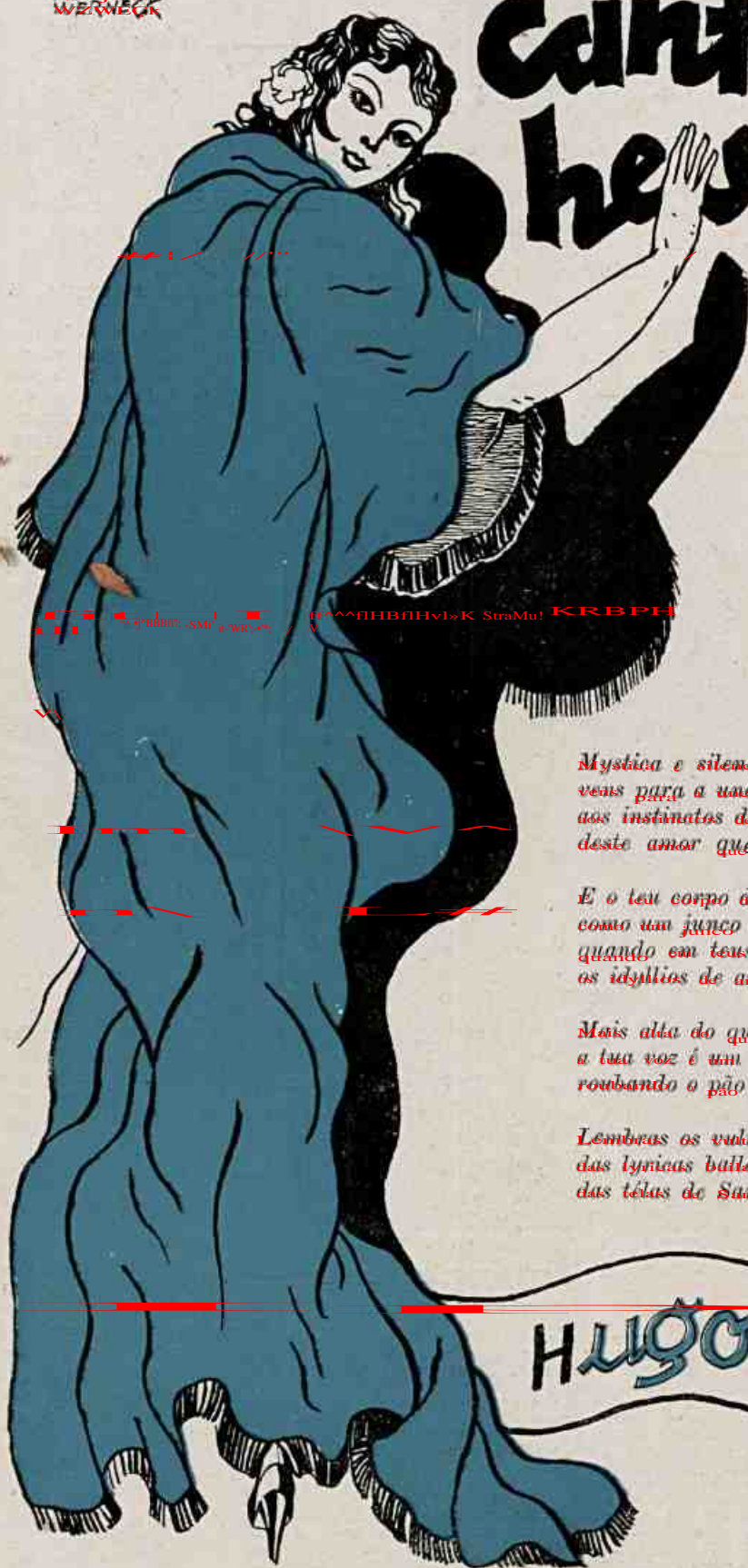
— Uff! Uff!

E Zebedeu terminou:

— Felicien Champsaur definiu muito bem os escriptores modestos deste modo: "Ceux qui dissimulent quelque chose sont ceux qui ont quelque chose á désirer, ceux qui envient..."

YVES

A temporada de arte musical este anno vae cobrir-se de galas excepcionaes. Entre os grandes nomes que se exhibirão no palco do Municipal, no proximo mez, figura a notável pianista Dyla Josetti, que, após uma ausencia de seis annos pela America do Norte e Europa, onde se cobriu de louros e enalteceu o nome do Brasil, volta á cidade de seu sonho, de sua saudade, o Rio incomparavel, para revêr o publico querido que a criou, amparou e consagrou faz alguns annos, collocando-a na primeira fila de nossas maiores virtuoses. Os applausos que então recebeu no velho casarão do Lyrico, inteiramente cheio, num recital de despedida, estimularam-na a ir buscar outras palmas nas grandes cidades estrangeiras, que as não regatearam, aliás, á insigne patricia. O triumpho obtido nos Estados Unidos pela consagrada pianista está attestado pelas duas centenas de vezes em que lá se exhibiu. Si seu successo nos principaes palcos americanos foi grande, menor não foi o exito que obteve nas recepções sociaes da alta roda de Nova-York, Washington, Chicago e Nova Orleans a que muitas vezes foi convidada a comparecer como unica representante da arte musical da America do Sul.

PAULO WERNECK
Cantico hespanhol
Mystica e silenciosa. Em surdina,
vens para a uncção azul dos sacrilegios,
aos instinctos de Thyrso de Molina
deste amor que só flóre em jardins régios.-
E o teu corpo de sandalo se inclina
como um junco ao sabor de sortilegios,
quando em teus labios o peccado ensina
os idyllios de amor dos florilegios...
Mais alta do que os sons de uma guitarra,
a tua voz é um cantico hespanhol
roubando o pão e o vinho da cigarra...
Lembras os vultos de legenda e sol
das lyricas bailadas de Sogarra,
das télas de Santiago Rusiñol...
Hugo Auler

NO HIPPODROMO DA GAVEA

A REUNIÃO INAUGURAL DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

Teve um brilho verdadeiramente desusado a tarde de quinta-feira penultima, no Jockey Club Brasileiro, com a reunião inaugural da presente temporada hippica. A tarde amena muito concorreu para esse exito mundano, onde se destacavam, além de figuras representativas do turf, as mais elegantes silhuetas da nossa sociedade. As corridas tiveram inicio com a presença do chefe do governo provisorio, e decorreram em um ambiente festivo e requintadamente selecto. Os nossos flagrantes focalizam os aspectos mais expressivos da linda reunião do hippodromo da Gavea.

Estrada de Damasco

O TEU AMOR

O teu amor era uma mentira, como é o amor de todas as mulheres. Mas eu amava a suave e consoladora mentira do teu amor.

Quando scintillava, doce e meigamente, no abat-jour doirado das tuas pupillas ensombradas, ou palpitava na caricia velludosa e quente das tuas mãosinhas inquietas, ou sorria no sorriso de teus labios sangrando rouge, como era linda e generosa a mentira do teu amor!

E, sob a fascinação da magia que enchia o teu ser de belleza e de deslumbramento, quanta vez, quanta, toda a realidade da minha vida emocional não foi a suave mentira do teu amor!

Preso, de alma e de coração, á illuminada miragem que se fez em mim força de fé e fascinio de illusão, rendi, reverentemente, o culto da minha adoração á mentira enganadora e feitiça do teu amor.

Porque eu tinha esquecido que eras mulher e, no extase da minha silenciosa adoração, elegi em ti a Regina Cœli do meu culto interior... minha Nossa Senhora da Suave Mentira...

*

CANÇÃO DE CREPUSCULO

Meu amor, se soubesses... Se soubesses como é grande e angustiante a minha solidão, talvez viesses, talvez, para juntinho de mim.

A tarde ensombra-se e enche-se de mysterio. Azas macias de passaros cortam o espaço buscando o agazalho quente dos ninhos.

Sobre as coisas, sobre a natureza desce a paz dos grandes recolhimentos.

E eu me recolho também para te evocar, para em ti concentrar toda a inquietação do meu pensamento e todas as preces do Angelus que faz vibrar de emoção o sino de meu coração.

Meu amor, a tua ausencia... A tua saudade...

Estou tão só... tão só!

O velario illuminado da noite descerra-se sobre a terra e no meu coração, meu amor, a serenidade da tua saudade distende a Via Lactea de uma suave consolação...

*

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

— ESCUTA...

— Dize...

— Tu não me amas.

— Não te amo? Eu?...

— Sim. Tu.

— Mas que loucura! Se eu não te amasse não viveria comtigo.

— Vives commigo como viverias com qualquer outro.

— Não te comprehendo.

— Não te faças desentendida. Bem sabes o que quero dizer. Vi!...

— Viste, o que?

— O teu flirt com um typo que vinha no omnibus, ao teu lado.

— No omnibus, ao meu lado? Quando? Estás mas é louco...

— Hontem á tarde.

— Se hontem á tarde não sahi! Vê como estás mentindo e insultando!

— Mentindo e insultando!

— Sim, mentindo e injuriando! Já não tolero mais isto! Estou cançada destas scenas irritantes!

— Mas... Aquelle typo... Tu ao lado delle... Será possivel que me tenha enganado...

— Já te disse que hontem não sahi de casa...

— Bem, então, queridinha, sê boasinha e, mais uma vez, perdôa-me... perdôa o teu maridinho maluco...

— Sim, mas não repitas, ouviste?

. . . .

— Alô... E' o Jorge?

— Sim, meu amor, sou eu mesmo. Tua vozinha não me engana. Hoje, sim?...

— Hein? Estás louco? Agora mesmo "elle" fez-me uma scena... Viu-nos, ouviste?...

— Viu-nos? Onde?

— Hontem, no omnibus.

— Hum... E que lhe disseste?

— Zanguei-me. Mostrei-me offendida e jurei e rejurei que hontem não havia sahido de casa.

— E "elle"?

— Como sempre, mais uma vez acreditou em mim.

— Então, não ha perigo...

— Sim, por emquanto. Mas é preciso termos mais cuidado...

— E, hoje?...

— Hoje? Sim, logo mais, ás quatro, no teu apartamento...

— E's um amorzinho do outro mundo, querida!

— Bem. Até logo. Um beijinho...

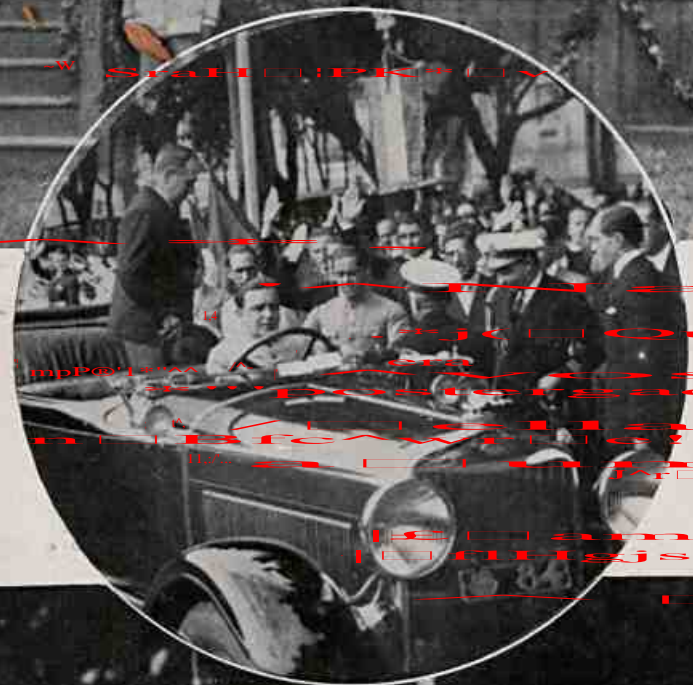
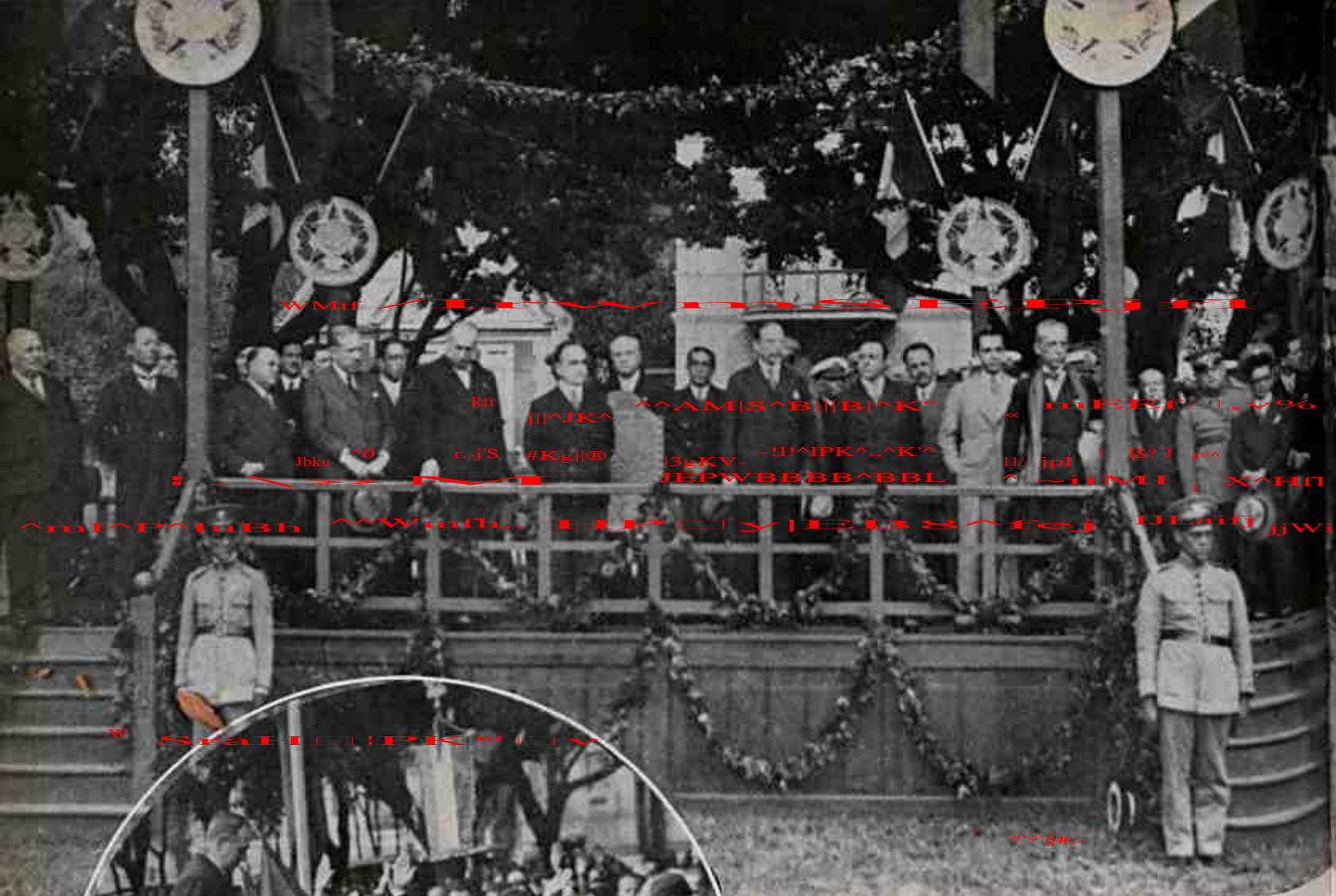
— Retribuido aos milhares... Até já, amor...

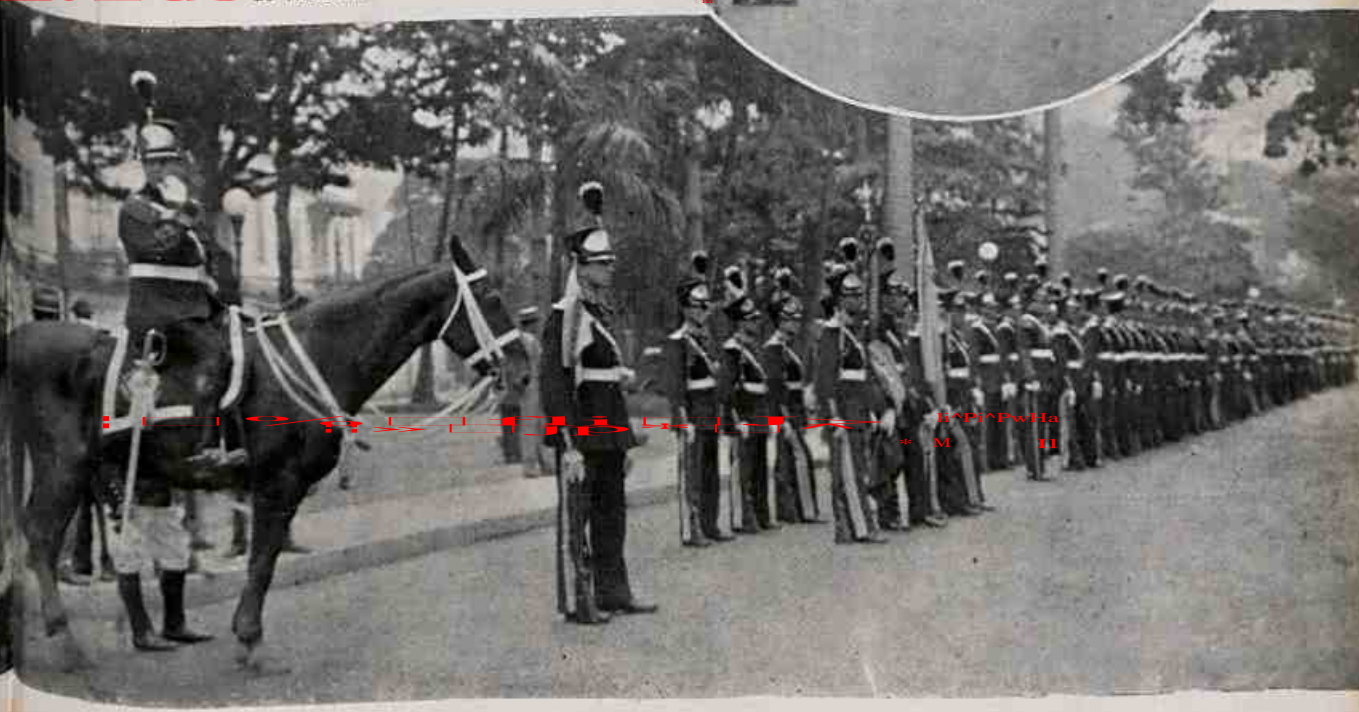
LETRAS FEMININAS

A illustre escriptora sra. Maria Neves de Castro, que ainda ha pouco nos deu um livro de ternura e de saudade — «Amphora de Aromas» — offerece, agora, ao nosso mundo literario, um bello volume de contos, todo illustrado pela arte fina e pessoal de Paulo Werneck. «Anna Maria» é uma obra em que a sra. Neves de Castro revela, brilhantemente, novas facêtas da sua intelligencia. Espirito voltado para o bem, a sra. Maria Neves de Castro teve um lindo gesto de philanthropia destinando o producto da venda de seu livro á Liga de Protecção aos Cêgos do Brasil, que tanto precisa do auxilio dos corações generosos. Resaltamos esse facto expressivo como um elogio á propria sensibilidade e á propria fidalguia mental da festejada autora de «Anna Maria».

A bordo do «Nyassa», chegou ao Rio de Janeiro o dr. Martinho Nobre de Mello, novo embaixador de Portugal junto ao governo brasileiro. O representante diplomático do paiz irmão é uma das mais brilhantes figuras da actual geração politica de sua patria, tendo occupado as pastas dos Extrangeiros e da Justiça em governos passados, sendo detentor duma cadeira na Faculdade de Direito da Universidade de Lisbôa e pertencendo ao Conselho Nacional, de que fazem parte as mais elevadas personalidades da politica de Portugal de hoje. Espirito culto, orador fluente, homem de primorosa educação, o dr. Martinho Nobre de Mello, no seu novo posto, é verdadeiramente «right man in right place». Ao seu desembarque compareceram o introductor diplomático do Itamaraty, dr. Macedo Soares, e vários representantes da colonia lusa, que se vêem no grupo acima, ladeando o dr. Martinho Nobre e sua exma. familia.

O embaixador Martinho Nobre de Mello apresentou credenciaes ao chefe do governo provisorio terça-feira á tarde, no Palácio Guanabára, onde foram tomados estes dois aspectos photographicos, nos quaes apparece o illustre diplomata portuguez em companhia do sr. Getulio Vargas e á sahida da residencia official do presidente da Republica.

UM HERÓE DE DUAS PATRIAS

Na figura excelsa de Giuseppe Garibaldi, que transformou em realidade os feitos prodigiosos dos cavalleiros andantes, dois povos contemplam a encarnação das suas virtudes civicas. Paladino das liberdades postergadas, seu defensor onde quer que ellas soffressem um insulto ou uma ameaça, elle foi, na Italia, seu berço de nascimento, um batalhador glorioso e intemerato. Depois, vindo para o Brasil, aqui continuou no seu apostolado. E a sua victoria, entre nós, teve a nimbál-a a aureola sublime do amôr de uma patricia a quem elle deu o seu nome illustre e que é, hoje, um symbolo da coragem e da abnegação da mulher brasileira: — Annita Garibaldi. Commemorando a passagem do quinquagesimo anniversario da morte de Giuseppe Garibaldi, o governo do nosso paiz decretou feriado nacional o dia 2 de junho e realizou diversas ceremonias de exaltação á memoria do heróe. Nas gravuras veem-se a tribuna official, onde se encontravam o sr. Getulio Vargas, o embaixador Vittorio Cerruti, ministros de Estado e outras altas personalidades, bem como varios flagrantes apanhados por occasião dos festejos na praia do Russell.

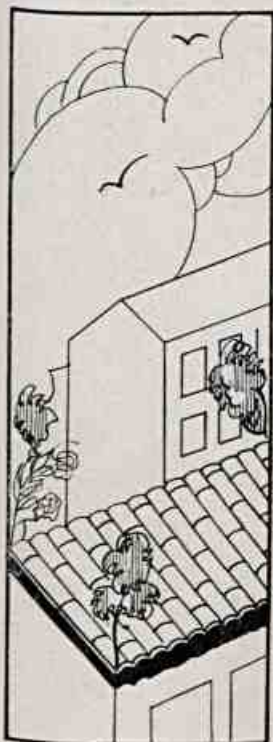
O THEATRO DA JUVENTUDE

Alcançou brilhante successo o primeiro espectaculo do Theatro da Juventude, organizado por iniciativa do escriptor Walter de Sequeira, que adaptou para o mesmo, numa comedia em tres actos, seu romance «Nadir». Nesta pagina apparecem as figuras da nossa sociedade que tomaram parte na representação.

A NOVA OBRA DE UM GRANDE LYRICO

ADELMAR TAVARES, como poeta, é toda uma alma sensitiva que canta. A's vezes, elle chora e se queixa. Quasi sempre, porém, a sua voz é um canto de ternura, é uma musica triste e ardente. Sobre a sua arte, bem podemos dizer as palavras de um critico a proposito de Robert de Souza: "Sa poesie, qui se plait dans la transparence clair-obscure du symbole, atteint très souvent á la grace, parfois á l'ineffable". Para que mais? Cada pagina sua é a evocação de uma melancolia muito azul, de uma lagrima muito lenta, muito amarga; de um sonho que se fanou como uma rosa pallida, ou uma saudade que se esfarrapou nos espinhos de uma dôr... E' tudo isso o que se sente no seu poema de agora, "O Caminho enluarado". Percorrendo-o, sob o fluido somnambulismo das brancuras da lua, que rola pelo ether, as almas lyricas só encontram aquelles motivos de belleza e ternura.

Adelmar Tavares é um contemplativo. E' o escravo de um determinismo sentimental. Olhando o companheiro de destino, — o passaro-cantor, dentro da prisão — o poeta nos dá uma impressão semelhante: — o homem que canta dentro das grades de ouro de um sonho...

Os dois cantores: Adelmar Tavares e seu canario...

A FESTA DA CUMIEIRA

Ao bom amigo Prof. Calazans Luz

Vem de outros tempos, vem de longe a lenda
Da festa em que a alegria se extravasa:
O braço ergue ao sol que tudo arrasa
Os alicerces principaes da tenda.

Um dia... o homem chega e ouve: — Ascenda
Os olhos para o seu trabalho!... E a casa,
Rindo em redor duma fogueira em brasa,
Dá-lhe a visão de magica offerenda!

Coração... tu que vaes sem paciencia
Por essa róta mal determinada
Que se desenha pela vida inteira...

Quero que nos momentos de falencia
Tu sejas como a casa embandeirada
Na festa triumphal da cumieira!

Murillo Fontes

"FON-FON" NA EUROPA

Os funeraes de Paul Doumer

Tiveram commovedora imponencia os funeraes do presidente Doumer, realizados dias após o brutal assassinio do venerando estadista. As ultimas homenagens da França ao seu glorioso filho estão amplamente focalizadas na nossa edicção de hoje, que apresenta, nesse sentido, uma completa reportagem photographica enviada de Paris pelo Serviço Especial de FON-FON alli. A gravura desta pagina focaliza: um aspecto colhido no Pantheon, á sahida do corpo do presidente Doumer para o cemiterio de Vaugirard, onde foi repousar ao lado de seus quatro filhos mortos na guerra; o desfile das tropas deante do Pantheon, em continencia aos despojos do saudoso estadista; André Tardieu, chefe do governo francez, proferindo, deante do cadafalco de Paul Doumer, no Pantheon, o discurso de adeus, em nome da França; o cortejo funebre na praça da Concordia; e o povo agglomerado na rue Scufflot, junto ao Pantheon, no momento em que falava o sr. André Tardieu.

DA DUVIDA

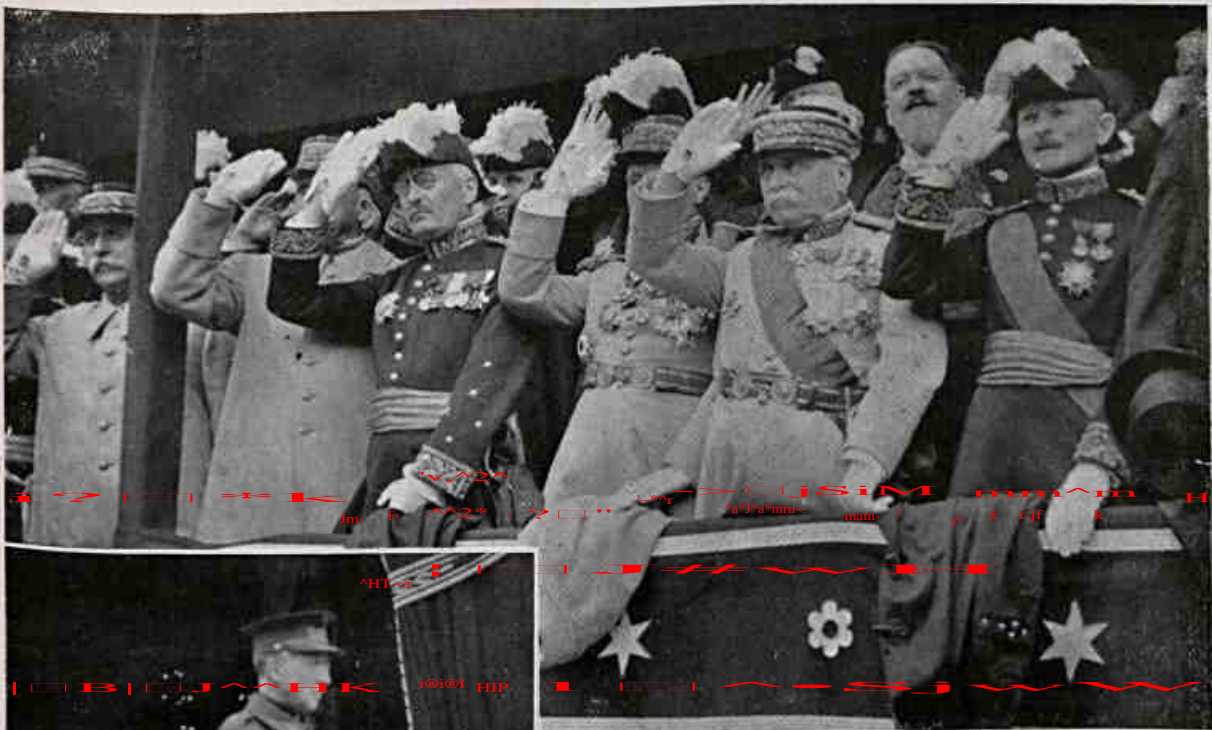
Não sei de cousa que maltrate mais a uma pessoa do que a duvida. Ella, lentamente, vae corroendo o temperamento menos sensivel?, no seu trabalho de destruição.

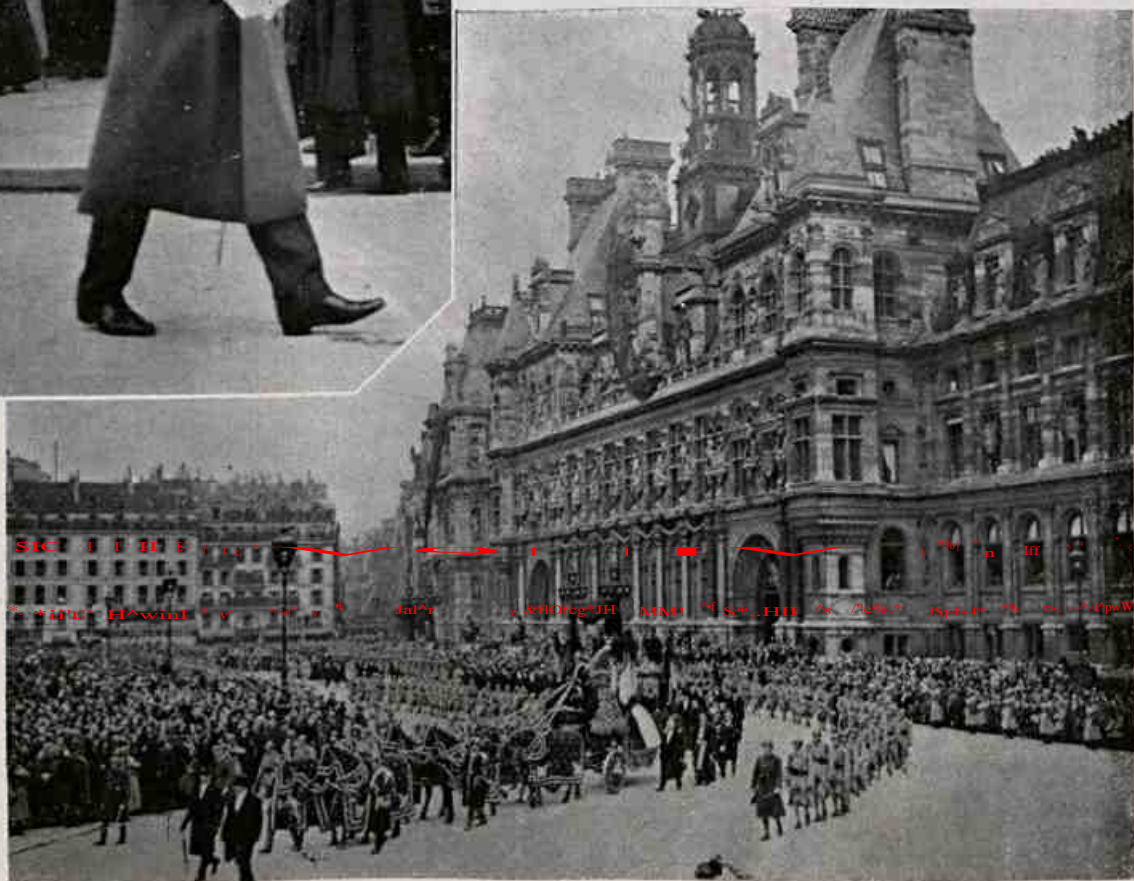
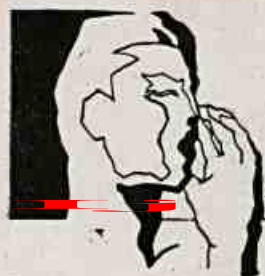
No amor, a organização mais robusta tomba, vencida, deante da duvida; uma vez que, quando não mata, ella deixa as suas victimas immersas numa grande dôr. As dôres, porém, ás vezes podem se transformar, pela continuidade, num arremedo de ventura. Mas a dôr produzida pela duvida é atroz, porque despedaça o coração mais forte.

Entretanto, ha quem prefira a duvida á certeza.

Alexandre Passos

Tres detalhes do grande cortejo que levou ao Pantheon os restos mortaes do inditoso presidente Doumer: o sr. Albert Lebrun, novo presidente da Republica Franceza, á frente, abrindo o prestito funebre. O duque d'Aosta, o principe da Servia, o imperador de Anam, o embaixador Edge, dos Estados Unidos, e o embaixador von Hoesch, da Allemanha. Os membros do governo, vendo-se ao centro os srs. Laval, Flandin e Reynaud.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

A ultima continencia dos generaes de França deante do presidente Doumer, á passagem do corpo pelo Pantheon. O rei Alberto I, da Belgica, acompanhando o cortejo funebre. A passagem deste á frente do Hotel de Ville.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

Alto-Falante

UM GRANDE ESPIRITO

Le temps n'est plus du songe solitaire à l'ombre des lauriers et des myrtes...

Mas a arte é ardor, enthusiasmo, dom de si mesmo, generosa offerenda, amôr e renuncia. E o idealismo dos poetas sempre ha de florir sobre a terra, perfumando a vida, entontecendo-a com o olor fresco dos seus rosaes de sentimento e de emoção.

Philosopho, sociologo, publicista, homem de Estado e de acção, o sr. Francisco Campos, no ambiente de sonho da sua vida interior, ergueu tambem seu altar á Eterna Belleza para ahi officiar no rito sagrado dos poetas. E revelou-se nas paginas admiraveis do seu "Cyclo de Helena" um grande poeta, um poeta de raça.

Espirito avido de conhecimento, com accentuada tendencia para os trabalhos especulativos, para as amplas generalizações culturaes, para o estudo da vida nas suas manifestações mais transcendentaes, e nos seus problemas sociaes de maior vulto e actualidade, o illustre e joven ministro da Educação, com esta nova affirmação da sua potencialidade intellectual, dá mais vigor de relevo e de expressão á sua já tão destacada e admiravel individualidade literaria.

Numa resenha rapida, schematica e incidental da natureza deste ligeiro registro literario bem pouco poderei dizer do escriptor e da sua obra. Figura das mais fortes e expressivas da intellectualidade brasileira contemporanea, o autor de "Cyclo de Helena" revela em sua poesia, polyphona e colorida, o que, em essencia, se poderia chamar liberdade classica e belleza pagã, numa eloquente e forte affirmação da consciencia dos principios que dirigem seu grande e illuminado espirito. Porque nenhum dos nossos escriptores contemporaneos terá mais desenvolvido que elle isso que os allemães chamam uma "Lebensauschauung" — uma philosophia consistente e individual.

Quem leia o sr. Francisco Campos, quem lhe conheça o estylo, rico de idéas originaes, largo, natural, fluente, logo sentirá que o seu temperamento literario soffreu varias influencias exoticas: os tragicos e os lyricos gregos, a literatura da Decadencia, os rimadores francezes da edade média, Byron, Victor Hugo, Goethe, etc.

A' luz das suas concepções philosophicas certo terá elle formado tambem esse espirito de ordem, de clareza, de medida e de harmonia que constitue o senso da necessidade dos limites, tão evidenciado na sua obra, ao lado do senso da competição e da luta, que marca o individualismo nietzscheano.

Mas, voltemos ao poeta, ao creador de "Cyclo de Helena". E' uma obra de alta poesia, de intensa e vigorosa expansão lyrica. São paginas vibrantes de emoção e de voluptuoso abandono essas que venho de ler com o interesse e a admiração que sempre me despertou o vigoroso espirito que as creou.

Intensamente intellectual e metaphysico, por effeito mesmo de sua formação mental e cultural, é extraordinario que Francisco Campos, nos dominios da poesia, désse á sua harmonia interior a expressão lyrica, espontanea, natural, de agua corrente, fresca e cantante, em que vasou seus versos, conseguindo realizar com mestria o que Gide chamou o milagre da "pureté lyrique". Como Emmanuel Signoret, "il cherche à reproduire nument la fureur lyrique qui l'envahit".

Na exaltação do amôr, do mar, das coisas, ou na doçura e delicadeza com que traduz e filigrana no oiro da sua fina sensibilidade os motivos de mais intensa emoção, está o maior encanto da arte fidalga, elevada, desse novo joalheiro da rima e magico dos rythmos magestosos.

O dr. Francisco Campos não é só o illustre homem publico de altos meritos que vem prestando ao paiz, á frente do Ministerio da Educação e Saude Publica, os mais relevantes serviços. E', tambem, uma das figuras de maior remarque no scenario da nossa actividade mental e cultural. Possuidor de vasta e solida cultura, o distincto patricio é um erudito na extensão da palavra. A feição meramente literaria da sua brilhante intellectualidade não foi, porém, sacrificada por esse grande espirito avido de conhecimento e acaba de se revelar, em magnifica affirmação, na obra recentemente publicada — «Cyclo de Helena», um lindo e artistico volume de versos que honram a poesia brasileira contemporanea.

Elcias Lopes.

O vapor «Almirante Jaceguay», conduzindo os excursionistas do primeiro cruzeiro turistico organizado pelo Touring Club do Brasil, deixou o porto do Rio de Janeiro na manhã de domingo passado, rumando para o norte do paiz. Iniciou-se, assim, sob os melhores auspicios, a feliz iniciativa do Touring Club, que visa mostrar o Brasil aos brasileiros, num intercambio turistico entre os diversos Estados da Federação. O presente grupo foi tomado no cáes, antes da partida do «Almirante Jaceguay», vendo-se ahi os directores do Touring Club e jornalistas que acompanharam os excursionistas, e mais o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, o secretario geral do Touring, dr. Edgard Chagas Doria, e o commandante Muller dos Reis.

COCAINA

Os sonhos são os cavallinhos de páo das creanças grandes que têm o nome de homens.

*

Nem sempre os bombons e os beijos são gostosos. Depende da qualidade...

*

Na mór parte das vezes, para vestir um sentimento a mulher despe-se deante do homem.

A vida se resume no encontro de dois labios.

O resto é accessorio...

MARIO POPPE

O illustre professor Mario de Brito, que acaba de ser nomeado director da Escola Secundaria do Instituto de Educação, recebeu, por esse motivo, sabbado passado, no Palace Hotel, expressiva homenagem dos seus collegas da Escola Polytechnica e da Associação Brasileira de Educação, os quaes lhe offereceram um almoço de cordialidade e sympathia. O dr. Mario de Brito apparece no centro do grupo, entre os manifestantes.

A FESTA DA "OBRA DO BERÇO"

AMANHÃ, domingo, a séde do Fluminense Football Club estará, durante toda a tarde, em festivo alvoroço, por motivo da reunião promovida por um grupo de damas da nossa alta sociedade, em beneficio da "Obra do Berço", que precisa de um ambulatorio infantil e de meios com que salvar da morte centenas de crianças pobres cuja saúde e cuja vida estão entregues á sua propria sorte.

A festa de amanhã, no Fluminense, que irá das 15 ás 21 horas, será, assim, duplamente bonita: além dos attractivos que o seu programma offerece, — lago encantado, visão de bonecas, chalet de jogos, aldeia alsaciana, jogos de praia, fogueira de Santo Antonio, serenata veneziana, hora de arte infantil, etc... — tem um fim nobilitante de benemerencia.

E tudo isso, e toda essa deslumbrante fascinação custa, apenas, 1$000 para os pequenos e 3$000 para as pessôas grandes, estando os cartões de ingresso á venda na rua Cosme Velho, 30, e no Circulo Catholico, á rua Rodrigo Silva, 3.

As crianças que forem divertir-se, nessa tarde linda, prestarão ainda um grande serviço aos seus irmãozinhos que não podem divertir-se, porque vivem longe da serenata da vida...

O dr. Joaquim Virgilio Teixeira Leite, professor da Faculdade de Pharmacia e Odontologia, que domingo proximo será homenageado, com um almoço, pelos seus collegas e amigos, por ter sido reconduzido ao cargo de secretario geral da Limpeza Publica, do qual se achava afastado.

As pessôas que tomaram parte no almoço offerecido sabbado ultimo, no Club Germania, pela Casa Bayer, aos representantes das classes droguista e pharmaceutica.

Festejando a sua data natalicia, a senhorita Eglé Barbosa, filha do casal Eduardo Barbosa, offereceu, em sua residencia, na Tijuca, uma linda recepção ás amiguinhas que foram cumprimental-a por tão grato motivo.

IMPERTURBABILIDADE BRITANNICA

Viajava um inglez com sua esposa pelo mar das Antilhas, quando se desencadeou formidavel tempestade. Os trovões rolavam no espaço. Os raios riscavam a noite com seus zigues-zagues chammejantes, unindo a boccana infernal dos relampagos á face agitada das ondas. Todos os passageiros, amedrontados, corriam, gritavam, torciam as mãos, pediam misericordia a Deus. Só o inglez e a esposa se conservavam tranquillos, sentados a uma das mesas do bar.

De repente estala um trovão mais forte e um raio cáe sobre a coberta, entra pela primeira porta aberta e reduz a um montão de cinzas a mulher do filho da loura Albion.

O inglez, impassivel, tira o cachimbo da bocca, chama o criado e ordena-lhe:

— Varra estas cinzas!

A Feira de Amostras

Com a maior solennidade, inaugurou-se, sabbado ultimo, na Avenida das Nações, a Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. A esse acto compareceram o chefe do governo provisorio, o interventor do Districto Federal e outros representantes do mundo official. O recinto apresentava um aspecto lindamente festivo, graças ao grande numero de visitantes que lá se encontravam tambem. As gravuras desta pagina dão uma idéa precisa do que foi a cerimonia inaugural da Feira de Amostras.

TREPAÇÕES

O garboso militar, depois da sua presença em certo club, onde durante a noite foi alvo da preferencia de uma figurinha de porcelana, não teve mais socego. Nunca elle suppoz que a sua tactica militar capitulasse tão facilmente deante de dois olhinhos espertos, espelhos de uma alma serena e amavel. Elle, que nunca teve a noção do mêdo, treme agora deante da espectativa de um casamento de amor....

Embora contrariando o seu modo de pensar, isto é, que o militar deve ser celibatario, o nosso heróe vae cultivando o sonho de uma vida harmoniosa, fóra da caserna.

Pois é aguentar firme, sem pestanejar, porque não poderá fugir á peça que o acaso lhe armou! A garotinha gentil tambem ficou seriamente *chumbada* e não faz mysterio do caso. Contou á familia toda a historia, e considera-se, desde já, noivinha official, ou do official, como queiram...

Agora resta aguardarmos os respectivos proclamas e o cortejo nupcial, cujo brilho vae fazer inveja a muita amiguinha de *mademoiselle*....

NÓS o conheciamos ha muito tempo, mas não sabiamos que era um maniaco perigoso. Pois o *homem do charuto* é mais alguma coisa que simples soldado do batalhão dos *mirones*, dos taes que impédem o transito da Avenida, espetados nas calçadas para vêr quem passa. Elle olha, escolhe e persegue... Com uma obstinação inquiéta de doente. Na esteira das victimas, elle é capaz de todas as ousadias, não desanimando no primeiro, nem no segundo *contra*.

Diz qualquer coisa semelhante a um galanteio, e, por fim, ameaça...

Estevam Amarante, o esforçado e estimado director artistico da Companhia Portugueza de Revistas José Loureiro, ora nesta capital.

Maria Laura, uma das figuras destacadas da mesma Companhia e actriz que tem alcançado o mais brilhante successo no palco do Republica.

Armando do Nascimento é o applaudido tenor, cuja voz tem sido muito apreciada no theatro da avenida Gomes Freire.

E' de um atrevimento que assombra, pois as victimas não podem siquer recorrer á policia, temendo um escandalo maior. Mas, quando persegue e fala, o homem não abandona o charuto, ameaçador tambem, porque póde muito bem a chamma inutilizar os vestidos das victimas. Então, o prejuizo será maior... O *homem do charuto* nunca traz dinheiro no bolso, nem mesmo para as despezas de *taxi*, quanto mais para indemnizar os vestidos que acaso inutilize na execução do *sport* de sua predilecção. Si vivessemos num paiz policiado, o nosso heróe já estaria sob as vistas das autoridades competentes, para o devido correctivo. O *homem do charuto* teria de escolher dois unicos caminhos: hospicio ou cadeia.

QUEM examinasse o bonde que rolava para o bairro *chic*, naquelle fim de tarde *gris*, e observasse *madame*, isolada, numa ponta de banco, diria que ali estava um anjo de candura, alma ingenua, inteiramente voltada para as doçuras do lar. Entretanto, nós não podiamos pensar de igual maneira, depois do que vimos e ouvimos, quando *madame* trazia ao lado um rapaz de bôa apparencia, e que teve o cuidado de saltar no caminho. Vinham evidentemente satisfeitos. Talvez sonhando com a felicidade de outro dia igual!...

O rapaz, quando firmava os olhos myopes, através das lentes fortes, parecia ter o desejo de renovar, ali mesmo á frente do publico, os beijos cujo sabor ainda guardava nos labios...

Madame, quando poisava o olhar no rapaz, parecia querer devorál-o, para que não restasse nem um pedacinho para as outras.... E que lindo olhar tem *madame*!

Mesmo dentro de um bonde, *madame*, por vezes, esquecia a conveniencia de ser discréta e apanhava a mão do rapaz, acariciando-a com escandalo. Um legitimo casal de collegiaes em dia de ferias... Divertidos! Divertindo-nos...

Foi justamente após ter o rapaz saltado do bonde que *madame* tomou aquella attitude de dona honesta, quando na realidade é uma amavel peccadora. Bem se diz que... quem vê cara não vê coração...

FON-FON no cinema

Ilha do Paraiso

(Paradise Island)

Producção da Tiffany

Direcção de Bert Glenon

Interpretação de Kenneth Harlan — Marceline Day

JIM THORNE, um aventureiro, chega á ilha de Tonga, no sul do Pacifico, com o unico fim de enfrentar o seu velho inimigo Mike Lutz, que explora um bar na ilha, e que não tem competidores no seu commercio de perolas com os nativos. Por muito tempo, existiu entre os dois a rivalidade de um capturar o navio, a pequena e o dinheiro do outro.

Elen Badford chega á ilha ao mesmo tempo que Thorne. Tinha ido até lá para desposar Roy Armstrong, um bebado com quem ella promettera casar. Roy deve o seu declinio e morada a Lutz.

Quando elle vê Elen, a unica mulher branca na ilha, planeja conquistal-a, e Thorne, pensando que ella é a pequena de Lutz, planeja raptal-a, mas Elen facilmente o convence de que é uma moça seria.

Ella recusa-se a casar com Roy, até que elle prove ser um homem de vontade propria. Por amor a Elen, Thorne protege Roy contra a ganancia de Lutz. Thorne, então, planeja tambem obter os vales que Roy emittiu quando perdeu nos jogos de cartas com Lutz. Dá-os de presente a Elen. A moça, cada vez mais desilludida a respeito de Roy, vê augmentado o seu affecto por Thorne. Lutz não os per de de vista. Thorne, depois de confessar-lhe o seu grande amor, cae numa cilada preparada por Lutz para rehaver o seu dinheiro, a sua pequena e o seu barco. Promette uma festa para os homens de bordo. No dia da festa, substitue-os por homens seus e toma conta do barco. Thorne chega e cáe na cilada. Ha uma luta tremenda, da qual Thorne sae vencedor e, então, em companhia de Elen, alça as velas do seu barco.

Entre corações barbaros.

DELICIOSA

DA FOX — COM ROULIEN

O que a Fox apresentou, para lançar o distincto artista brasileiro sr. Raul Roulien, é um verdadeiro mimo cinematographico, producto de uma arte feita de simplicidade, de belleza e de emoção. *Deliciosa* é um puro film romantico. Romantico na inverosimilhança do enredo; romantico no detalhe; romantico no final, cheio de suavidade, de doçura e de sacrificio amoroso.

Raul Roulien, neste film, representa a maior victoria que algum dia um artista alcançou nas ingratas terras de Hollywood. E' a formula de Cesar. Chegou, viu e venceu. Incontestavel-

A ameaça duma brutalidade.

O seu coração soffria com a hostilidade do ambiente.

mente, isso se deve, na sua maior parte, ás qualidades de artista internacional que caracterizam o distincto actor brasileiro. Elle possue todas as qualidades exigidas nos studios norte-americanos: figura, agilidade estrionica, conhecimentos, ainda que rudimentares, de canto, de bailado, de interpretação e de linguagem. Seria estranho que os mestres da setima arte desprezassem tão raras qualidades. Entretanto, a justiça manda que se affirme que o sympathico actor brasileiro empregou todos os seus esforços, não já para lançar o seu nome entre os *stars* cinematographicos, mas tambem para o lançar com brilho, com relevo, com segurança.

Deliciosa é um film que irresistivelmente nos agrada. Não que nos traga qualquer cousa de novo, de inedito, de sensacional; mas que se desenvolve numa sequencia perfeita, n'um ambiente carinhoso de bondade, de candura, de sentimentalidade e de bom espirito. Janet Gaynor, Charles Farrell, detentores dos primeiros papeis, são os dois amorosos de sempre, que captivaram, dominaram por completo, a alma brasileira.

Film bom; interpretação brilhante; encenação agradavel; e, sobretudo, uma grande victoria para o prestigio do nome artistico do Brasil.

A. G.

Alma selvagem em alvoroço.

Elle sabia a quem amava.

O SEGURO DO AMOR

(COCK O' THE WALK)

Comedia dramatica da

SONO ART PICT.

Direcção de R. W. Neil

Interpretação de:

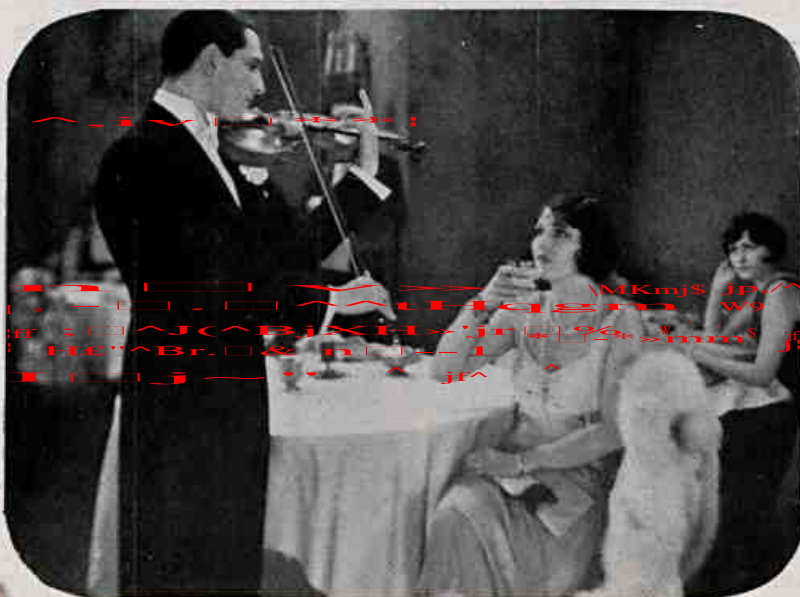
Joseph Schildkraut, Myrna Loy, Philip Sleeman, Edward Peil, John Beck, Olive Tell, Wilfred Lucas e Franck Johnson

CARLOS LOPEZ dirigia-se alegremente, com a sua baratinha, para o seu café favorito. De repente, uma nuvem de preoccupações encobre o seu semblante. Descobre, por entre as arvores, a figura de uma mulher joven, que está disposta a atirar-se ao rio. Ella se joga, e Carlos, aborrecido por ter de interromper o seu passeio, atira-se depois della. Salva-a da morte. Conduz a pobre moça para casa, arranja-lhe roupas e, ao sahir novamente, recommenda-lhe que se vá embora, quando se sentir melhor.

E Carlos, retomando o seu passeio, deixa Narita deante do fogão. Chegado ao café e passeando os olhos sobre uma scena familiar, descobre uma nova cara: Paulina Castro. Segue-se um rapido namoro, que é interrompido pela chegada de Vallejo e sua mulher, uma das conquistas de Carlos. O rapaz é apresentado a Ortega, que havia sido amante de Narita, facto ignorado por Carlos. Rosa lamenta a negligencia de Carlos. A insolencia de Ortega injuria Carlos. Uma bofetada estala, e Ortega roda nos calcanhares. O namoro de Carlos com Paulina vae de vento em pôpa e o par deixa o café em seguida. Paulina descobre Narita na casa de Carlos, ainda sob os effeitos do mergulho. Retira-se porque vê nella uma rival. Carlos, nervoso, convida Narita a retirar-se tambem; mas, pensando que ella vá dar cabo da vida, propõe-lhe adiar a sua loucura por um anno.

Pede-a em casamento. Convida-a a fazer um seguro de vida, pois, com a morte della, elle receberá o bastante para continuar os seus estudos de violino em Paris. Narita concorda e a troca é feita. Seis mezes decorrem. Rosa, em sua casa, está á espera de Carlos.

O marido della, entretanto, sabe de tudo... Vae á casa do rapaz para uma satisfação, e ali Narita o informa de que elle está no café. O marido ultrajado retira-se para o café, emquanto Narita avisa aos amantes que a vida delles corre perigo. Carlos, dias depois, commette um crime de morte em legitima defesa. Preso, comprehende que faz justamente um anno que fizéra a troca sinistra com a sua companheira. Foge da prisão e corre para

Brinquedos perigosos.

Vibravam os corações com a sua alma de artista

casa. Narita não está. Elle vae encontral-a no alto de despenhadeiro, prompta para o suicidio. Salva-a, e vão, então, viver em paz.

UM HEROE PERVERSO...

Isto é o que parece ser o segredo do exito de Robert Montgomery no cinema. Em vez de interpretar heroes do tempo dos romanos, um santo de gesso da historia santa, interpreta sempre papeis humanos, com uma mistura de perversidade e travessura, o que faz realçar as suas bôas qualidades.

Este é o typo de personagem que Robert gosta de interpretar e, na verdade, é o que lhe fica melhor. Elle põe tanta graça e encanto nas suas caracterizações, que o publico não póde deixar de ficar extasiado com elle, apesar de ter, algumas vezes, vontade de matal-o.

"Como sabem, disse Montgomery, eu detesto interpretar personagens nobres, magnanimos, impeccaveis. O tempo dos heroes e heroinas de bôa conducta já passou. Os heroes de hoje são pessôas com um pouco de maldade e bondade, como o é todo mundo, geralmente.

"No meu modo de pensar, creio que não ha nada mais insipido do que uma pessôa de uma conducta irreprehensivel, tanto na téla como na vida real — pessôas que não podem realizar qualquer coisa nem muito menos pensar em fazer qualquer coisa ruim. Estremeço ao pensar em ter de encontrar-me com pessôas como estas, se é que existem na realidade."

Na verdade, Robert tem a arte de interpretar um heroe perverso. Elle passa de um papel a outro comportando-se terrivelmente, e o publico gosta disto. Elle apparece tão sympathico no meio de tudo isto.

Montgomery nunca exaggera o seu papel. Seu humor e seu senso de proporção lhe impedem de fazer tal erro. Esta é a razão pela qual as interpretações deste sympathico astro são tão convincentes.

Nos dois annos que se passaram desde que elle trocou Broadway por Hollywood, Robert tem ido longe nos seus successos. Foi o galã das estrellas mais populares de hoje em dia, como Joan Crawford, Norma Shearer, Greta Garbo. Estas estrellas encantaram-se de ter Robert como galã. E hoje, como astro por seu proprio direito, Robert está alcançando cada vez mais o caminho da gloria e a correspondencia dos seus innumeros admiradores augmenta cada vez mais.

Montgomery é realmente um rapaz de uma grande força de vontade. Esta é a razão por que elle chegou a ser o que é hoje. Apesar dos seus grandes exitos, Robert não se tornou orgulhoso; pelo contrario, está muito mais simples, gentil e sociavel. Sente a embriaguez dos seus grandes exitos, mas se mantem sobrio.

Quando lhe disseram que ia ser elevado á categoria de astro, elle não perdeu a cabeça. Acceitou tal honra com calma e continuou trabalhando como antes. Varias pessôas perguntaram-lhe que impressão tinha como astro e Robert respondeu simplesmente:

"Para dizer a verdade, não sinto nenhuma differença em ser astro ou um dos protagonistas. A unica excepção é que o astro tem que posar para o dobro de photographias!"

E sobre suas ambições? Robert tem vontade de ser um grande escriptor. Na verdade, elle já vendeu algumas das suas historias. Mas ainda espera escrever uma historia para o cinema.

E quando Montgomery escrever, certamente que o personagem da historia será do typo como os heroes predilectos de Robert — um caracter não tão santo e não tão mal — heroe com os seus pontos de perversidade.

Grades inuteis.

A "TOILETTE" E AS FÉRAS

Em um circo se consideraria uma proeza digna de ser exhibida em publico metter-se alguem em uma jaula de leões para cortar-lhes o pello e afiar-lhes as garras. Nos grandes jardins zoologicos, porem, estas coisas mudam de figura. Os guardas acham perfeitamente logico e natural entrar em uma jaula de tigres ou de leopardos e limpál-os como se fazem com as creanças. E' o que acontece, por exemplo, no Jardim Zoologico de Londres, onde se usam machinas de mão, muito flexiveis, para aparar o pello dos tigres. Para os leões empregam-se pentes de metal para lhes pentear as melenas.

O CHRISTIANISMO E A ESCRAVIDÃO

Depois do christianismo a escravidão continuou no mundo com a mesma intensidade dos tempos antigos. Os romanos chamavam "familia" aos escravos que os serviam. Sabiam tratál-os humanamente e muitos foram os que alcançaram a liberdade. Mas, os horrores dos escravos negros que, na America do Norte chegaram até os nossos dias, eram ignorados pelos antigos.

A DANÇA DOS GALLOS

Diz-se que os animaes não são insensiveis á fascinação da musica. Fantasia ou realidade, o facto é que muitos passaros possuem um esquisito senso musical.

Alguns naturalistas entretiveram-se em fixar no pentagrama as "arias" predilectas de alguns passaros. Mas, entre as aves, não só se encontram apaixonados cultores da musica como tambem fervorosos discipulos de Terpsichose. Em algumas especies de gallinaceos, os gallos têem a particularidade de se reunirem para logo abandonar-se a um rythmo de dansa que só elles sabem interpretar e que teem o fim especial de attrahir a attenção das... gallinhas.

Novidades Literarias da Europa

EMILE HENRIOT

LA MAUCHANDE DE COURONNES

Nouvellas

[illegible] ... 12 Fs.

Librairie Plon

8 Rue Garancière

PARIS

Uma velha historia que emocionou toda a França foi a da evasão do capitão Lux. E' sabido que esse official, prisioneiro dos allemães durante a guerra, conseguiu fugir em condições que até hoje ficaram em completo mysterio. Essa fuga emocionante, contada pelo proprio autor, vem de apparecer em uma edição excellente das "Oeuvres Representatives", e tem um prefacio do general Hirschauer.

A Academia Belga de Lingua e Litteratura Franceza vem de eleger o poeta Georges Marlow na vaga do poeta Max Elscamp, recentemente fallecido.

Swinford old Manor, em Ashford, no condado de Kent, na Inglaterra acha-se á venda. Alli morou o celebre poeta inglez Austin Alfred, e ali passou elle os ultimos annos de sua vida, sendo o admiravel jardim que rodeia a casa o inspirador de *The garden that I love*, hoje o livro de versos mais popular da Inglaterra.

Goethe continúa ainda, por motivo da commemoração do centenario de sua morte, a merecer, da mentalidade franceza, verdadeiras consagrações. Em França, mais do que na propria Allemanha, milhares e milhares de obras sobre o grande genio de Weimar foram lançadas. A ultima foi um numero especial da revista "Europa", das edições Rieder, ornada de excellentes gravuras, organizadas por Romain Rolland, Gundolf, Paul Amann, Hecker, Thomas Mann, Benedetto Croce, Jules Romain, etc., e que constituiu o maior exito de livraria dos ultimos tempos.

A Academia Franceza acaba de lançar com grande alarde a sua *Grammatica*, que causa furor, passando alem da sua propria espectativa. Pequeno formato in-12, teve 50.000 exemplares de 1.ª tiragem, contando 254 paginas, incluindo um admiravel prefacio em que a Academia expõe as suas intenções. Essa primeira edição esgotou-se em 10 dias, já se annunciando a segunda.

O dr. Emil Ludwig, que já publicou innumeras biographias de homens celebres, notadamente a de Guilherme II, vem de chegar a Roma, onde pretende ficar varios mezes, afim de preparar a biographia de Mussolini, que, segundo os jornaes italianos, o recebe todas as manhãs durante duas horas.

Livros que acabam de apparecer

— «L'au Delà de l'en Deçà», por C. A. Cantacuzene. (Perrin, editor).
— «La revolution sociale», por Paul Louis. (Valois, editor).
— «Le mecanisme de l'intelligence vu par l'experience graphologique», por Mme. M. Delachaux. (Attinger, editor).
— «Les presages chez les anciens», por Claire Lefebvre. (Revue Mondiale, ed.).
— «Quand le vent souffle», romance, por Georges Marquerit. Revue Mondiale, ed.).
— «Trois confessions», por J. Granvilliers. (Edições Tallandier).
— «Litterature et revolution», por Victor Serge. (Valois, editor).
— «Le roc d'or», romance, por Theo Varlet. (Plon, editor. Successo).
— «Les nuits secrétes de l'Ambassade», por S. Normand. Lemerre, editor).
— «La séve sous l'encorce», por L. Jonaville. (Messein, editor).
— «Economie de l'Europe future», por René Giraud. (Valois, editor).
— «La derniere offensive», por Ernest Souchoy. (Figuière, editor).
— «Je t'attends», por Edmond Jabés. (Figuière, ed.).
— «Sonnets sans echo», por Cantacuzene. (Perrin, editor).
— «Critique de la revolution espagnole», por Cezar Falcon. (Stock, editor).
— «Psychologie politique», por Merlden. (Editions Argo).
— «La chair a Oo», romance, por Leopold Stern. (Albin Michel, editor).
— «La grande cherie», romance, por Magdeleine Chaumont. (Albin Michel, editor).
— «Auvergne», por Jean Ajalbert. (Albin Michel, editor).

Rabindranath Tagore, o famoso poeta Hindú, viaja actualmente pelo interior da Persia, afim de findar um trabalho em verso sobre o passado do grande povo.

HENRI DANJOU

ENFANTS DU MALHEUR!

Ce que personne n'a osé dire sur les Bagnes d'enfants.

Albin Michel Edit.
22 Rue Huyghens
PARIS

1 volume sur beau papier .... 15 Fr.

A Real Academia de Italia vem de distribuir os seus premios annuaes, dos quaes os de maior importancia são os premios *Mussolini*, em numero de 4 e no valor de 50 mil liras. Na secção das *Lettras* o premio coube a Silvio Penco, escriptor e jornalista, pela sua obra de critica: na de *Sciencias Moraes e Historicas*, soube a Giuseppe Furlani, professor de philosophia da Universidade de Florença, pelas suas obras historicas sobre a civilização assyrio-babilonica.

Paul Bourget, apesar de quasi octogenario, continúa ainda a merecer o favor do publico francez que acolhe com verdadeiro enthusiasmo cada livro que a sua enorme fecundidade de escriptor elabora, em numero de 3 ou 4 por anno. Ainda recentemente a Livraria Plon lançou um romance de Bourget que obtem os louvores da critica e um esplendido successo de livraria: *Le diamant de la reine*.

BRUNO DE ABREU

Brasil Gerson — A VIDA ACABA NO MEIO — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

"A vida começa amanhã!" — diz quasi toda gente por ahi.

"E' possivel.

"Mas o que é certo é que sempre acaba no meio, no melhor de todas as coisas, interrompendo, sem se saber como, nem porque, a pobre felicidade que levamos tanto tempo para conquistar..."

Eis o que escreve o autor, no *prologo* do romance.

A vida começa amanhã, diz quasi toda gente por ahi...

Talvez por isso, Guido da Verona escreveu, ha dez annos, o interessantissimo romance *La vita comincia domani*, dizemos nós.

Haverá analogia entre os dois livros? Nenhuma, a menos que se descubra no sr. Brasil Gerson a preoccupação de usar dos mesmos processos do brilhante escriptor italiano.

Manipulando o seu romance, o sr. Brasil Gerson quiz dar ao mesmo côr local, fazendo-o viver no scenario carioca. Acção, quasi em *familia*, numa pensão em Copacabana, de propriedade de uma hespanhola suspeita. Depois, o autor movimenta os personagens, numa batalha de phrases paradoxaes.

No ambiente amoral os conceitos se repellem, mas, o interesse pela leitura não acaba no meio do volume. O escriptor é habil, sabe conduzir o leitor até o fim.

Leia-se o *epilogo*.

"E depois? Mas por que e para que perguntar? O fim de todos os romances é sempre o mesmo, contenham elles 200 paginas de literatura ou 200 dias de realidade: no fim sobra sempre uma saudade que uma pessôa, ou duas, ou dez vão sentindo pelo Tempo, até que a morte appareça e acabe com tudo.

"O que apavora na morte é isto: é que quem morre não póde mais sentir saudade..."

A historia não está mal contada. Si o escriptor tivesse em menor dose a preoccupação de parecer original, o livro seria melhor. Em todo caso, como livro de estréa, é uma esplendida victoria, pois o sr. Brasil Gerson começa por onde muita gente acaba... A capa do volume é uma revelação do talento artistico de Paulo Werneck.

Edgar Wallace — A SERPENTE DE PLUMAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

Os leitores de Wallace têm mais um volume do celebre novellista, traduzido na nossa lingua.

São 286 paginas movimentadas, que despertam o mais vivo interesse. Apresentação material admiravel.

Louis Wilton — A RAINHA DA NOITE — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

DEPOIS do successo de *A aranha branca*, apparece esta nova obra do mesmo autor. Tratase de um dos melhores volumes da *Collecção amarella*, da conhecida editora gaúcha.

(*Continúa na pag. seguinte*)

Alcides Gentil — AS IDÉIAS DE ALBERTO TORRES — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 10$

O Brasil está numa época singular, em que todos têem idéas, e quem não as possúe toma de emprestimo as alheias. Por isso, a publicação deste livro é opportuna. Alberto Torres foi um dos maiores pensadores brasileiros, mas a sua obra é quasi desconhecida. Apenas alguns curiosos beberam os preciosos ensinamentos do grande mestre. Entretanto, muita gente gosta de citál-o blasonando sapiencia. Agora, com o trabalho pacientemente organizado pelo sr. Alcides Gentil, as citações podem ser feitas com maior successo... A obra de Alberto Torres, embora accessivel a uma minoria, empolga os espiritos preoccupados em dar novos rumos ao paiz, na imminencia, ao que dizem, de receber uma Constituição talhada mais ao feitio do sentimento de brasilidade. Será que já temos uma consciencia *nacional*, formada de accôrdo com o sonho dos sociologos de alto coturno?!... Não acreditamos. Somos uma nacionalidade em formação, que desperta, nada mais. Não temos escolas primarias, nem ensino technico.

As nossas Academias são uma pilheria onde existem com raras excepções alguns professores dignos das cathedras superiores. Como edificar obra definitiva em alicerces assentados no solo movediço das paixões subalternas e da ignorancia das massas?... Baldado esforço!

Estes commentarios á margem não impedem que reconheçamos a utilidade do trabalho do sr. Alcides Gentil, que nos vem prestar um excellente serviço vulgarizando, pelo methodo da synthese, a obra de Alberto Torres.

Prefaciando o livro, o illustre sr. Oliveira Vianna diz bem, quando affirma: "Esta synthese é tambem um guia para os que quizerem se aventurar no oceano alto do pensamento de Torres, pela leitura directa das suas obras; Gentil a fez de tal fórma, que ella nos conduz, em cada paragrapho ou em cada inciso, ás fontes originaes, isto é, a toda a bibliographia do pensador fecundo.

"Espero que este resumo seja um estimulo para a leitura integral das obras de Torres. Essas obras estão mal conhecidas; emtanto, precisam ser lidas; mais: devem ser lidas. O presente alli está confirmando todos os seus julgamentos; o futuro irá confirmál-os naquillo que constitúe as suas chamadas utopias. Como todo homem de genio, Torres ultrapassou o seu tempo; nas suas expressões mais altas e ousadas, o seu pensamento é prophetico, representa uma antecipação e irá encarnar-se em gerações ainda por virem, que ainda estão muito distantes de nós e cujos germens o futuro ainda não semeou sequer no seio das suas matrizes creadoras."

A introducção, assignada pelo sr. Alcides Gentil, espelha as qualidades apreciaveis de uma forte intelligencia e de uma solida cultura.

Alex Contet — A VINGANÇA DO AMERICANO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 4$

UM livro magnifico, movimentado, curioso. A grande guerra forneceu o material para a obra, que focaliza detalhes acerca dos acontecimentos maritimos. Epilogo: "O senhor Ricardo Stephenson, de Philadelphia, tem a honra de participar-vos o casamento de sua irmã, miss Elina Stepheson, com o senhor Marcelo Brion, capitão de fragata da marinha franceza." Traduzido da edição franceza: *Stop. (V contra U)*

Baptista Pereira — FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 6$

SÃO 340 paginas de curiosa leitura. Traçando alguns perfis de estadistas do Imperio, o autor evoca Zacarias, Torres Homem, Rio Branco, Martinho Campos, Lafayette, Cotegipe, Ferreira Vianna, Nabuco de Araujo, José de Alencar e Silveira Martins. O autor maneja a lingua portugueza com segurança, escrevendo com elegancia. Assim, o leitor encontra grande encanto na apresentação das illustres figuras, realmente dignas de serem conhecidas pela actual geração.

Só não concordamos com os parallelos estabelecidos pelo autor para auferir valores, processo perigoso, de resultado negativo quasi sempre. Muito embora esta pequena restricção, folgamos em reconhecer o valor da obra do sr. Baptista Pereira. O livro contém tres outros capitulos, denominados *O idealismo da constituição*, *Ruy na Conferencia de Haya*, *Rudyard Kipling* e *O Rio de Janeiro*, que constituem estudos de acurada observação. O que se refére ao Idealismo da Constituição, é uma polemica expressiva mantida entre o autor e o sr. Oliveira Vianna. O interesse que desperta o presente volume do sr. Baptista Pereira justifica a nossa curiosidade pelo livro que annuncia para breve: *Vultos e episodios do Brasil*.

Arthur Conan Doyle — A CIDADE SUBMARINA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

TRADUZIDO do original inglez *The maracot deep*, este é o segundo volume de Conan Doyle incluido na magnifica collecção *Para Todos*. O titulo da obra indica o genero da leitura: um drama fantastico vivido no fundo do mar.

Baroneza Orczy — ROSAMARIA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

MAIS um volume da illustre escriptora, acerca de novas aventuras do Pimpinella Escarlate, o personagem diabolico e mysterioso que tanto trabalho deu aos vencedores da Revolução Franceza. O volume faz parte da apreciada collecção *Para Todos*.

Rafael Sabatini — O GRANDE AMOR DE ANTHONY WILDING — Comp. Editora Nacional S. Paulo — 1932 — 5$

SÃO 334 paginas de interessante leitura. E' mais um volume que Sabatini fornece para a collecção *Para Todos*.

Apresentação material magnifica.

M. Yantok — OS SETE SERÕES DE XEMAYDA — Editora Braz Lauria — Rio — 1932 — 5$0

YANTOK escreveu e illustrou mais um livro de *contos maravilhosos*, destinado ás creanças. Não sabemos o que mais merece o nosso elogio, si o encanto das historias de Yantok, ou si a primorosa apresentação material do volume, que é um honroso attestado da perfeição das artes graphicas do nosso paiz.

A petizada está de parabens.

NOTAS DE ARTE

POR

OSCAR D'ALVA

QUARTETO DE LONDRES. — Formado pelos instrumentistas John Pennington (1.° violino), Thomas Petre (2.° violino), William Rimrose (viola) e Warwick Evans (violoncello), realizou o **Quarteto de Londres** no Theatro Municipal, na noite de 1.° e na tarde de 4 de junho, dois concertos, onde foram executados além de vários extra, como **Minueto**, de Haydn, e trechos de **Ariesienne**, de Bizet e de **Peter Pan**, de Walford Davies, os seguintes programmas: 1) **Debussy — Quartetto em sol menor, op. 10; Scontrino — Minueto; Frank Bridge — Cherry Ripe; Beethoven — Quarteto em mi menor, o. 59, n. 2;** — II) **Borodine — Quarteto em ré menor; Schubert — Quarteto Satz; Brahms — Quarteto em dó menor, op. 51, n. 1.**

O que impressiona immediatamente, ouvindo-se o celebre conjuncto, é a sua admiravel unidade. Não ha nenhuma exaggerada metaphora em reconhecer que os dois violinos, a viola e o violoncello se fundem num só instrumento; são órgãos de um só apparelho. Basta fechar os olhos e ouvir, para ter-se a excepcional impressão. O quarteto é um pequeno orgão de cordas. Para designar-lhe a perfeitíssima unidade criamos um termo, um neologismo, talvez barbaro ma[illegible]xpressivo, que de outra feita com[illegible]nos propriedade já applicamos. Não ouvimos dois violinos, uma viola e um violoncello, mas um instrumento novo, o — **violinolacelo**...

Mas não é só o valor synthetico da tetrade musical que nos impressiona. Cada um dos **violinolacelistas**, nos raros momentos em que tocam a solo, revela-nos também virtuosidade invulgar. Notamos especialmente a do 1.° violino e a da viola.

E' escusado dizer que não houve numero de programma nem numero extra, que não fosse fragorosamente applaudido, quer pelo auditorio relativamente pequeno do 1.°, quer pelo auditorio relativamente numeroso do 2.° concerto.

Dada a impeccabilidade dos interpretes, nada ha que distinguir na mestria das execuções, mas, pelo grão das impressões causadas á nossa e á sensibilidade do publico, é de justiça assignalar, acima de tudo, o **Noturno de Borodine**, 3.° tempo do **Quarteto em si menor**, — pagina de excepcional belleza lyrica, que nos commove, nos extasia, e nos produz emoções só comparaveis ás do **Adagio** da **Sonata Ao Luar**, de Beethoven e do **Noturno**, op. 15, n. 2, de Chopin; depois o 2.° tempo do **Quarteto** de Brahms, saudoso e lindo como um sol poente; e afinal um dos trechos de **Peter Pan**, meia dúzia de compassos de melancólica e profunda belleza. Não esqueçamos também o painel dourado, a téla faiscante, que é o **Quarteto** de Debussy, sobretudo o romântico **Andantino**.

Foi completo o triumpho do admiravel Quarteto. Só um reparo fazemos, mas esse nada tem a ver com o valor dos interpretes nem com a belleza das composições; refere-se apenas á distribuição dos números. Parece-nos teria sido melhor o effeito sobre o publico se o 1.° concerto principiasse com o **Quarteto** de Beethoven e acabasse com o de Debussy, e o 2.° começasse pelo de Brahms e terminasse com o de Borodine. Dado o genero das peças, acreditamos seria ascendente em vez de descendente a escala das impressões. Seria maior o gozo espiritual ouvindo Debussy depois de Beethoven e Borodine depois de Brahms.

MUNZ. — O 3.° e parece que o ultimo concerto, nesta temporada, de Miecszyslaw Munz, foi mais uma victoria para o grande pianista polaco. Realizado no T. M. ás 16 h. ½ da tarde de 2 de junho, consistiu em números de Liszt e Chopin, além de alguns extra, como a **Marcha Turca** de Beethoven, segundo este programma: **Liszt — Funérailles; Légendes: St. Fr. d'Assis prêchant aux oiseaux; St. Fr. de Paule marchant sur les flots; Valsa impromptu; — Chopin — 24 préludes, op. 28; Nocturne en fá mineur, Tarantella, E'tude en dó mineur, Grand Polonaise em la bemol, op. 53.**

Embora não seja excepcional como pianista de bravura, assim se mostrou na magistral interpretação da **Poloneza em lá bemol** e no grande e difficil **Estudo em dó menor**. Foi em tudo, ou assim nos pareceu, de impeccavel technica; não lhe percebemos o mais leve deslise.

Foi excepcional impressão a que nos deu o artista interpretando **São Francisco de Paula caminhando sobre as ondas**. Chegamos a vêr o oceano revolto, tão bem descripto pelo compositor e tão bem traduzido pelo interprete, e a figura do santo pairando sobre as vagas. De incomparavel mestria.

Os 24 **Prelúdios**, que ha dois annos nos tinham deixado profunda impressão, dedilhados pelas mãos canoras de Brailowsky, tiveram rara execução. O n. 15, o celebre da **Gota d'agua**, e que se poderia chamar também o **Prelúdio** phantastico ou **Prelúdio** macabro pela evocação dos monges mortos do mosteiro de Valdemosa; e o n. 24, que Cortot intitulou **Sangue, volúpia, morte!** e Philippi apenas **Revolta**, e onde Chopin, segundo as suas próprias palavras, derramou toda a sua angustia e o seu desespero, quando Varsovia, a capital da sua patria, cahiu em poder do invasor; esses dois immortaes poemas sonoros tiveram irreprehensivel senão insuperável interpretação.

Sensibilizado pelo poder communi-

A creança cega

Ninguem o notou, a principio. O pequenito tinha o olhar incerto que teem todas as creanças durante algum tempo. Passaram-se dias e semanas. Seus olhos tornaram-se brilhantes, mas a creança não voltava a cabeça para os raios de sol que penetravam pela janella juntamente com o chilreio alegre dos passaros e com o farfalhar das folhas das arvores do grande jardim.

A mãe foi a primeira a notar a estranha expressão da physionomia do pequenito.

Olhou ao redor della com espanto e disse para si mesma:

— Como poderá ser isto?

— Que dizes? — observam-lhe com indifferença. São sempre assim as creanças de sua idade.

— Olha sempre na mesma direcção: é cego — replicou, angustiada, a pobre mãe.

Quando o medico chegou, tomou o pequenito nos braços, aproximou-o da luz e observou-lhe os olhos. Disse algumas palavras consoladoras, confusamente, e foi-se, promettendo voltar no dia seguinte.

A mãe chorava, apertando o filhinho ao peito, á illudir-se com uma ultima esperança.

Ao outro dia, porem, o doutor disse-lhe:

S E A R A

— Senhora, seu filhinho é cego e, por desgraça, é incuravel a sua cegueira.

— Sabia-o, doutor — disse.

E todo seu coração encheu-se da sombra que velava os olhos do pequenito — W. KOROLENKO.

*

Modernismo

O mal existe e expande-se com vertiginosa rapidez e não ha poder humano capaz de deter suas funestas consequencias.

Para contêl-o, attenuando-lhe os effeitos, seria necessario outro modo de comprehender dos que constituem a grande maioria. Talvez, assim, melhor pensando e reflectindo, tivessem exacta noção das consequencias de semelhantes liberdades.

Apregôam-se, a todos os ventos, idéas anarchicas e corruptoras, a que se chama emphaticamente *modernismo*.

Acceito isto, no emtanto, quando se trata de corrigir defeitos, quando se trata de ensinar a desviar-se alguem do mal caminho para ingressar no que conduz ao aperfeiçoamento moral, acceito-o, gostosa-

cativo do interprete, a assistencia applaudiu-o, sem cessar em todos os numeros e pediu e obteve varios extra, igual e ruidosamente ovacionados.

ALICINHA RICARDO. — Dos mais bellos successos o concerto da joven cantora brasileira, senhorita Alicinha Ricardo, realizado no T. M. em a noite de 2 de junho.

Acompanhada pelo pianista Sousa Lima (José), a artista patricia cantou além de um extra, estes numeros: I) Haendel — Where e'er You Walk; Weckerlin — Les quinze ans de Rosette e Paris est au roi; Obradors — Dos cantares populares; Castelnuovo — La Pastorella; Bellini — Ah non credea mirarti, aria da op. «Sonnambula»; Verdi — Caro nome, aria da op. «Rigoletto»; — II) Luis Heitor — Volúvel; Fr. Braga — Virgens mortas; L. Fernandez — Berceuse da onda; J. Octaviano — Canção da rua; Moussorgsky — La poupée s'endort; Duparc — Vie antérieure; Debussy — Il pleut doucement sur la ville...; L. Urgel — Trois Petits garçons; A. Thomas — Aria de Ophelia (a da loucura), da op. «Hamleto».

A voz de Alicinha Ricardo é das mais agradaveis e educadas que vivem no Brasil. E' um bello soprano lyrico-ligeiro; mais lyrico do que ligeiro. Por isso mesmo se consegue triumphar, como triumphou, em arias de soprano ligeiro, como Caro nome, maior lhe é o triumpho em cantos de soprano lyrico, como Vissi d'arte. Mas num e noutro genero revela sempre grande poder expressivo. Affirma ao canto o sentido da letra, dando á mimica da face a mais eloquente expressão. Bem mostra que ouviu licções de Vera Janacopulos, a grande mestra dessa bellissima synchronização entre a mobilidade musical do rosto e a musica plastica da voz.

Foram primores toda a interpretação da musica de camera, especialmente Paris est un roi, Virgens mortas, Il pleut doucement sur la ville e Trois petits garçons, de que os dois ultimos foram enthusiasticamente bisados. Foi de invulgar belleza a arte que revelou, cantando a peça de Urgel; causou forte emoção o colorido, a vida que imprimiu a cada uma das pequeninas scenas do pequeno drama.

Os trechos de musica dramatica, cantados a pedido, serviram para

UM PRINCIPE DO TECLADO

Ignacio Friedmann, um dos maiores, senão o maior pianista da actualidade, que brevemente será ouvido no Municipal, graças á intelligencia e á operosidade do illustre empresario, maestro Sylvio Piergili.

demonstrar não só o valor da cultura vocal da artista, mas ainda o seu pendor em cantar, vivendo o canto na mimica da face.

O concerto de Alicinha Ricardo marca um bello momento da arte brasileira; mostra que o Brasil conta mais uma notavel cantora. Oxalá que na Europa, para onde segue de novo, conquiste todas as honras que o seu talento e a sua arte reclamam.

SYLVIA DE FIGUEIREDO. — Com o programma que abaixo transcrevemos e varios extra, realizou a sra. Sylvia de Figueiredo Mafra, no T. M., em a noite de 4 de junho, um recital de piano, alvo do principio ao fim de muitos applausos da parte de não pequeno auditorio:

I) J. Ph. Rameau — a) Rondeau des Songes, b) Musette en Rondeau, c) Menuet; C. Franck — Choral para orgão; II) Chopin — Impromptu, op. 51; Mazurka em fá sustenido; Estudo op. 25, n. 6, Valsa em mi menor; 2 Balladas; III) Debussy — a) Voiles, b) Préludes á l'après midi d'un faune, c) Poissons d'or; Friedmann — Gartner — Dança Viennense (dedicada á pianista); H. Oswald — Nocturno op. 6; Strauss — Dohnanyi — Schatzwalzer.

Se fossemos apreciar a pianista pelas impressões que nos deixaram o Choral e a Ballada, em lá bemol se nos não enganamos, diriamos que não nos tinham agradado, pois, fosse qual fosse o valor technico da executante, não nos emocionou; o que, aliás, póde ser attribuido antes á nossa sensibilidade do que ao poder communicativo da artista. Mas felizmente não aconteceu o mesmo com outros numeros do recital. E' se nos agradaram bastante, se os palmejamos com sinceridade, Mazurka em fá sustenido, Poissons d'or, Dança Vienense, Nocturno op. 6, Schatzwalzer, deram-nos ainda melhor impressão, nos emocionaram com mais intensidade as peças de Rameau e o Estudo de Chopin. Pareceu-nos admiravel a graciosa miniatura, o colorido delicado com que viveu os pequenos poemas do classico francez, e o esplendor canoro que imprimiu a uma das mais bellas composições chopinianas.

Pelo seu recital, o unico da illustre virtuose que nos lembramos ter ouvido, parece que a sra. Sylvia de Figueiredo Mafra merece o lugar de destaque que occupa entre as nossas pianistas. Se fosse mais communicativo o seu temperamento musical, seria sem favor grande entre as maiores, pois não nos parece lhes seja inferior na comprehensão, na interpretação technica dos autores. Mas com esta ou aquella restricção, é a sra. Sylvia de Figueiredo uma das glorias da pianistica brasileira.

A L H E I A

...mente, repito, quando por elle, pelo "espirito novo", sabemos distinguir com visão clara o bem do mal, o bom do máu, quando, emfim, constituia um ensinamento sadio, visando o bem estar da humanidade.

Repillo e condemno abertamente tudo aquillo que visa subverter os bons costumes, o respeito mutuo entre homens e mulheres, a harmonia do lar — este lar cujos alicerces estão sendo abalados profundamente. — YWAX.

Pedaços

Dorme a cidade sob o temporal. Ha varias horas chove implacavelmente. E o sol?... O céo e, ás vezes, fronte cheia de tristes pensamentos e, de outras, coração que transborda de ternura. Chuva fria, agua cruel, agua negra, agua sem entranhas que empapas os pobres que, no dia de hoje, comerão pão com lama... Serás, por acaso, agua do Senhor?

*

Ao crepusculo, sob a chuva fininha que cáe, troteia, trotêa um cão vagabundo. Treme de frio e de fome e com os olhos turvos e doces vae pedindo perdão... Perdão de ser cão, de ter fome, de estar sujo de lama... como muitos homens que vão pelo mundo a pedir perdão de ser poetas, de ter idéas, de ter coração... — MAMEL ANDINO.

Profissão de fé

Creio que o homem não é nada. De tudo mais duvido. Mentimos descaradamente ao considerar nos pela palavra de Deus, a creatura por excellencia, para quem creou Elle o Céo e a Terra.

Sem duvida não se poderia imaginar uma fabula mais consoladora. Se, amanhã, meus irmãos chegassem a confessar o que são, realmente, acabariam suicidando-se. Não receio, porém, leval-os a esse extremo de logica: têem uma caridade inexgotavel, um grande respeito e admiração pelo seu proprio ser. Por conseguinte, não tenho sequer a esperança de fazel-os confessar sua pequenez. Por outro lado, ao destruir-lhes uma crença, não lhes poderia dar outra melhor. Infelizes! Os clarões que os illuminam não passam de trevas e hoje como hontem somos incapazes de comprehender o grande mysterio. Entristece-me e angustia-me cada nova verdade que se descobre, porque não é a que busco, a Verdade una e completa, a unica que curaria meu espirito enfermo — EMILIO ZOLA.

OS EGYPCIOS E O BASTÃO — Em quasi todos os monumentos egypcios vêem-se figuras com bastões, alguns dos quaes, encontrados em Thebas, se conservam nas collecções archeologicas. São de cereja, o que parece estranho, pois não existe no Egypto nenhuma especie do genero "prunus".

* * *

A VENTRILOQUIA — A ventriloquia (scientificamente: *engastrimismo*) era conhecida por Hypocrates.

Graças a esse artificio os sacerdotes pagãos faziam o povo ouvir a voz da divindade.

Ha individuos particularmente aptos para converter-se em ventriloquo. Isso, porem, não impede que qualquer o possa ser. E' uma questão de esforço.

E' preciso fazer uma forte aspiração, para accumular ar nos pulmões, procurando-se separar o diaphragma dos orgãos abdominaes. Conseguido isto, aspira-se, então, muito lentamente, contrahindo o peito.

Durante essa lenta aspiração deixa-se passar muito pouco ar e fala-se mudando o tom habitual da voz. Como os ouvidos não são muito finos no que respeita á direcção dos sons, basta attrahir a attenção do auditorio para um logar qualquer afim de fazel-o crer que as palavras d'ahi procedem. Os ventriloquos que trabalham nos circos fazem-no sempre em jejum.

* * *

A LEGIÃO DE HONRA A'S CIDADES. — Actualmente ha trinta e tres cidades francezas condecoradas com a Legião de Honra, e uma estrangeira: Liége.

As francezas são: Chalons-sur., Saonne, Tournus e Saint-Jean-de-Sosne, que recebeu a condecoração "pela sua attitude de heroismo durante a campanha de 1814".

N a p o l e ã o III condecorou Roanne em 1864 e, ao fim da g u e r r a franco-prussiana de 1870, receberam a Legião de Honra: Chateaudun, Belfort, Rambervillers, Saint Quentin, Dijon, Bazeilles, Paris, Lille, Valenciennes, L a n d r e c i e s, Saint-Dizier e Peronne.

* * *

AS GOTTAS DE CHUVA. — Não são todas do mesmo tamanho: no verão são maiores que no inverno e, nos paizes tropicaes, a chuva pouco densa se caracteriza pelo extraordinario tamanho das gottas, que chegam, ás vezes, a ter oito millimetros.

Uma gotta de meio millimetro de comprimento cáe ao solo com uma velocidade de 3 metros e 96 centimetros por segundo. A gotta grande cáe com uma velocidade de 11 metros e meio por segundo.

UMA NOITE NO CINEMA

— OLHA, João! Como se parece commigo! Dir-se-ia que sou eu aos vinte e cinco annos.

A imagem sorridente da *estrella*, sympathica, apparecia clara no fundo da sala escura. Depois, poucos instantes depois, se fez luz. Terminára a primeira parte daquelle film sentimental á maneira americana. Pareceu á senhora Chateley que, nesse momento, se apagava, dos labios de seu marido, um sorriso ironico.

— Felizmente — constatou elle, — hoje já não tens vinte e cinco annos... Do contrario, pretenderias, como tantas outras, ser artista de cinema.

— Por que não?

— Porque o papel da mulher é permanecer em sua casa.

— Foi por isso que me impediste de cantar outróra?... Eu tinha bôa voz...

— Não me havia casado comtigo para ires receber entre bastidores as phrases mais ou menos audaciosas de moços e velhos.

— Póde-se ser artista sem abdicar da dignidade e ouvir galanteios sem se afastar do caminho recto.

— Além do mais, tua voz era insufficiente para um theatro. Terias fracassado.

— Parece-te?

Elle encolheu seus pesados hombros, sem responder. Guardaram, ambos, silencio, por algum tempo, talvez reflectindo sobre o mesmo thema, cada qual á sua maneira. Ella tornou a perguntar:

— E quando aquelle pintor quiz fazer meu retrato, por que te oppuzeste? O preço era razoavel. Então. E o pintor é, actualmente, celebre.

— Ter-te-ia deslumbrado, ter-te-ia feito perder a cabeça. Já começava a repetir-te que eras bonita. Comparava-te com não sei já que modelos dos quadros do Louvre. E' assim que se começa a fazer com que as mulheres commettam toda sorte de loucuras! As inexperientes acabam acreditando que chegou o momento de entregar-se... á gloria...

— Esse momento não chegou... — observou ella, docemente.

A luz se apagou. O apparelho sonoro começou a ranger atraz do *écran* luminoso, onde se agitavam as silhuetas dos personagens do film.

A senhora Chateley continuava sua idéa, na sombra. Uma idéa ainda imprecisa, nascida daquelle dialogo. Algo parecido com a primeira suspeita no ciume, que todas as observações e coincidencias virão fortificar até a certeza. E sua voz, do fundo da escuridão, interrogou de novo:

— Acaso pelas mesmas razões não me permittiste frequentar minha amiga Isabel? Poderia ella dar-me máos conselhos, não é verdade?

— Sim. Não te expliquei então, porque tu te obstinarias. Mas ella não era uma relação conveniente para ti.

— Preferiste que eu me indispuzesse com ella.

A senhora Chateley ouviu-o rir e responder:

— E' preciso ser diplomata, não te parece?... Agora deixa-me ver o film...

Ella, ao lado de seu marido, via outro bem differente. Um film só para ella. Um film que ninguem poderia ver. O film de sua propria vida.

Uma menina de cabellos lisos, que comia doces numa confeitaria. Adorava os doces. Diziam-lhe: "Só tens direito a dois". O terceiro era o que mais prazer lhe traria. Nunca o obteve.

(Continúa na pag. seguinte)

UMA NOITE NO CINEMA

(Continuação)

Uma joven, olhos baixos, perfil inclinado, serio, sobre trabalhos de bordados, á noite, na saleta, após o jantar. Gostaria tanto de ir ao theatro! Mamãe lhe explicava: "Irás ao theatro quando estiveres casada. Si nós te levassemos agora, depois já não experimentarias o menor prazer."

A lição de canto no bello salão claro de Magdalena Granger, a célebre cantora da Opera, e as horas esquisitas e crueis, cheias de paixão estudiosa e de dolorosos esforços que conhecem bem todos os verdadeiros artistas. E depois, a primeira audição em casa de amigos, perante um publico apanhado de surpresa, que saboreava seu prazer silenciosamente e o expressava, por fim, com grandes palavras, com palavras elogiosas e dythirambicas.

E, em seguida, as longas discussões na mesa familiar: "Não! Nossa filha não subirá ao palco! Pensas que, por teres obtido êxitos de salão, vaes eclypzar as artistas consagradas? Estás na idade de casar. Tens teu dote. Não é cantando que encontrarás um noivo."

Os noivos! Nunca eram bastante ricos, na opinião de sua familia. E aos que offereciam perspectivas de um brilhante futuro se lhes impunha um periodo de prova, condições desalentadoras, uma frialdade calculada, que os cansava. Ella revia assim os rapazes que teria podido amar, que até havia amado occultamente, alguma vez. Agora eram felizes, haviam triumphado na vida, com outra mulher.

E apparecea o senhor Chateley... Gordo, gigantesco, riquissimo... Ella evocava agora suas ultimas velleidades de resistencias. "Casarás com elle. O romantismo terminou com o seculo passado. Chateley tem uma fortuna consideravel. E o casamento é uma coisa séria."

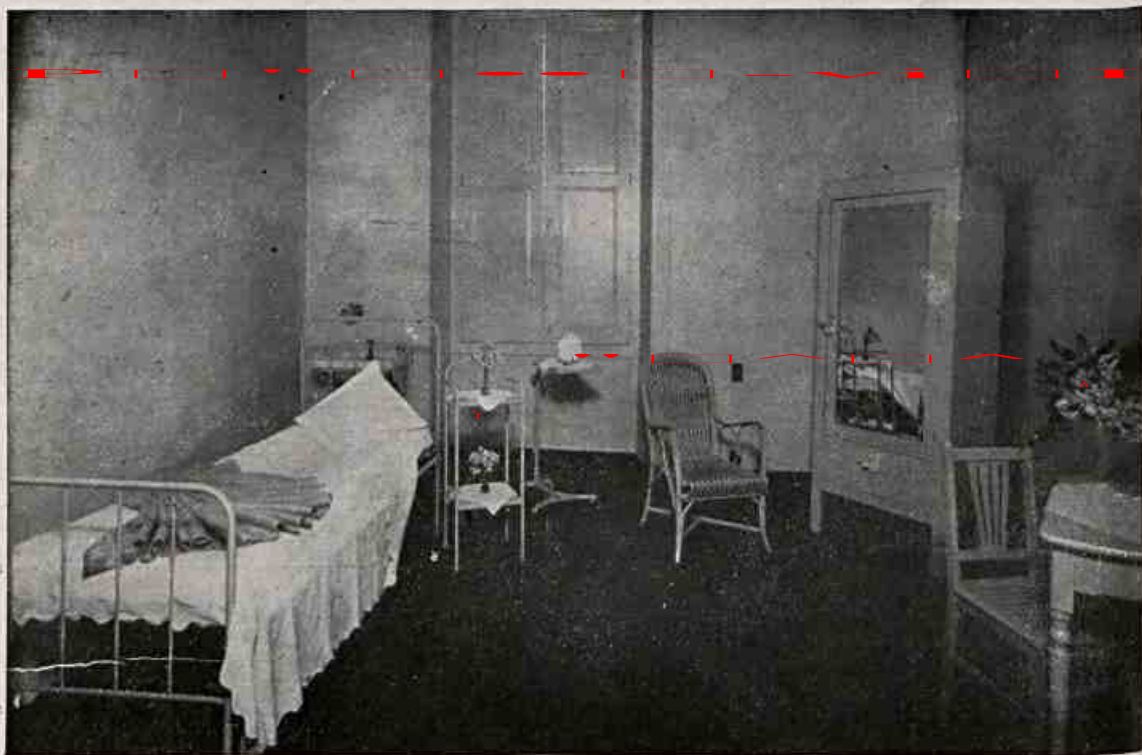
Sim! Muito séria, com effeito. Ella esperava, pelo menos, conquistar maior liberdade, talvez fazer-se comprehender por seu companheiro, á força de gentilezas, de docilidade, de confidencias...

Só nessa noite comprehendia de maneira luminosa, sobre a mysteriosa tela por onde desfilavam suas recordações, o trabalho lento, perseverante, hábil, levado a effeito por seu marido. Elle, seu esposo, proseguira, por outras razões, a obra de seus paes, de sua familia.

Elle tambem não queria deixá-la cantar, não queria que ella se exhibisse em publico, que se destacasse. Elle tambem não concedia nenhuma liberdade, nem admittia independencia, nem permittia esperança alguma.

— Tua amiga Isabel? Acho que é muito rica para nós. Adopta comtigo gestos de protectora. Vive em um mundo dissipado. Sua casa é frequentada, constantemente, por senhoras que enganam a seus maridos. Sim, sim! Eu sei o que digo.

Em outra occasião:

— Teu retrato?... Ora! Esse pintor não tem ta-

UMA NOITE NO CINEMA

lento de especie alguma. Seus quadros parecem chromos. Não me nego a fazer-te um presente. Mas pede-me outra coisa. A arte não tolera a mediocridade, e eu não estou disposto a pôr um aleijão em minha sala.

Ou então:

— Que lês? Vaes ficar com pessima reputação, si te virem com esse livro... Todas as tuas amigas o lêem? Isso prova que não são nada sérias. Além disso, a trama dessa novella é absurda. Fia-te em mim para escolher tuas leituras.

Ou ainda:

— Não te vistas dessa maneira. E' pouco adequado. Far-te-ás notar... Além disso, previno-te, amistosamente, que esse vestido te senta mal. O que te digo é para teu bem, em teu proprio interesse. Faze o que quizeres. Mas, devo dizer-te, de passagem, que os tons escuros são os que mais te favorecem. Acredita-me.

Ella acreditára nelle. Ella o escutára docilmente, durante annos e annos, até o dia em que o primeiro cabello branco appareceu, e foi assignalado por elle com uma especie de malígna satisfação. A partir desse momento, elle havia, perversamente, inquietado sua companheira, fazendo-lhe notar, sem demonstrar que lhe dava importancia, todas as imperceptiveis taras physicas que a idade traz comsigo na segunda parte de nossa existencia.

Sim, evidentemente. Outra mulher ter-se-ia rebelado contra aquella tyrannia ciumenta, que agia por

(Conclusão)

insinuações. Mas ella estava muito habituada, desde muito tempo, a obedecer a sua familia, a confiar nas opiniões de seu marido, a acatar suas decisões. Hoje, muito tarde, notava isso.

Assim, pensava ella, toda a sua vida transcorrêra entre preceitos rigidos, como a vida de uma odalisca de outrora, entre as grades do harém. Toda sua vida! Não tivera alegrias, ansiedades, esperanças. Não tivéra nada. Apenas uma monótona sucessão de annos semelhantes. E daquelle passado nem siquer subsistia uma flôr sêcca entre as folhas de um livro, nem siquer a recordação de uma ternura inconfessada, de uma fugitiva e deliciosa emoção. Por que só hoje descobria tudo isso?

Agora o film havia terminado. A luz illuminava a sala, todas as portas se abriam para a sahida dos espectadores.

Elle olhou-a, sinceramente espantado. E exclamou:

— Que tens? Choras?... Não ha por que chorar. Francamente este film me parece muito bôbo... Além disso, já terminou...

Ella enxugou furtivamente duas lagrimas, poz um pouco de pó no rosto e, com uma entonação de voz cujo sentido elle não podia comprehender, respondeu:

— Si, tens razão. Agora, tudo terminou!

René le Coeur

S I M P L I C I D A D E

ERA num rio estreito e fundo que o velho Martim costumava pescar. Nas noites enluaradas usava o jereré; nas noites negras, sem Diana no céo, pescava de anzol.

Quando as tempestades se desencadeavam e tornavam o rio barrento, dando-lhe uma furia tremenda, o velho pescador se sentia feliz, antevendo a grande pesca que faria.

Sentado, ou de cocóras á borda do rio bravo, os maroins podiam picar-lhe a pelle trigueira á vontade, porque elle só se mexia para içar o anzol com a piabanha arisca e prateada, ou levantar o jereré com o pitú incauto e guloso. E nesses momentos, si não fossem as trevas que o rodeavam, demasiado densas, poder-se-ia ver a physionomia do velho se illuminar por um clarão de ventura intensa. Quando o peixe se mostrava indifferente á "isca", elle puxava calmamente a linha, enfiava nova minhoca ou um camarão fresquinho no anzol, batia a "vara" á flôr das aguas como a imitar um robalo "bocando" e, nova e pacientemente se quedava á espera do peixe desconfiado. Tambem gostava da camboa. Tinha uma bem cevada, onde apanhava mesmo, raro em raro, alguma pescaria grande. Mas o seu "fraco" estava na pescaria a punho, a linha. Nella havia maior sensação e menor trabalho.

Martim tinha uma "scisma" antiga. Desde moço que pescava. Mas, nunca fôra ao rio nas noites de sexta feira. Havia, nessas noites, para o seu espirito de crente e bom, "assombração", "visage" e uma porção de "almas penadas" ao longo do rio, espantando os peixes e "assombrando" o pescador ingenuo. O bafo dos bois e a oração de S. Longuinho no pescoço evitavam essas coisas "do outro mundo". Mas, o velhinho não contava com os pachidermes ao seu lado em horas perdidas da noite, e acreditava no "breve" com restricções. Quando alguem zombava ou reprovava a sua vacillação sobre o effeito do oração milagrosa, elle respondia com um sorriso meio incredulo: "creiava"... mas, seguia a velha doutrina que aprendêra quando ainda menino: a doutrina de Jesus Christo: "Faze da tua parte que eu te ajudarei". E citava, então, como verdadeiras, muitas historias, legitimamente phantasticas, de homens que, indo pescar em noites de sexta-feira, voltavam sem peixe, quasi doidos, olhos esbogalhados, cabelos em pé, mãos espalmadas! E era um "Deus nos acuda" para fazer o "espirito do sujo" deixar o corpo do pescador livre da influencia malefica! Precisava muita "benzedura" com ramos de arruda e muita agua benta tirada á pia baptismal.

O pescador, na sua generalidade, tem o mesmo habito do caçador: exaggerar. Quando fala das suas proezas da pesca o peixe maior, o mais bonito, o "deste tamanho", — abre os braços e os olhes mostrando a enormidade do peixe "desferrado", — e sempre aquelle que volta ás aguas depois de ter-se mostrado inteiro á luz das estrellas. O caçador inverte os papeis: mata onças terriveis, decepa cabeças de vorazes tamanduás, quasi nunca, porém, dando testemunho ou attestado desses feitos heroicos, mostrando, ao menos, um dos couros de suas victimas. E ai do pobre Christo que cahir na parvoice de desacreditar das suas asseverações!

Assim como o peixe "mais grande" e o que levou na gueira o anzol preso, as "almas do outro mundo", quando "vistas" por elles, são as mais perigosas, as que apparecem ora envoltas na mortalha branca, ora vestidas de negro com "listrões de fogo ás costas", gelando o sangue nas veias de quem tem a pouca sorte de vel-as.

Contava o velho Martim que toda a sua familia fôra pescadora. O "vicio" passou de paes a filhos e destes a netos e por ahi a fóra, até elle, Martim Cará, que nascera os dentes ás margens dos riachos e das lagôas á pesca de tariras e cambeatás, passando depois para os rios onde abundavam "acarys" e "amoreias".

Contava 63 annos de idade e jamais deixára de ir a uma "desova" porque chovesse, ou, porque o rio roncasse cheio até a borda, abandonasse

— Então, imbecil! Não vê que está escripto aqui: "E' prohibido fumar"?!

DE GILBERTO VEIGA

o jiqui na represa. Exceptuando-se os dias da sua terrivel e inquebrantavel superstição, lá ia elle, infallivelmente á pesca e, na manhã seguinte, sahia a vender o seu producto em grandes fieiras de camarões ou peixes maiores, aos moradores da pequena e vizinha localidade.

A despeito da idade avançada que lhe vergava os hombros, Martim era forte e vermelho como um poente sem chuva. Sempre risonho, sempre affavel, tendo para cada coisa um dito jovial e adequado, muito respeitador e "meio" condescendente para com a sua freguezia, era estimado por toda a população e bem recebido onde quer que batesse.

Vivia o bom velhinho, só, num ranchinho quasi ao sopé do rio. E dali só se afastava para o seu mistér. Methodico e economico, conseguira ajuntar alguns miseraveis nickeis, para os quaes não tinha um ideal, um fim premeditado. Guardava-os por instincto, por economia innata.

Corria a vida suavemente normal para o velho Martim, sem uma preoccupação ou um desejo fóra dos seus habitos que pudesse amargurar-lhe o coração. Quando, certa manhã clara, elle deixou seus freguezes sem peixe. Houve na localidade um pasmo como si o sol deixasse de despontar na barra mansa do nascente! "Que teria acontecido?" — inquiriam curiosos.

Mais tarde, a triste nova se espalhou: o pescador, o bom velhinho fôra encontrado morto!

Boiava inquieta a pequena e pacata população na ansia de pormenores.

"Como teria succumbido o antigo pescador? Que teria motivado a morte daquelle homem tão forte e tão bom? Quem teria feito mal áquella alma incapaz de offender, por perversidade, um passarinho?!"

Soube-se então. A lua desmaiava no céo. Os galos saudavam o romper dalva. Um clarão tenue se accentuava gradativamente para as bandas do nascente, quando Martim Cará entrou na "tapagem" para colher os peixes dos "munzuás" e dos "jiquis". As aguas corriam celeres, levando de roldão toros de madeira, flores de golfos, escavando barrancos numa furia insana. Havia chovido toda a noite. E o limo verde, trepado nas paredes da barragem, escorregava com assustadora intensidade. O pescador intemerato, confiando nas suas pernas ainda rigidas, déra entrada no rio, pulando de pedra em pedra com habilidosa cautela. Escorregou. Seu corpo, cahindo de chofre sobre outra pedra mal segura, deslocou-a. E elle foi, aos trancos, arrastado pela corrente voraz para o jiqui de bôcca aberta como á esperal-o, faminto. E seu corpo juntou-se, num esmagamento monstruoso, aos peixes ali accumulados durante a noite!

Forte destino!

O rio, que elle tanto amava o rio, que tão bem comprehendia, tragou-o cruelmente, como a exigir a retribuição do que lhe déra durante longos annos!

A', tardinha, á hora em que o velho Martim costumava armar seus caça-peixes, quatro homens rudes conduziram, quasi sem fórma humana, á derradeira morada, dentro de um esquife humilde, tôsco, seu corpo arrebentado pela furia da cachoeira e esmagado pela pressão das aguas de encontro ao jiqui fatidico.

E hoje, quem passa á margem do rio vê, ao longo das correntezas, as pedras amontoadas pelo bom velhinho e, aqui e ali, as varas dos jiquis e os cipós dos munzuás, séccos, ao sol, como ossos descarnados, parecendo lamentar, numa saudade infinita, a caricia dos dêdos do pescador que perdêra a vida ao colhêl-os.

O rancho ficou abandonado. As hervas de S. Caetano treparam nas paredes e teceram no tecto de folhas de pindoba um tendal de flores e fructos vermelhos, onde os passarinhos cantam e chilream em festa de eternal primavera. E, no interior da habitação humilde os apetrechos de pesca e os parcos rendimentos de Martim ficaram entregues a si mesmos e á guarda innocente das avesitas, porque ninguem os quiz buscar, supersticiosos, ou tomados de profundo respeito por aquelle que partira sem nunca ter feito mal a ninguem.

TRANSCENDENTALISMO

Quando a noite do mundo de outras éras
Abraça o espaço em symphonias de ansias,
Baila um murmurio audival de sonancias
Pelo torvo silencio das espheras.

Nas almas do universo e das distancias,
Em reverberações de atmospheras,
Os astros em festins de primaveras
Palpitam num vigor de exuberancias.

A Via-Lactea se desdobra em véos...
E a lua é como um brigue sem planuras
Pelos mares sonambulos dos céos...

A terra explóde em ansias de infinito!
E a nevróse do vacuo e das alturas
São syllogismos tragicos de grito!...

BRIGIDO TINOCO

A BOBA

— POR que será bôba esta desgraçada?... — gritava a megéra, a empurrar brutalmente a pobre Maricota, emquanto a infeliz, apanhando um cântaro, corria para a nascente e chorava... Chorava, vendo que as moçoilas, do suburbio, caçoavam della e a garotada lhe jogava cascas de fructas e immundicies...

Pobre bôba! Com quanta paciencia e resignação soffria as graçolas e maldades com que era aquinhoada continuamente!

Nunca fizéra mal a ninguem: e quando alguem precisava de uma vazilha dagua, chamava-a e, a troco dum pedaço de pão ou duma fructa, lá ia Maricota morro acima a buscál-a.

Vivia com uma megéra, que chamavam "Nhá Dôdô", e que a fazia trabalhar até altas horas da noite. Quantas vezes foi encontrada, a pobre, dormindo ao pé da nascente!

Ninguem sabia ao certo a origem dessa creatura; falava-se vagamente duma grande dama, de um assassinato... Emfim, taes e tão confusas eram essas historias, que, durante muitos annos, Maricota foi o pesadelo das bisbilhoteiras, encarregadas de deslindar a vida intima de seus vizinhos, habito existente em todo o arrabalde, grande ou pequeno, que se preza de estar em via de franco progresso...

Sempre a tinham conhecido igual: um saióte, que devia ter sido preto; um trapo, á guisa de lenço, enrolado no busto; descalça, e, afinal, um cabello ou crina, de côr indefinida, que, cahindo em desordem, ainda tornava mais repulsivo aquelle rosto maltratado, que o tempo, o soffrimento e os homens haviam precocemente envelhecido.

... Um dia, desappareceu, e ninguem soube dar noticias della.

Passados alguns mezes, voltou num bando de ciganos e recomeçou o seu antigo officio de aguadeira.

As illustres Cléos do suburbio ficaram loucas; tinham novas historias, novas vidas, novas fraquezas e outras fórmas de miserias humanas, a forçar e a deslindar, o que, na monotonia da vida provinciana, é um festim.

Agora a bôba era mais chamada, mais soccorrida e até acariciada pelas gentes do lugar, porém, no fim, sempre apparecia a verdadeira razão de tudo isso: "Onde andaste todo esse tempo?..." "Não sejas tão callada, Maricota!" "Fala, creatura!" ... E já desesperadas: "... E' uma hypocrita! Uma megéra!"

E, num supremo e ultimo insulto: "Bôba!" ... Maricota, todavia, rindo idiotamente, seguia, muda, com o eterno cântaro nos magros quadris.

Finalmente, falou: disse que tinha estado numa cidade muito distante, aonde fôra procurar aquelle homem a quem amou, na sua mocidade... Mas, quando tornaram a encontrar-se, já a vida os tinha afastado um do outro de tal fórma, que, não tendo mais nada a dizer-se... cada qual seguiu pelo caminho que o destino lhes marcára... E ella então se juntára áquelles ciganos e lá estava.

Aquelle dia foi quasi festa nacional. Gargalhadas e chacotas atroáram o ár e, em poucos minutos, o arrabalde inteiro gozava do desfecho comico e ridiculo daquella aventura. Até modinhas foram feitas, as quaes berradas nas ruas e praças, relatavam acontecimento tão engraçado e que não poderia deixar de fazer parte dos annaes historicos da terra.

E Maricota soffria. Soffria calada, até que um dia, completamente allucinada, correu á beira do precipicio, que havia perto da nascente, e, sem culpar ninguem, quasi agradecendo o isolamento daquella hora, se deixou rolar...

. . . .

Tempos depois encontraram um montão de ossos e trapos velhos, que enterraram fóra do campo santo, num logar onde são sepultados os suicidas e os que morrem sem baptismo. E' um pedaço de terra de onde todos fogem com horror: é uma terra maldita!

Maricota não teve nem uma flôr, nem uma oração, nem uma lagrima, nem uma saudade... nada!

Para que, si ella era bôba?...

LUIS DE GÔNGORA

NÁUSEA

PERSONAGENS: CLARA E ALICE.

CLARA. — Sim, sim... Já soube hontem que meu marido te falára por telephone.

ALICE. — Ah!... Disseram-to?

CLARA. — Ernestina, a criada de chaves... Que é que passa a ella!... E' terrivel!

ALICE. — Então, já suspeitas o fim de minha visita.

CLARA. — Não o suspeito: sei-o.

ALICE. — Meu papel é um pouco desairado. Mas, emfim... que não se faz pelos amigos!... Embora a maioria dos *embaixadores especiaes* sáiam com as mãos na cabeça, eu não me quiz negar... Estava tão afflicto o pobre Alexandre!...

CLARA (ironica). — Oh, sim!... Muitissimo!...

ALICE. — Acredita-me: essas attitudes de heroina de tragedia estarão muito bem no theatro. Mas, na vida real, as coisas se arranjam de outra maneira... Vaes transformar em drama o que não passa de um sainete vulgar?

CLARA. — Sainete... e desorganizou toda minha vida!... Então, quando é drama para ti?

ALICE. — Nunca!... O maior erro de nós, as casadas jovens, é crer que nossos maridos não devem peccar nunca... Exigimos uma fidelidade, uma consagração absolutas... E isso não é nem siquer humano!... O homem é sempre homem. Contentemo-nos com que fórme o lar e nos tenha a seu lado, que já é bastante respeitando-nos e querendo-nos... Para que torpes exigencias e dominios degradantes?... Este é o caminho mais seguro para afastál-o.

CLARA. — Tens uma philosophia tão... tão commoda!... Para ti, então, a traição nada significa: é um accidente, um *sarampo*, por assim dizer, que dá mais tarde ou mais cêdo...

ALICE (*rindo*). — E' isso mesmo!... Ou uma variola bôba, que não deixa signaes... Que repete?... Bem... Ha de passar...

CLARA. — E si não passar?...

ALICE. — Mas...

CLARA. — Porque, nesse continuo jogo dos homens, póde acontecer um dia que o encontro casual, a aventura sem importancia, chegue a tomar outro aspecto: o daquillo que perdura e se arraiga e vae serpenteando como a hydra e cobrindo o coração, sem que nada mais possa afastál-o delle.

ALICE. — Si vamos olhar tudo pelo lado mais sombrio... Tambem ha loucos que se suicidam por uma mulher... e tu dirás si valemos a pena!... O caso de Alexandre é tão insignificante, que nem merece ser levado em conta... Um perdão generoso, um esquecimento... e o terás a teus pés mais apaixonado que nunca!...

CLARA. — Ah, não! Não! Tu não sabes o que soffri estes dias! Alexandre vae e vem como sempre, mas eu o olho e o vejo manchado, com qualquer coisa que nunca se apagará... Ainda que decorresse um seculo!... Penso que outra mulher esteve junto delle; que elle teve a coragem, estás ouvindo?, a coragem de vir beijar-me com a bôcca ainda cálida dos beijos dessa infeliz, e todo o meu ser se encolhe, se retráe, como deante de um animal repugnante ou de uma chaga que sangra... Fecho os olhos para não vêl-a, mas a visão persiste, mais viva, com mais relevo... Visão de pesadêlo, de noite de febre, de loucura, que se apodera de mim, sacudindo até minhas fibras mais intimas...

ALICE (*compassiva*). — Sim, querida, sim... Comprehendo muito bem o que se passa comtigo... Isso é nos primeiros momentos: depois surgirá de novo o carinho, uma onda que arrastará tudo, e sentirás a alegria de tornar a encontrar o que perdeste... Começarás com o perdão...

CLARA. — Sim, o perdão é facil!... Talvez, no fundo de mim mesma, haja desculpado já esse momento de erro... Mas o doloroso, o incuravel, o irremediavel, é que minha alma lhe perdôa... mas meu corpo o repélle!

FANFRELUCHE

O "SILVER BLAZE"

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

Parece-me, Watson, que terei de partir, declarou Sherlock Holmes, uma manhã em que ambos nos achavamos á mesa do almoço.

— Para onde? perguntei.

— Para Dartmoor, para o King's Pyland.

Não me espantou. Pasmado estava eu de que elle ainda se não tivesse associado ao caso extraordinario que, de um extremo ao outro de Inglaterra, estava sendo o assumpto de todas as conversações.

Na vespera, todo o santo dia, levara o meu companheiro a passear de um lado para o outro do seu quarto com o queixo fincado ao peito, o sobr'olho carregado, enchendo e tornando a encher com tabaco fortissimo o seu cachimbo, e absolutamente surdo a todas as perguntas que eu lhe fazia.

Mandara-nos o nosso agente de noticias, os ultimos numeros de todos os periodicos, mas Holmes, mal lançando a vista sobre elles, logo os arremessava para um canto.

Não obstante o seu silencio, de sobejo atinara eu com o assumpto da sua meditação. Nesse momento, perante o publico, um unico caso se apresentava que merecesse a applicação do seu poder de analyse: era o do singular desapparecimento de Silver Blaze (1) o cavallo que mais votos tinha para vencedor nas corridas pela Wassex Cup, (2) e o tragico assassinato do seu trenador. (3)

De modo que, quando o meu amigo annunciou subitamente a sua resolução de partir para o theatro do drama, não fez mais do que aquillo que eu esperava e desajava.

— Não lhe causando estorvo, disse eu, gostaria muito de o acompanhar.

— Querido Watson, fazia-me um grande favor vindo commigo, e creio que não perderia com isso o seu tempo. Este acontecimento apresenta alguns pontos, em que promette ser um caso absolutamente unico. Mas creio que temos apenas o tempo necessario para alcançar o trem em Paddington; durante a jornada me espraiarei mais sobre o assumpto. Faça-me o favor de trazer comsigo o seu optimo binoculo de campo.

E assim foi que uma hora depois me achava a um canto de um carruagem de primeira classe, seguindo velozmente a caminho de Exeter, emquanto Sherlock Holmes, com o seu penetrante e agudo rosto, sobre o qual carregara as abas do seu chapéo de viagem, se entregava á rapida leitura d'um maço de jornaes que comprara em Paddington.

Já Reading nos ficava de ha muito para traz quando elle atirou para debaixo do banco o ultimo jornal e me estendeu a sua charuteira.

— Levamos bom andamento, disse elle, olhando para o leito da estrada e puxando pelo relogio. Até aqui temos andado á razão de cincoenta e tres milhas por hora.

— Não reparei nos marcos da estrada, respondi.

— Nem eu tão pouco. Mas nesta linha os postes telegraphicos estão a sessenta jardas (1) de distancia um dos outros, e o calculo é facil. De certo tem lido a questão do assassinato de João Straker e desapparecimento do *Silver Blaze?*

— Temos visto o que sobre isto dizem o *Telegraph* e o *Chronicle*.

— E' um dos casos em que a arte do raciocinio serve mais para fixar os pormenores, do que para adquirir uma evidencia. A tragedia foi tão fóra do commum, tão completa, de tão grande importancia pessoal para tanta gente, que estamos sendo victimas de uma superabundancia de suspeitas, conjecturas e hypotheses. A difficuldade está em desvencilhar a estructura do facto, facto absoluto e innegavel, de todos os embellezamentos dos theoristas e dos reporters. Depois, tendo-nos fixados sobre bases solidas, resta-nos ver as illações que della podemos tirar, e que são os pontos principaes sobre que gira todo o mysterio. Na noite de quar-feira recebi, tanto do coronel Ross como do inspector de policia Gregorio, telegrammas pedindo a minha cooperação no assumpto.

— Quarta-feira á noite! exclamei. E estamos já na manhã de sexta! Porque não partiu hontem?

— Commetti nisso um erro crasso, meu caro dr. Watson, o que receio ser um caso mais frequente do que supporá quem me conheça apenas através das suas *Memorias*. A verdade é que não julguei possivel que o mais notavel cavallo de Inglaterra pudesse continuar escondido por muito tempo, sobretudo num sitio tão pouco habitado como é o norte do Dartmoor. Hontem estive a cada instante, á espera de ser informado de que elle reapparecera, e de que o seu sonegador fôra tambem o assassino de João Straker. Mas vendo que passara outro dia sem que nada se tivesse apurado, a não ser a prisão do joven Fitzroy Simpson, senti que era tempo de me pôr em acção, e creio que, de certa maneira, o dia de hontem não foi de todo perdido.

— Conseguiu formar uma idéa do caso?

---

(1) "Estrella de Prata" — nome do cavallo, derivado da estrella que tinha na testa.

(2) Nome do premio, "taça" desta corrida.

(3) "Trainer" — picador encarregado de adestrar os cavallos para as corridas.

(1) Uma jarda corresponde a 0m,91.

— Pelo menos consegui juntar os elementos essenciaes. Vou ennumerar-lh'os porque nada esclarece tanto um assumpto como expôl-o a alguem; se eu não lhe mostrar os pontos principaes d'onde devemos partir, difficilmente me poderá prestar o seu auxilio.

Encostei-me ás almofadas fumando o meu charuto, emquanto Holmes, inclinado para a frente, ia accentuando um a um, com o dedo indicador da mão direita sobre a palma da mão esquerda, os topicos dos acontecimentos que haviam determinado a nossa jornada.

"O *Silver Blaze* descende do *Isonomy*, e o registro dos seus triumphos é já tão famoso como o do seu glorioso ascendente; tem ganho todos os premios para o seu afortunado proprietario, o coronel Ross.

"Na occasião da catastrophe era o cavallo que este escolhera para concorrer á Wassex Cup, estando as apostas na razão de tres para um.

"Tem sido elle, todavia, o favorito do publico das corridas, a quem ainda não desapontou; tanto que, embora com pequenas differenças nas paradas, quantias enormes têm sido apostadas sobre elle.

"E' evidente, portanto, que para muita gente será de grande interesse impedir que *Silver Blaze* tome parte na corrida de sexta-feira.

"E' claro que em King's Pyland, onde são as coudelarias de corridas do coronel Ross, se saiba isso perfeitamente.

"Tomaram todas as precauções na vigilancia do favorito.

"O trenador João Straker foi jockey nos seus tempos; correu com as cores do coronel Ross, até se tornar pesado de mais para esse serviço.

"Como jockey serviu cinco annos e havia seis que servia como trenador, havendo se mostrado sempre um servidor zeloso e honrado.

"Tinha sob as suas ordens tres rapazes, o sufficiente para a installação que é pequena, contando apenas quatro cavallos.

"Cada noite um desses moços ficava na cavallariça e os outros dois iam dormir no palheiro. São todos tres excellentes rapazes. João Straker, casado, mas sem filhos, habitava uma pequena casa de campo, a umas cem jardas do parque da coudelaria.

"Tinha uma creada, e vivia com bastante conforto. O sitio em roda é muito solitario, mas á distancia de cêrca de uma milha para o norte, ha um pequeno agrupamento de casas edificadas por um architecto de Tavistock para doentes ou pessoas que desejam gosar o ar purissimo do Dartmoor. A propria cidade de Tavistock fica a duas milhas a oeste; e por entre a charneca, tambem a cerca de duas milhas de distancia estão as coudelarias de Capleton, pertencentes a lord Blackwater e dirigidas por Silas Brown.

"A charneca apresenta em todas as direcções um terreno inculto e bravio, servindo apenas de pousada, de quando em quando a alguns ciganos vagabundos. Aqui tem você qual era a situação no domingo á noite, em que se deu a catastrophe.

"Nessa tarde, como de costume, tinham passeado os cavallos, levando-os á agua, e ás nove horas fecharam-se as cavallariças. Dois dos rapazes foram á casa onde lhes deram de cear, na cosinha; o terceiro delles, Ned Hunter ficou de guarda.

"Minutos depois das nove, a creada levou a este, á cocheira, a ceia que nesse dia constava dum prato de carneiro com caril. Nada lhe levou para beber, porque havia na cavallariça uma torneira de agua e estava estabelecido que cada rapaz, na sua noite de serviço não beberia outra coisa.

"Como o caminho era atravez da charneca e a noite estava muito escura, a creada levava uma lanterna. E quando Edith Baxter (é o nome da creada) se achava a uns trinta passos da cocheira, surgiu-lhe, da escuridão um homem que lhe pediu que parasse.

"E como elle se detivesse dentro do circulo de luz que a lanterna projectava, verificou a rapariga que o desconhecido tinha o aspecto dum homem fino, usava polainas e trazia uma bengala pesada e de castão.

"Impressionou-a no emtanto a sua extrema pallidez e o seu estado nervoso. De idade apparentava, a seu vêr, antes para mais do que para menos de trinta annos.

— "Pode dizer-me onde me encontro? perguntou. Já me tinha resolvido a dormir na charneca quando avistei a luz da sua lanterna.

— "Está junto das cavallariças da coudelaria de King's Pyland.

— "Deveras? Mas que sorte! Dizem-me que dorme alli sozinho todas as noites um moço de cavallariça. E' de certo a ceia o que ahi leva. Ouça lá, aqui para nós: não é tão orgulhosa que não queira acceitar com que compre um vestido novo, não é verdade? E tirando da algibeira do collete um embrulhinho de papel branco concluiu: Dê isto ao rapaz, esta noite, e prometto-lhe comprar-lhe um lindo vestido."

"Assustou-a o ar serio da proposta e desatou a correr direita á janella da qual costumava passar a comida. A janella já estava aberta e Hunter, do lado de dentro, já abancado a uma pequena mesa. Acabava de contar a este o que succedera, quando o desconhecido se approximou novamente.

— "Boa noite, disse olhando para dentro; desejava dar-lhe uma palavra."

"Jura a rapariga que, emquanto elle falava, notou que lhe sahia de uma das mãos, que tinha fechada, um ponta do tal embrulhinho branco.

— "Que deseja da gente? perguntou-lhe o rapaz.

— "Coisa que pode fazer lucrar muito a tua algibeira. Ora ouve lá. Ha aqui dois cavallos contractados para a corrida da Wassex Cup, — o *Silver Blaze* e o *Bayard*. Dize-me qual é o que tem mais pro-

(*Continua na pag. seguinte*)

habilidades de ganhar, e nada perderás com isso. E' realmente verdade que, com os seus respectivos pesos, o *Bayard* póde dar ao outro de vantagem cem jardas em cinco furlongs (1), e que o pessoal das vossas cavallariças apostou sobre elle?

— "Já vejo que você é um dos taes "bookmakers" damnados (2); já lhe vou mostrar como a gente os recebe em King's Pyland". Levantou-se dum salto para soltar o cão. A rapariga fugiu para casa; mas voltando-se uma vez para traz, emquanto corria, viu que o desconhecido se curvava para dentro da janella. Porém, alguns minutos depois, quando Hunter veiu, num impeto, lá de dentro com o cão, já o não viu; andou á roda de todo o edificio em procura do homem, mas já tinha desapparecido, sem deixar de si vestigios.

— Permitta-me que o interrompa, disse eu a Holmes: quando o rapaz fugiu com o cão fechou a porta atraz de si?

— Excellente pergunta, Watson, bravo! murmurou o meu companheiro. A importancia desse facto afigurou-se-me com effeito de tal ordem, que expedi hontem para Dartmoor um telegramma especial a fim de esclarecer o assumpto. Sei já que o rapaz fechou a porta, e devo accrescentar que, pela janella não cabia uma pessoa.

"Hunter esperou que voltassem os outros dois moços, e por elles mandou contar ao trenador o succedido.

"Straker mostrou-se impressionado com a narrativa do caso; mas pareceu não lhe ter dado a sua verdadeira significação. Ficou no emtanto vagamente inquieto, e á uma hora da noite, tendo a sra. Straker acordado, reparou que seu marido se estava vestindo. A's perguntas que ella lhe fez, respondeu que não podia dormir, na anciedade em que ficara acerca dos cavallos, e que ia até ás cavallariças verificar se havia novidade.

"Pediu-lhe a mulher que não sahisse, porque sentia a chuva bater de encontro as vidraças; mas não attendendo a esse pedido, elle enfiou a capa de borracha e sahiu de casa.

"A's sete horas da manhã acordou a sra. Straker, notando que seu marido não tinha regressado. Vestiu-se á pressa, chamou a creada, e partiu na direcção das cavallariças. A porta estava aberta, e lá dentro achava-se Hunter enrodilhado numa cadeira, num estado de absoluto torpor; estava vazio o logar do cavallo favorito e não havia signaes do trenador.

"Os dois rapazes que dormiam no palheiro, por cima da arrecadação dos arreios, acordaram immediatamente. Nada tinham ouvido durante a noite; mas teem ambos o somno muito pesado.

"Era evidente que Hunter estava debaixo da acção duma droga soporifera; e como não fosse possivel fazel-o voltar a si, abandonaram-n'o ao seu torpor, e tanto a mulher como os dois rapazes partiram em procura dos ausentes.

"Ainda alimentavam a esperança de que o trenador tivesse, por qualquer razão, levado o cavallo a um exercicio matutino; mas, ao subirem a um outeiro que havia perto da casa, e do qual se avistava toda a charneca em redor, não só viram logo signaes do cavallo, mas verificaram mais alguma coisa que os avisou de que se achavam em presença duma tragedia.

"A cerca dum quarto de milha das cavallariças, agitava-se, pendurado num ramo de tojo, a capa de João Straker. Logo adiante havia na charneca uma depressão de terreno, formando uma extensa cova, no fundo da qual jazia o cadaver do desventurado trenador.

"A cabeça tinha-lhe sido partida por barbaros golpes de alguma arma pesada e estava ferido na coxa por um longo e nitido golpe, feito sem duvida por um instrumento muito afiado. Era no emtanto evidente que Straker se defendera com todo o vigor contra os seus aggressores, porque ainda segurava na mão direita uma pequena navalha, manchada de sangue até o cabo, e na mão esquerda tinha agarrada uma gravata de seda encarnada e preta que foi reconhecida pela creada, como sendo a que na vespera vira o pescoço do desconhecido que visitara as cavallariças.

Tambem Hunter, quando sahiu do torpor em que jazia, deu como positivo que era mesmo o tal homem o dono dessa gravata. Deu egualmente por certo que esse mesmo individuo, para impedir que as cavallariças ficassem vigiadas, deitara uma droga qualquer no seu caril de carneiro, na occasião em que se demorou junto da janella.

"Quanto ao cavallo que desapparecera, havia provas evidentes, na lama que cobria o fundo da fatal cova da charneca, de que elle estivera alli durante o tempo da luta. Mas desapparecera na occasião, e d'elle não tornara a haver noticia, apesar de se ter offerecido enorme recompensa a quem o encontrasse, e de estarem por isso alerta todos os ciganos do Dartmoor. Finalmente, uma analyse feita nos restos da comida deixada pelo moço da cavallariça, mostrava haver nella bastante quantidade de opio em pó, ao mesmo tempo que as pessoas de casa que haviam partilhado d'esse mesmo guizado, nada haviam soffrido com isso.

"Aqui tem você os simples factos, despidos de toda a phantasia. Agora vou recapitular qual tem sido até aqui o papel da policia. O inspector Gregorio a quem o caso foi entregue, é um homem competentissimo. Se fosse dotado de imaginação, iria muito longe no seu officio. Mal chegou, conseguiu, sem demora, prender o sujeito sobre quem naturalmente recahiam as suspeitas. Teve nisso pouca difficuldade, pois o homem é perfeitamente conhecido nos arredores. Chama-se ao que parece, Fitzroy Simpson. E' um individuo de optimo nascimento e excellente educação, que perdeu um fortuna importante no "turf" e que vive agora obscuramente do mistér de "bookmaker", agenciando apostas nos clubs de "sport" londrinos. O seu livro de apostas revelou que sommas na importancia de quinhentas libras haviam sido registradas por elle contra o "Silver Blaze". Ao ser preso declarou expontaneamente que viera a Dartmoor na esperança de obter algumas informações acerca dos cavallos de King's Pyland e tambem acerca do "Desborough", o segundo favorito que está a cargo de Silas Brown no estabelecimento de trenamento de Capleton.

"Não tentou negar que, na noite anterior, procedera conforme se contava; mas declarou que não tivera intenções criminosas, desejando apenas obter informações em primeira mão. Quando lhe apresen-

(1) Uma milha tem oito *furlongs* e cada *furlosg* tem 201m,1644.

(2) Angariadores de apostas, intrujões, que pretendem saber qual o cavallo que tem mais probabilidades de vencer, e que vendem uns papeis com os nomes dos suppostos cavallos vencedores.

taram a gravata fez-se muito pallido, e affirmou que não podia explicar como é que ella se achava na mão do assassinado. O seu casaco, que ainda estava molhado, provava á evidencia que elle andara á chuva na noite anterior á do desastre, e a sua bengala, que é um verdadeiro cacete com castão de chumbo, constitue arma sufficiente para, com repetidas pancadas, ter podido produzir os terriveis ferimentos a que succumbiu o trenador.

"Por outro lado, elle em si não apresenta ferimento algum; ao passo que o estado em que se encontra a navalha de Straker, mostra que, pelo menos um dos seus aggressores deve ter ficado marcado por ella. Aqui tem o resumo de todo esse acontecimento: e se depois d'isto me pudesse suggerir alguma luz, muito grato lhe ficaria".

Tinha escutado com o mais vivo interesse a exposição que Holmes me fizera com a sua proverbial clareza. Embora muitos daquelles pontos fossem já bem meus conhecidos, não lhes havia ligado importancia especial, nem notado a sua correlação.

— Não será possivel, lembrei, que o golpe que Straker apresenta na coxa, fosse feito pela sua propria navalha nos movimentos convulsivos que sempre se seguem a uma fractura no craneo?

— E' mais do que possivel, é provavel, disse Holmes; e n'esse caso desappareceria um dos mais importantes pontos a favor do accusado.

— Apesar disso, ainda não percebo qual a conclusão a que chegou a policia.

— Receio bem que haja fortes objecções a oppor-lhe. A policia suppõe, creio eu, que esse Fitzroy, depois de ministrar uma droga ao rapaz e de obter, de qualquer maneira, uma outra chave, abriu a porta da cavallariça, trouxe para fóra o cavallo e tentou escondel-o completamente. Tambem se deu pela falta da cabeçada, o que é tido como signal de Simpson a ter posto ao cavallo. Depois, deixando atraz de si a porta aberta, conduziu-o através da charneca, e ahi encontrou ou foi surprehendido pelo trenador. Como é natural, d'ahi proveio uma contenda. Simpson com a sua pezada bengala vasou os miolos do homem, sem que fosse attingido pela navalha que Straker usou em defesa propria; então ou o ladrão escondeu o cavallo em algum sitio escuro, ou o cavallo se soltou durante a luta e anda vagueando pela charneca. E' esta a fórma por que a policia encara o facto; e, comquanto isto seja pouco provavel, qualquer outra explicação ainda mais improvavel se afigura. Comtudo, lá me encontrando, apreciarei melhor o caso; até então, creio que nada podemos adiantar ao assumpto.

Já a tarde declinava, quando chegamos á pequena cidade de Tavistock, que se salienta como a parte convexa de um escudo, no meio da grande planicie do Dartmoor.

Eramos esperados na estação por dois sujeitos: um d'elles, um bello homem alto, de cabeça leonica, olhos azues luminosos, penetrantes de curiosidade; o outro, de estatura baixa, vivo, muito correcto e bem vestido, de sobrecasaca e polainas, pequenas suissas decorativas, e monóculo. Este ultimo era o coronel Ross, o conhecidissimo "sportman"; o outro era o inspector de policia Gregorio, um homem que estava fazendo rapidamente a sua reputação, ao serviço da policia ingleza.

— Quanto estimo que tivesse vindo, sr. Holmes! disse o coronel. Aqui está o inspector que tem feito muito habilmente tudo que tem podido; mas desejo que nada fique por tentar; quero remover céos e terra no proposito de vingar a morte do pobre Straker e de rehaver o meu cavallo.

— Ha mais algum esclarecimento sobre a questão? perguntou Holmes.

— Sinto dizer-lhe que pouco temos adeantado. Espera-nos lá fóra uma carruagem descoberta; e como provavelmente quer ver o local do acontecimento antes de escurecer de todo, pelo caminho falaremos.

Minutos depois, achavamo-nos todos sentados num confortavel "landau", rodando através da pittoresca e velha cidade do Devonshire. O inspector Gregorio estava cheio com o acontecimento e fazia-nos uma torrente de observações, emquanto Holmes só occasionalmente soltava uma exclamação ou formulava uma pergunta. O coronel ia encostado para traz, de braços cruzados, o chapéo carregado sobre a testa; eu ia escutando com interesse a conversação dos dois agentes. Gregorio ia expondo a sua theoria dos factos que era quasi precisamente a que Holmes me apresentara no comboio.

— A rêde está lindamente armada em volta de Fitzroy Simpson, dizia elle, e creio que acertamos com o homem. Ao mesmo tempo reconheço que a evidencia é puramente circumstancial, e que póde por isso surgir um novo aspecto que a deite por terra.

— O que ha a respeito da navalha de Straker?

— Chegamos á conclusão de que foi elle proprio que, na quéda, se feriu com ella.

— Isso mesmo me suggeriu pelo caminho o meu amigo dr. Watson. Se assim foi, é uma aggravante contra Simpson.

— Sem duvida. Esse não trazia navalha alguma nem tinha signal de ferimento. A evidencia contra elle é realmente muito forte: — tinha grande interesse no desapparecimento do favorito; peza sobre elle a suspeita de ter narcotisado o moço da cavallariça; provou-se que andou á chuva e que estava armado de uma pesada bengala; e a sua gravata foi encontrada na mão do assassinado. Creio que temos elementos sufficientes para o levar a um tribunal.

Holmes abanou a cabeça.

— Um bom advogado esfrangalhava tudo isso, objectou. Porque levou elle o cavallo para fóra da cavallariça? Se queria damnifical-o porque o não fez alli mesmo? Foi acaso achada em seu poder alguma navalha duplicada? Quem foi que lhe vendeu o opio em pó? E sobretudo, como poude elle, um homem estranho na localidade, esconder um cavallo como era esse? Que diz elle para explicar a historia do papel cuja entrega ao rapaz propoz á creada?

— Diz que era uma nota de dez libras. Achou-se-lhe com effeito uma na algibeira. Mas as outras objecções que o sr. Holmes apresenta, não são tão fortes como parecem. O homem não é estranho na região; já por duas vezes habitara em Tavistock, no verão. Quanto ao opio provavelmente trouxe-o de Londres. A chave póde tel-a deitado fóra depois de se servir della; e o cavallo póde estar no fundo de algum barranco ou das velhas galerias da charneca.

— Que diz a respeito da gravata?

Reconheceu-a como sua, mas declara que a tinha perdido. Porém apresenta-se no caso um elemento novo que póde explicar o facto de elle ter levado o cavallo para fóra da cavallariça.

(Continúa na pag. seguinte)

Holmes fez-se todo ouvidos.

— Ha vestigios que denotam ter um bando de ciganos acampado na charneca segunda-feira á noite, a um milha de distancia do sitio em que se deu o assassinato. Na terça-feira já se tinham ido embora. Supponha que tivesse havido qualquer intelligencia entre Simpson e os ciganos, quem nos diz a nós que, ao ver-se surprehendido, lhes não levou o cavallo, e que não é nas mãos delles que agora se encontra?

— Isso é realmente possivel.

— A charneca foi batida em todas as direcções em busca desses ciganos, e tambem revistei dentro da área de dez milhas todas as cavallariças e estabelecimentos.

— Ha aqui perto outro estabelecimento de treinamento, não é verdade?

— Ha, com effeito; e esse dado não é para desprezar. Como "Desborough", um dos cavallos dessas cavallariças, era o segundo nas apostas, havia grande interesse em fazer desapparecer o favorito. Sabe-se que o trenador Silas Brown tem feito grandes apostas sobre o resultado da corrida e que Straker não tinha nelle um grande amigo. Comtudo examinamos as cavallariças e nada encontramos que o podesse relacionar com os acontecimentos.

— E nada tambem que podesse relacionar esse Simpson com os interesses do estabelecimento de Capleton?

— Nada, absolutamente.

Holmes reclinou-se para traz e a conversação continuou.

Poucos minutos depois o nosso cocheiro estava em frente de uma bonita casinha de campo, de tijolo vermelho e telhados salientes, mesmo á beira da estrada.

A alguma distancia d'alli, no interior d'um "paddock" (1) via-se um longo edificio coberto de telha parda.

Por todos os outros lados as largas ondulações da charneca, bronzeadas pelos fetos murchos, estendiam-se até á linha do horizonte, só interrompidas pelos campanarios de Tavistock e por um grupo de casas, para o lado do poente, que indicava os estabelecimentos hyppicos de Capleton.

Saltamos todos da carruagem excepto Holmes que permanecia reclinado para traz, completamente absorvido nos seus pensamentos. Só quando lhe toquei no braço é que teve um sobresalto e desceu tambem.

— Queira desculpar-me, disse, volvendo-se para o coronel Ross, que olhava para elle um tanto sorprehendido. Estava a sonhar accordado.

Havia nos seus olhos um certo brilho e uma reprimida excitação na sua attitude que, a mim, que já conhecia a sua maneira de ser, desde logo me convenceu de que elle se apossara da chave do enigma, embora eu não atinasse com o que lhe servira de ponto de partida.

— Talvez queira antes dirigir-se ao theatro do crime sr. Holmes? observou Gregorio.

— Prefiro demorar-me aqui um pouco e esmiuçar ainda dois ou tres pormenores. Straker foi trazido para aqui, não é verdade?

— Foi. Está lá em cima. O exame judicial é feito amanhã.

Elle estava ao seu serviço ha muitos annos, coronel Ross?

— Estava, e sempre o reputei um excellente empregado.

— Presumo, inspector, que terá tomado nota do que elle tinha nas algibeiras quando foi encontrado morto?

— Tenho tudo ali na sala, se quizér vêr.

— Gostaria muito, realmente.

Entramos todos no compartimento immediato e sentamo-nos em volta da mesa do centro, emquanto o inspector de policia abria uma caixa quadrada de folha, e estendia diante de nós um monte de pequenos objectos. Eram: uma caixa de phosphoros de cêra, um pedaço de vela de cebo, um cachimbo, um sacco de pelle de phóca com algumas grammas de tabaco, um relogio de prata com corrente de ouro, um lapis de aluminio, alguns papeis e uma pequena navalha de cabo de marfim com uma lamina delicada e inteiriça em que se via a marca: *Weiss and C.º London*.

— Que navalha tão singular, disse Holmes, pegando-lhe e examinando-a minuciosamente. Creio ver nella manchas de sangue; é portanto a faca que o morto tinha ainda agarrada na mão, não é? Watson deve conhecer estas facas; são da sua especialidade medica.

— Realmente. E' uma lanceta para operar cataratas.

— Foi o que me quiz parecer. E' uma lamina muito fina e destinada a trabalhos muito delicados. Estranha escolha a desse objecto para tão rude empreza, tanto mais que se não póde trazer fechada dentro da algibeira.

— A ponta da lanceta era resguardada por um disco de cortiça, disse o inspector. Segundo soubemos pela mulher de Straker, esta navalha esteve uns poucos de dias sobre o toucador, e elle levou-a ao sahir de casa nessa noite. E' fraca arma, mas provavelmente foi a que encontrou mais á mão naquelle momento.

— E' muito possivel. De que tratam esses papeis?

(1) Cercado onde se passeia os cavallos.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON
Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactores-chefes: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 81, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

ACIDO URICO

Causa Rheumatismo, Lumbago, Dores nas Cadeiras

Se V.S. é victima do rheumatismo chronico, dores nas cadeiras, se está abatido, sem disposição para o trabalho ou para suas distracções, se dorme mal, é muito provavel que as desordens dos rins sejam a causa de seus males. Os rins são trabalham como filtros e purificadores de cada gotta de sangue que percorre o corpo. Devem expulsar do organismo todo o excesso de acido urico e outros venenos. Quando falham em suas funcções, sobrevem as dores e padecimentos.

OS MEDICOS APPROVAM ESTE REMEDIO

O seu medico dará a V.S. a sua sincera opinião sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Outros doentes que já soffreram tanto como V.S. obtiveram alivio graças a este tratamento.

E V.S. UMA VICTIMA DESTES MALES?

É necessario estimular os rins para que elles desempenhem a sua missão natural de manter o sangue livre de impurezas que causam as dores. As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, tomadas com regularidade, podem acabar com estes transtornos, pois são preparadas especialmente para as desordens dos rins e enfraquecimento da bexiga.

AS PILULAS DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 12),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

Director: Dr. Edson Amaral

Sala de endoscopia e ultra-violeta.

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystites, prostatite, inflammações do utero e ovarios) pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seis e dos orgãos genito-urinarios — Manchas e signaes da face

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar

Das 10 ás 20 horas. Telephone, 4-2087

DOMINGOS E FERIADOS, DAS 11 ás 14 horas

CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM

TOSSIA HORRIVELMENTE

MAS GRAÇAS AO MILAGROSO

JATAHY PRADO

CONSEGUI FICAR ASSIM

COMPLETAMENTE CURADO

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Os admiradores de Maria Stuart eram attrahidos por sua formosa cutis ~ ~

Com um desejo de mandar, que só era superado pelo desejo de amar, Maria Stuart, rainha da Escocia, inspirava paixões, que trouxeram morte violenta a muitos admiradores. "A sua pelle era alva—tão limpida e tão transparente—que quando bebia uma taça de vinho, podia-se ver o rubro liquido passando pela sua esbelta garganta

A sua pelle tambem fascinará quando a Senhora usar estes preparados

Uma pelle que despertava a inveja feminina e fazia bater o coração dos homens!

Que infinidade de horas não dedicavam as bellezas de antanho a realçar os encantos que a natureza lhes havia concedido!

No emtanto, a cutis que, hoje em dia, os homens mais admiram, é facilmente obtida—com os preparados Dagelle.

Em primeiro lugar, o Creme Evanescente de Dagelle empresta á face uma apparencia opalina e a prepara para o pó de arroz e a maquillage—ao mesmo tempo que a protege contra o vento, a chuva e o pó. A' noite, o Creme Perfeito de Dagelle limpa, suaviza e rejuvenesce, aformoseando o rosto durante o somno. Da manhã, uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante, fecha os poros e dá firmeza aos tecidos faciaes que estiverem flácidos, proporcionando-lhes contorno e belleza. Não hesite mais tempo—envie o coupon hoje mesmo para receber o Estojo Especial de Belleza, que contem estes excellentes preparados.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os três admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

Nome...

Rua e No...

Cidade.......................... Estado.......................... (F. F. - 5)